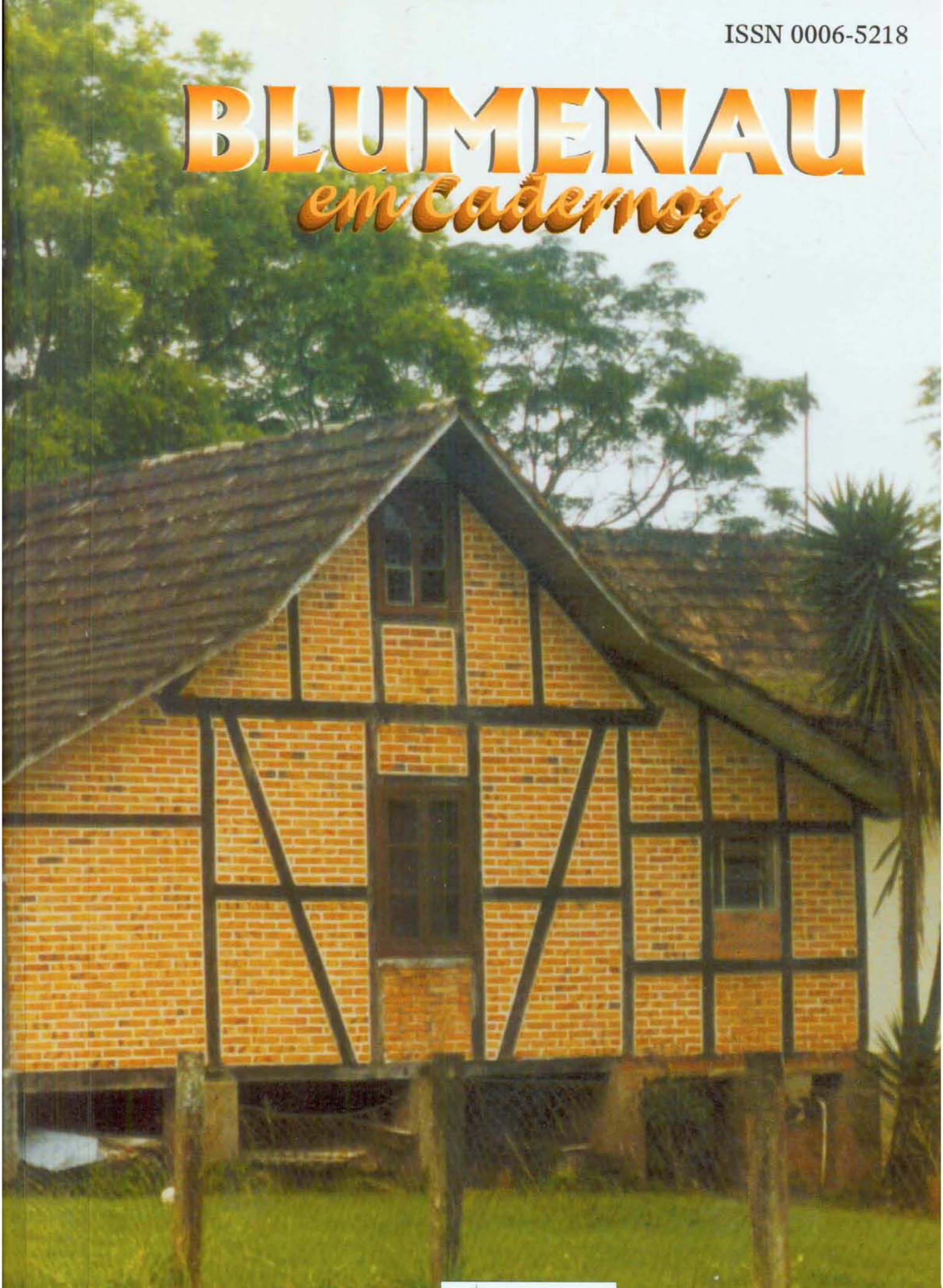
ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos



FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLV
Janeiro/Fevereiro 2004
NÚMERO 1/2

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Fundação Cultural de Blumenau

Presidente
Braulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

CULTURA EM MOVIMENTO
editora

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História - edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"
ENDEREÇO
Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425
CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC
Fone/fax: (47) 326-6990
E-Mail: *funculbl@terra.com.br*

CAPA
Arquitetura Enxaimel no Vale do Itajaí

DIREÇÃO
Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL
Cristina Ferreira (Presidente)
Annemarie Fouquet Schünke,
Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,
Méri Frotscher, Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO
Fábio Araújo Supriano

PRODUÇÃO GRÁFICA
Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO
Editora Cultura em Movimento
Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

SUMÁRIO

Apresentação 007

Artigo

A viagem centenária do Dr. Wilhelm Lacmann e as desconfianças do passado.
Lino Jão Dell'Antonio *010*

Documentos Originais

Viagens a cavalo e sesteadas no sul do Brasil - Nas nascentes do Uruguai
Tradução: Lirio Luis Volpi.. ..... *015*

Artigos

Pomerode: Tradição e cultura na rota do enxaimel.
Marlise Milchert e Cristina Ferreira. 037

Festa do Mastro de São Sebastião
Maria do Carmo Ramos Krieger e
Mônica Krieger Goulart. *054*

Um capítulo da História do Brasil: A imigração alemã no Vale do Itajaí em Santa Catarina.
Maria Luiza Renaux *061*

Memórias

Nos tempos da PRC-4.
Carlos Braga Mueller *072*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Meu amor pelo cinema.
Brigitte Fouquet Rosembrock *076*

Pesquisa & Pesquisadores

Namorar e Casar: Perspectivas de Casamento na década de 50.
Clarice Ehmke *078*

História & Historiografia

Porto de Itajaí: A porta do Vale.
José Bento Rosa da Silva. *094*

Esporte & Lazer

A Sabedoria de Paulino em chistosa entrevista a Mano Jango.
Aurélio Sada. *108*

Autores catarinenses

Garimpeiro das letras /Literatura no Entre-Rios / Perenidade da Palavra ?
Revistas, Livros e Atos / Eventos culturais
Enéas Athanázio *112*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Apresentação

A revista Blumenau em Cadernos inicia o ano de 2004, publicando textos que versam sobre colonização, memórias, entrevistas, literatura catarinense e outras questões pertinentes à história regional e de Santa Catarina.

Não é novidade afirmar que nos dias de hoje as exigências por conhecimento, informação e a pesquisa ampliaram-se de forma exponencial. Para fazer face a tal demanda, Blumenau em Cadernos tem procurado trazer uma variedade de temáticas que acreditamos irão suscitar grande interesse dos leitores e pesquisadores.

No bimestre de Janeiro/Fevereiro, o primeiro artigo é de autoria do professor e pesquisador Lino João Dell´Antônio, da Universidade de Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI / Campus - Taió), intitulado "A viagem centenária do Dr. Wilhelm Lacmann e as desconfianças do passado". Com o seu texto o autor relembra o centenário da viagem de estudos do Dr. Lacmann em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, situa dentro do contexto internacional as intenções dos viajantes estrangeiros ao sul do país. Dentro desta linha de pensamento, o autor prepara o ambiente para introduzir o texto que encontra-se publicado na coluna bilíngüe **Documentos Originais** logo a seguir.

Trata-se de um capítulo da obra "Ritte und Rasttage in Südbrasilien" (Cavalgadas e impressões no Sul do Brasil), de autoria do Dr. Wilhelm Lacmann publicada pela editora Dietrich Reimar (Ernest Vohsen). Berlin, 1906. Vale aqui registrar que esta revista publicou em 1997{tomo XXXVIII nº 11/12.p.9-}, um capítulo desta mesma obra que descreve sua passagem pelo Vale do Itajaí, mais especificamente em Blumenau. A oportunidade de conhecer mais um capítulo deste livro é um trabalho de tradução realizada pelo pesquisador e professor Lírio Luis Volpi – da Universidade de Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI / Campus - {Rio do Sul). No capítulo intitulado "Nas nascentes do Uruguai", o autor descreve a viagem realizada pelo Alto Vale, a subida em direção ao planalto, os perigos enfrentados, as condições dos caminhos, encontros

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

com descendentes de famílias alemãs, usos e costumes e outras situações vivenciadas no percurso para chegar à cidade de Lages.

Continuando com a coluna **Artigos,** a pesquisadora e professora da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Cristina Ferreira, e a acadêmica Marlise Milchert, do curso de Turismo da Asselvi, publicam "Pomerode: tradição e cultura na rota do enxaimel". As autoras, ao elaborar a pesquisa tinham como "objetivo propor subsídios para compreender o legado cultural dos imigrantes alemães na cidade de Pomerode-SC". O leitor poderá encontrar neste texto, interessantes aspectos referentes à legislação de preservação do patrimônio cultural, bem como informações em torno das construções de enxaimel e outros subsídios deste município que concentra o maior número de residências edificadas neste estilo.

A professora Maria do Carmo Ramos Krieger, juntamente com a Bacharel em Turismo, Mônica Krieger Goulart, utilizam-se da popularidade da festa católica de São Sebastião para escrever o artigo intitulado "Festa do Mastro de São Sebastião". O texto aborda uma tradicional festa que se realiza no município de Penha, (litoral norte catarinense) em pleno verão (Janeiro) e têm os veranistas como público, que atentamente assistem à ritualística da festa.

Na seqüência, a pesquisadora é doutora em História pela Universidade de São Paulo (USP) e professora de História da Universidade Regional de Blumenau (FURB), Maria Luiza Renaux , publica "Um Capítulo da História do Brasil Imperial: A imigração alemã no Vale do Itajaí em Santa Catarina". Trata-se de uma Palestra proferida no Colégio Visconde de Porto Seguro, em abril de 2003, e tinha como objetivo situar a imigração alemã e sua contribuição dentro dos diferentes contextos regionais do Brasil, no passado e no presente. O enfoque da sua fala destaca aspectos da colonização alemã e a herança da colonização européia no grande Vale do Itajaí.

Em **Pesquisa & Pesquisadores** a professora pós-graduada em nível de especialização em História e Acervos pela Universidade Regional de Blumenau, Clarice Ehmke , é a autora do texto " Namorar e Casar: Perspectiva de casamento na década de 50". Este trabalho é uma parte do resultado da sua interes-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sante pesquisa sobre as fases de preparação para o casamento e as regras de comportamento, entre os anos de 1950 e 1960. A autora, ao fazer uso da micro história, direcionou a pesquisa para uma região do Testo Salto, colonizada por imigrantes alemães a partir da segunda metade do século XIX.

Na sessão **História & Historiografia** o pesquisador e professor José Bento Rosa da Silva publica o artigo intitulado " Porto de Itajaí: A porta do Vale". O autor é professor nos cursos de História da FEBE e da UNIVALI e doutorando em História do Brasil (UFPE -PE)

A seção ***Memórias*** tem proporcionado aos nossos leitores bons momentos de leitura, onde é possível re-conhecer e re-reviver as lembranças de um tempo passado dos autores dos textos. Como a televisão na década dos anos quarenta e cinqüenta ainda não havia tomado conta dos lares brasileiros, o rádio e o cinema reinavam como diversão e arte para o grande público. O encantamento do cinema é descrito pela colaboradora da revista, Brigitte Rosembrock, sob o título de *"Meu amor pelo Cinema"*. O jornalista e escritor Carlos Braga Muller, com o texto " Nos tempos da PRC-4, descreve suas lembranças e vivências do seu tempo de radialista.

Em ***Esporte & Lazer,*** *Aurélio Sada publica "A sabedoria de Paulino em chistosa entrevista a Mano Jango". O autor descreve este personagem "Paulino" como sendo um tipo folclórico da cidade, que fez história dentro do meio futebolístico e também fora deste.*

O escritor Enéas Athanázio, em **Autores Catarinenses** apresenta autores e reúne diversas notícias sobre a literatura catarinense, bem como noticia os eventos culturais ocorridos em nosso Estado.

Finalizamos esta edição convidando os memorialistas, historiadores e pesquisadores a escreverem textos para as colunas que compõem a Revista Blumenau em Cadernos.

Sueli M. V. Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A viagem centenária do Dr. Wilhelm Lacmann e as desconfianças do passado

LINO JOÃO DELL' ANTÔNIO[1]

Comemoramos em 2003, o centenário da viagem de estudos do Dr. Wilhelm Lacmann pelo Estado de Santa Catarina, rumo ao Rio Grande do Sul. Depois de visitar as colônias do norte do Estado, passou pelo Vale do Itajaí, alcançando os campos de Lages.

As suas observações de viagem estão registradas no livro Viagens a Cavalo e Sesteadas no Sul do Brasil, impresso em Berlim no ano de 1.906. Os textos sobre o brasileiro, o teuto - brasileiro, Blumenau e a Colônia Hansa foram traduzidos e se encontram publicados na revista Blumenau em Cadernos, tomo 33, nº 11/12 de 1.997.

Em comemoração ao centenário de sua passagem pelo Estado de Santa Catarina, a citada revista publica o texto Nas Nascentes do Uruguai, documento valioso para a historiografia do Alto Vale e do Planalto de Lages.

Não pretendemos analisar seu conteúdo histórico. Nossa intenção é apenas situar essa viagem de estudos, dentro do contexto mundial, para que o eleitor entenda quais os objetivos desta viagem e quais os motivos das desconfianças levantadas, à época, em relação à política alemã, no sul do Brasil.

Durante o império, a colonização alemã sempre foi bem vista e facilitada pelas autoridades. As considerações do Barão de Rio Branco - Ministro do Exterior - proferidas em 1.889, na Exposição Universal de Paris, sintetizam, de maneira incisiva, a posição oficial.

1 Professor da UNIDAVI - Campus de Taió - SC

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

> O resultado desta colonisação official é representado por um accréscimo considerável na riqueza nacional no Brasil e o que é mais ainda, teve uma influencia moral e civilisadora sobre os districtos em que foi levada. Não se poderá apreciar no seu justo valor estes benefícios moraes, porém, toda a gente pode constatar o seu effeito. Basta dizer que, nas regiões outrora deshabitadas, ou apenas occupadas por alguns habitantes que se achavam separados do resto do mundo, n'um estado de abandono que parecia dever leval-os ao estado selvagem, conta-se hoje (1.889) quase 250.000 brasileiros de origem germânica, dos quais uma parte conserva ainda a língua e os costumes de seus pais e que, no seu novo meio, tem contribuído muito para o avanço da civilisação. (FORJAZ, 1.928, p. 07)

No fim do século XIX, com a crescente industrialização e a necessidade de mercados, as rivalidades imperialistas entre as potências européias, ameaçavam a paz mundial. Para a Alemanha pouco restava na África e na Ásia, pois as melhores áreas já tinham sido incorporadas ao império britânico e francês. A complexa personalidade do Kaiser Guilherme II, dinâmica mas inconstante, conseguiu com suas ameaças ambiciosas, que esses dois impérios, até então rivais, se unissem, numa estreita amizade. Restava à Alemanha no início do século, incrementar o seu florescente comércio. Em 1.893, fundou-se a Liga Pangermânica. O desenvolvimento vertiginoso da frota naval mercante alemã abalou o forte sentimento inglês que há séculos mantinha a supremacia comercial mundial.

Inevitavelmente, no Brasil, que econômica e politicamente estava alinhado com a Inglaterra e culturalmente com a França, foram vistos com muita desconfiança, os financiamentos alemães no sul do Brasil para a construção de escolas e fundação de periódicos que visavam manter vivas a língua e a cultura e, em decorrência, incrementar ainda mais o comércio.

Lacmann, ao rebater certas notícias, que lera em jornais teuto-brasileiros, que insinuavam como viável a anexação de parte do território brasileiro, afirma que elas não têm qualquer fundamento e só causam prejuízo irremediável para a colonização germânica e continua: *"a importância do sul do Brasil para a Alemanha não está no campo político, mas sim no setor econômico."* (LACMANN, 1.997, p. 33).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Todas estas informações contraditórias e tendenciosas do início do século XX, além de reflexos da corrida colonialista das nações européias na África e na Ásia, eram um jogo de interesses econômicos. Os números não mentem. Em 1.907, 51,3% das importações de Santa Catarina provinham da Alemanha, 13,5% da Inglaterra, 6,4% dos Estados Unidos, 18,1% da Argentina e 10,7% de outras procedências. Das 10 (dez) maiores empresas catarinenses, 09 (nove) se localizavam em municípios onde predominava a colonização alemã.

O comércio alemão, à época, era um autêntico sistema. As três idéias que o definem estavam concretizadas na sua organização: as partes, a inter-relação entre elas e o todo organizado. Lacmann é um desses técnicos que fazem a complicada tarefa de inter-relação das partes, visitando empresários, colonos, cônsules, fiscalizando o trabalho das companhias, verificando possibilidade de novos investimentos e dando sugestão ao governo: *"a conservação da cultura alemã é uma garantia para a continuação deste comércio"*. (LACMANN, 1.997, p.33). Portanto, a política imperialista da Alemanha, no início do século XX, é comercial e jamais poderia ter sido vista *"como atentado à integridade nacional"*. (MIRA, 1.916, p. 23).

Aqueles que mistificaram a Primeira Guerra Mundial para a defesa da civilização e da humanidade se equivocaram. Foi um choque violento de interesses comerciais ante a preponderância comercial da Alemanha em todo o mundo. São oportunas as palavras de Mário Pinto Silva.

> O espírito scientifico caracterisa essencialmente o povo allemão (...) caracterisa-o também um espírito rigoroso de disciplina, de ordem, de methodo, de cooperação harmônica, de subordinação individual aos fins nacionaes e por isso, na luta econômica a sua victoria era, como foi, inevitavelmente, emquanto os outros povos não se apoderavam de iguaes methodos (...). O que aos outros povos cumpre fazer é estudar e imitar os seus processos econômicos e o seu methodo paciente e rigoroso de determinismo scientifico, e sobretudo, a sua integral, perfeita, completa e formidável organização pedagógica, essência única da robutez alleman, arcabouço indestructível de sua formidável energia. (SERVA, 1.920, p. 267-269).

Concluindo, estas colocações que fizemos deste despretensioso trabalho, somos forçados a afirmar que, alguns, como Lacmann, no anonimato,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

enfrentaram perigos e dificuldades para manter viva uma chama, com disciplina, com organização, com livros, com métodos e também com uma certa dose de superioridade racial. Outros pretenderam moldar o mundo à força, fechando escolas e generalizando casos particulares para confirmar suas pretensões, em nome de um pretenso nacionalismo, construído sobre o analfabetismo da maioria.

Teria sido fácil conciliar as duas posições, evitando ódios, injustiças, aproveitando o que cada parte tinha de bom, se o choque de interesses econômicos de outros países não tivesse sido tão violento, ao ponto de prejudicar, de modo irremediável, o progresso da nossa região. Um exemplo, apenas, concretiza e conclui o nosso pensamento. Quem analisar atentamente o texto de Lacmann "A Colônia Hansa" e o comparar com o da "A Estrada de Ferro de Santa Catarina" de Frederico Kilian, em entrevista com o Sr. Otto Rohkohl, publicado na revista Blumenau em Cadernos, em dezembro de 1.957, deduzirá que Lacmann foi uma peça fundamental da engrenagem que fundou em 1.906, em Berlim, a empresa Estrada de Ferro Santa Catarina Sociedade Anônima, que sob a direção do Banco Alemão, de outros bancos menores, das empresas de navegação marítima alemãs, visava a sua construção e conseqüente exploração. Infelizmente, esta estrada de ferro, que dinamizou o desenvolvimento de todo o Vale do Itajaí, seguindo a rota natural leste-oeste da colonização, pelo Decreto n.º 13.907 de 06 de janeiro de 1.918, por causa de uma guerra de interesses comerciais de outros países, foi encampada pelo Governo Federal e que depois ... faliu. Hoje, a gente sente a sua falta e também saudades, pois, por aqui, o trem já passou. Infelizmente.

"Saudade é a luz da lua.
Luz que a tristeza gelou,
A iluminar os caminhos,
Por onde o sol já passou"
(Djalma Andrade, Versos Escolhidos)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

REFERÊNCIAS

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre ontem e amanhã**: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajaí: UNIVALI, 2.000. 416p.

FORJAZ, Djalma. **Centenário da colonisação allemã**: Rio Negro e Mafra. Curitiba: Olivero, 1.929.

KILIAN, Frederico. A ESTRADA DE FERRO DE SANTA CATARINA. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, tomo 1 n. 2, p. 29-32, dez. 1957.

LACMANN, Wilhelm. CAVALGADAS E IMPRESSÕES NO SUL DO BRASIL. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, tomo 33 n.11/12, p. 9-55, nov./dez. 1.997.

MIRA, Crispim. **Os alemães no Brasil**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1.916.

MISANTHROPO(O). O GÊNIO COMMERCIAL DA ALLEMANHA. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 56, p. 267-269, ago. 1.920.

SERVA, Mário Pinto. SIENCIA ALLEMÃN. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 55, p. 266-269, jul. 1.920.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Documentos Originais - *Artigos*

Viagens a cavalo e sesteadas no Sul do Brasil - Nas nascentes do Uruguai

TEXTO: DR. WILHELM LACMANN[1]

Chuva. Chuva sem fim registra meu diário do mês de agosto. Em Santa Catarina, julho e agosto é a temporada de chuvas com maior duração, embora não tão comentadas como as chuvas da zona tropical propriamente dita. Choveu muito durante o ano de 1903, no sul do Brasil. Mesmo com alguma interrupção, no Braço do Norte, esperei durante semanas pela melhora do tempo, para prosseguir minha viagem.

Meu próximo destino era a cidade de Lages, que fica no planalto oeste da Serra do Mar, perto dos limites do sul do Estado. Com esse tempo chuvoso não tinha nenhum sentido começar a cavalgada. A comunicação com o planalto estava de tal maneira interrompida, que algumas pessoas, que desceram o Ribeirão do Bugre com animais muito cansados, contaram histórias fantásticas sobre as condições da estrada.

O tempo não queria melhorar. Mas, à tarde, deveria acontecer uma mudança, segundo minha experiência européia. Eu estava certo. Ao acordar, havia uma esperança à vista. O dia amanheceu sorridente e ensolarado na floresta. Então, foi como se tivesse saído da água para a pousada. Assim é imprevisível o tempo no Brasil e cheio de certezas lendárias, com as quais os nativos estabelecem vários e inoportunos prognósticos. Eles prevêem o tempo que fará durante o dia, inclusive na hora seguinte. Quando vai parar ou recomeçar. Quando o céu estará encoberto. Quando fará sol novamente.

Eu estava pouco interessado na exatidão des-

[1] Tradução: Prof. Lírio Luís Volpi - UNIDAVI - Rio do Sul

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Ins Quellgebiet des Uruguay

„Regen, Regen und kein Ende", meldet mein Tagebuch aus dem Monat August. Juli und August sind in Santa Catharina die Zeit der längsten Regengüsse, wenn auch nicht eine so ausgeprägte eingentliche Regenzeit, wie sie in den tropischen Breiten herrscht. Und das Jahr 1903 war in Südbrasilien noch besonders naß. Ich weite nun schon wochenlag - wenn auch mit einigen Unterbrechungen - am Nordarm und wartete nur auf günstige Witterung, um meine Reiße fortzusetsen.

Mein nächstes Ziel war die Stadt Lages, die auf dem Hochlande westlich der Serra do Mar nahe der Südgrenze des Staates liegt. Bei diesem Wetter jedoch hatte es gar keinen Sinn, den Ritt zu beginnen. Der Verkehr mit dem Hochlande war überhaupt so gut wie völlig unterbrochen, und die paar Leute, die mit abgetriebenen Tieren nach Bugerbach hinunter kamen, wußten von dem Zustand des Weges Schauergeschichten zu erzählen.

Und das Regenwetter wollte und wollte nich aufhören. Mochten sich am Abend die Witterungsanzeichen all meiner europäischen Erfahrung nach so günstig gestalten wie wollten, ich war sicher, bein Erwachen in ein rieselndes Grau zu blicken. Lockte mich aber einmal ein lachender, sonninger Morgen in den Wald, so langte ich gewiß wie aus dem Wasser gezogen wieder im Wirtshaus an. So unberechenbar demnach unsereinem das brasilische Wetter erscheint, so fabelhaft ist die Bestimmtheit, mit der die Einheimeischen nach allerhand Anzeichen ihre Prognofe stellen. Sie sagen auf Tage hinaus und fast auf die Stunde voraus, wann der Regen aufhören und wieder beginnen, wann bedeckter Himmel und wann Sonnenschein sein wird.

Da dieße Prognoßen stets verkehrt find, so ließ ich ich es mich wenig anfechten, daß man mir weitere wochenlange Regengüsse voraussagte, als ich endlich an einem halbwegs klaren Nachmittag der Kolonie Hansa Lebewohl sagte und in der Richtung auf Bugerbach davontrabte. Jetzt hieß es, Begleiter für den kommenden Ritt finden. Denn das verhältnismäßig mühelose Reisen, wie es in den deutschen Kolonien ist, hörte auf. Der Weg nach Lages durch die Wildnisse der Serra do Mar und duch menschenarmes Kampland. Man muß also ein Lasttier mit Zelt und Lebensmitteln mitführen. Auch ist das Reisen zu mehreren schon wegen der Bugergefahr zweckmäßig. Gewöhnlich schließt sich der einzelne Reisende für solche Ritte einer Tropa an. Ich habe diefe früherer Gelegenheit. Sie entsprechen etwa den Karawanen des Orients. Zwischen dem

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ses prognósticos, que anunciavam várias semanas de chuva. Finalmente, à tarde percebi com alegria que eu estava a meio caminho da colônia Hansa. Trotei na direção do Ribeirão do Bugre. Agora é imprescindível encontrar um companheiro para a cavalgada que está por vir. A viagem relativamente confortável, que só é possível nas colônias alemãs, terminou. O caminho para Lages conduz através da floresta da Serra do Mar e através de campos, onde vive gente pobre. Por isso, é preciso um animal de carga para levar a barraca e as provisões. Também é conveniente viajar junto com mais pessoas por causa do perigo dos nativos. Quase sempre o viajante solitário junta-se a uma tropa. Já falei dessas tropas, em outra oportunidade. Elas correspondem mais ou menos às caravanas do Oriente. Entre o planalto de Lages e as regiões vizinhas circulam inúmeras tropas. Elas levam para fora do planalto os rebanhos de gado, de cavalos e de mulas e trazem para dentro as mercadorias necessárias, para a região do campo. O transporte de bens acontece através de bestas de carga. As mulas também ajudam. Raramente, os cavalos, porque poucos colonos os possuem. A carga é dividida em dois fortes sacos de couro de boi ou cestos de taquara, proporcionalmente divididos e presos à cangalha. O peso médio que um desses burros carrega é de seis arrobas ou de noventa quilos. Cada tropa é abastecida com alimentos - carne seca, toucinho, feijão, arroz, farinha, café, açúcar - e leva uma barraca consigo. Durante o inverno, cessa a movimentação de tropas. Elas retornam logo que começa o tempo bom do ano, quando as estradas secam e a vegetação de novo traz boas pastagens, com as chuvas que voltam.

Eu tinha intenção, assim que possível, juntar-me a uma tropa, mas eu queria escolher bem. Quando cheguei à cervejaria Hosang, perto do ribeirão da cidade, o proprietário me comunicou que na tenda ao lado, havia dois alemães, que nos próximos dias viajariam para Lages. Eu fui até lá e os conheci. Um deles, Bruno Heidrich, era filho de um fabricante de cerveja, estabelecido em Lages. Ele tinha ido buscar mercadorias em Blumenau e estava voltando para casa. O outro, chamado Ziemat, era um comerciante, que comprava cavalos e bestas de carga no planalto. Heidrich tinha consigo um peão brasileiro e uma besta de carga, que além das mercadorias, carregava uma barraca e os alimentos. Dois cachorros acompanhavam a comitiva. Eu entrei como o terceiro participante do grupo de viagem. Nós confirmamos a viagem, na mesma tarde,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Hochland von Lages und den angrenzenden Gebieten verkehren unzählige dieser Truppen. Sie bringen den Ertrag des Hochlandes, vor allen goße Herden von Rindvieh, Pferden, Maultieren nach auswärts und holen den Warenbedarf jenes Kampgebietes heran. Die Beförderung der toten Güter geschieht durch Saumtiere. Hierzu dienen durchweg Mulen, seltener Pferde, da diese weniger Ausdauer besitzen. Die Ladung wird in zwei mächtige rindslederne Säcke oder Körbe von Taquara=Rohr gleichmäßig verteilt und auf einem mit zwei Aufhängepflöcken versehenen Tragebock, der „Kangalje", befestigt. Das Durchschnittsgewicht, das ein auf diefe Weise bepackter Esel trägt, find sechs Aroben, d. h. Etwa neunzig Kilogramm. Jebe Tropa ist mit Lebensmitteln - getrockneten Fleisch, Speck, Bohnen, Reis, Farin, Kaffee, Zucker - versehen und führt ein Zelt mit sich. Während der Winterzeit schläft der Tropa=Verkehr ein. Erst mit Beginn der guten Jahreszeit, wenn die Wege trocknen und das Gras wieber kräftigeres Futter liefert, wird er wieder rege.

Ich hatte die Absicht, mich sobald als möglich einer Tropa anzuschließen, aber ich sollte es besser treffen. Als ich in der Hosangschen Brauerei in Bugerbach eintraf, teilte mir der besitzer mit, in der Vende nebenan seien zwei Deutsche, die am nächsten Tage schon nach Lages wollten. Ich ging hinüber und machte die Bekanntschaft der beiden. Der eine, Bruno Heidrich, war der Sohn eines in Lages ansässigen Bierbrauers; er hatte von Blumenau Waren geholt und befand sich jetzt auf der Heimreise. Der andere war ein Händler, Namens Ziemat, der auf dem Hochlande Pferde und Maultiere Kaufen wollte. Heidrich hatte einen brasilischen Knecht und ein Lasttier mit, das außer den eingekauften Waren ein Zelt und Lebensmittel trug. Zwei Hunde begleiteten die Gesellchaft. Ich trat als Dritter in die Reisegesellschaft ein, wir besiegelten noch am selben Abend die neu geschlossene Bekanntschaft mit einem solennen Skat und haben nachher gute Reisekameradschaft gehalten.

Um folgeden Morgen - es war der 27. August - brachen meine Begleiter schon in aller Frühe auf, weil man schwer beladene Lasttiere nur Schritt gehen läßt. Ich machte mich erst viel später auf den Weg, nachdem ich zuvor noch meinem Pferd die Eisen hatte nachziehen lassen.

Ich ritt den am Tage vorher durchmessenen Weg wieder zurück bis zur Fährstelle, auf deren entgegengesetzer Seite die Straße nach Hammonia abgeht. Von dort folgte ich dem Hauptstraßenzuge, der, den Westarm des Itajahy begleitend, die Höhe des Subidaberges hinansteigt. Der Weg ist der beste, den ich in Santa Catharina gefunden habe. Der Grund hiervon liegt einmal in dem

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

durante um agradável jogo de cartas e assim nos tornamos bons companheiros de viagem.

Na manhã seguinte, 27 de agosto, os meus dois companheiros acordaram bem cedo. Os animais muito carregados só podiam viajar devagar, a passo. Eu comecei a viagem bem mais tarde, depois que mandei trocar as ferraduras do meu cavalo.

Eu viajei, já dia claro, através de uma picada de medição de terras, passando pelo lugar da travessia com balsa, no lado oposto da estrada que leva a Hammonia. Segui a estrada de ferro, que acompanha o Rio Itajaí do Oeste e que leva ao alto do morro da Subida. O caminho é o melhor que encontrei em Santa Catarina. A razão disso é o baixíssimo tráfego de veículos deste pouco habitado trecho. Outra razão é a constituição pedregosa do solo. Esta solidificação faz com que a estrada oponha forte resistência às influências atmosféricas, ao contrário dos caminhos construídos sobre argila pura, cujo estado precário muitas vezes levam carroceiros, cavaleiros e pedestres menos avisados, para o fundo do abismo. Com uma longa infinidade de curvas e de pequenas sinuosidades, a estrada da Subida se arrasta para cima. De vez em quando, aparece uma ponte construída sobre os murmurantes ribeirões da montanha, que através de encostas de rochas cortantes, entalhadas e íngremes, às vezes, despencam em quedas verticais, em direção ao vale. Cá e lá também aparecem vastos clarões no céu. Raios de sol ao longe e repentinamente lá em baixo, nas águas do Itajaí, cujas espumas brancas reluzem no abismo azul sombreado. Após o morro da Subida, a estrada segue adiante, alternando-se em moderadas subidas e descidas, até desaparecer no fundo do vale. Logo após o meio-dia, eu alcancei meus dois companheiros. No fim da tarde, chegamos juntos à propriedade de Henrique Schröder. Aí passamos a noite.

Na manhã seguinte, bem cedo, partimos novamente. A boa estrada que tanto nos alegrara, logo acabou. Agora, na selva, nada mais necessária que uma larga espada. O caminho tornou-se tão difícil, que a gente só acredita vendo com os próprios olhos. O cavalo se afundava no lodo até acima dos joelhos. Às vezes, o lamaçal alcançava a barrigueira. Passo a passo, sempre passo a passo, ia-se adiante. Às vezes, a lama dominava um longo trecho, interrompido por uma soleira de terra firme, sobre a qual o animal atravessava com passos largos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ziemlich geringen Wagenverkehr dieser wenig bewohnten Strecke, auf der andern Seite in der Kieshaltigkeit des Bodens; sie bewirkt, daß die Straße den Einflüssen der Witterung einen stärkeren Widerstand entgegensetzt, als die anderwärts auf reiner Lehmerde gebauten Wege, deren Zustand oftmals Fuhrmann, Reiter und Fußgänger in helle Verzweiflung bringt. In einer Anzahl langer Schleifen und kleinerer Krümmungen zieht die Subidastraße gleichmäßig aufwärts. Dann und wann führt eine stark gemauerte Brücke über einen der brausenden Bergbäche, die durch scharf eingeschnittene Felsschluchten in steilem, bisweilen Gefälle zu Tale eilen. Da und dort auch bietet sich eine weite Ausschau in lichte, sonnige ferne oder jäh hinunter in die Wasser des Itajahy, die weißschäumend aus blau beschatteter Tiefe hervorleuchten. Auf der Höhe des Subidaberges angekommen, zieht die Straße im Wechsel von mäßigem Bergauf und Bergab weiter, um sich schließlich wieder der Talsohle zuzusenken. Kurz nach Mittag hatte ich meine Gefährten eingeholt und gegen Abend trafen wir gemeinsam an dem Anwesen von Heinrich Schröder ein. Dort blieben wir über Nacht.

Ziemlich zeitig fand am nächsten Morgen der Aufbruch statt. Die gute Straße, deren wir uns gestern erfreut hatten, hörte bald auf, und der Weg - eingentlich nichts als ein breiter Durchhau durch den Urwald - begann in jene typisch=brasilische Gestalt überzugehen, deren man mit eigenen Augen ansichtig geworden sein muß, um sich einen Begriff von ihr zu machen. Gegenwärtig zumal befand sich der eben vergangenen langen Regenzeit halber der Zustand des Weges noch ein gut Stück unter seinen Durchschnittswert. Fast möchte ich an dem Unterfangen, ihn zu schildern. Bis über die Knie, oft bis an den Sattelgurt reicht dem Gaul der Schlamm. Schritt für Schritt, nur immer Schritt für Schritt geht es vorwärts ist der Morast auf lange Strecken durch eine Art von Schwellen fester Erbe unterbrochen, über welche die Tiere mit langen Schritten hinwegtreten. Jetzt plötzlich sinkt der Gaul mit der rechten Seite bis zum Bauchgurt in den Schlamm. Eine gewaltige Anspannung der Sehnen, ein Ruck - der Reiter glaubt sich befreit. Mein! Jetzt bricht die ganze Vorhand in eine „Pantane", eines der tückischen Sumpflöcher. Vielleicht bringt eine wiederholte Anstrengung das Tier frei. Vielleicht auch nicht. Verliert auch die Hinterhand in dem durchweichten Boden den Halt, so sitzt der Gaul fest. Namentlich bei den Lasteseln und=pferden kommt dies oft genug vor. Dann gilt es für die Tropeiros, das Tier mit den Lassos aus dem Sumpfe zu befreien, und oft dauert es stundenlang, bis die ganze Truppe eine derartige Wegestelle passiert hat. Auch kommt es wohl vor, daß ein ein müdes Tier überhaupt nich mehr aus der Pantane

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

De repente, o cavalo afundava as patas na lama. Um poderoso esforço do tendão, um arranque. O cavalo parecia livrar-se, mas não! A pata dianteira afundava-se num outro pantanal ardiloso. Talvez mais um esforço livraria o animal. Talvez não... As patas traseiras também perdiam o apoio no chão lamacento. O cavalo ficava atolado. Com a ajuda da besta de carga e dos cavalos, quase sempre conseguia sair. Às vezes, os tropeiros com laços também ajudavam a puxar o animal para fora. A passagem da tropa demorava horas. Muitas vezes, um animal cansado, não conseguia mais sair. Morria ali miseravelmente de fome. Nós mesmos encontramos uma tropa e vimos um de seus animais, completamente coberto de lama, extenuado, quase morto, ser arrancado do atoleiro. Apeamos. Procuramos, na beira do mato, uma infinidade de ramos e com eles preparamos uma passagem firme dentro do lamaçal, para os nossos animais. Sem a nossa ajuda, ultrapassaram o atolador. Em outros lugares, o caminho era cortado por longos sulcos, em cujas beiradas o cavaleiro precisava cuidar onde afirmar os pés. Havia trechos, em que o espírito humano veio ajudar a insensatez da natureza. Um caminho feito de estivas. É a mistura de lama movediça, sobre a qual são colocados paus roliços, atravessados no caminho em forma de cruz, de maneira bastante complicada. Há riscos do cavalo fraturar a perna. Era um alívio quando os cavalos e os ossos dos humanos se livravam do obstáculo. Mais adiante, uma nova prova. Uma ponte parcialmente destruída. Por toda parte, havia lugares suspeitos, banhados encobertos, sem condições de identificá-los. E assim por diante: pântanos, atoleiros com estivas, pontes caídas: pontes caídas, atoleiros com estivas, pântanos. Depois de tudo isso, na tarde do nosso segundo dia de viagem, os céus nos premiaram com uma demorada e gigantesca trovoada. Assim, até um santo aprende a praguejar!

Pela manhã, bem cedo, em uma balsa, atravessamos o braço sul do Rio Itajaí, bem perto de sua desembocadura. Alcançamos o braço oeste. Pela meia-tarde, excepcionalmente, encontramos uma ponte em bom estado sobre o rio Trombudo. Pelo fim da tarde, cavalgamos até Bracatinga. Para ajudar as tropas em viagem na floresta, não muito longe dali, havia uma clareira, com exuberantes pastagens espalhadas cá e lá. Estes acampamentos são freqüentes por aqui. Sempre sob copiosa chuva, armamos nossa barraca. Era uma habitual barraca de viagem brasileira: dois lados colocados em diagonal, um lado de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

herauskommt und elend verhungern muß. Wir selbst begegneten einer Truppe, die eben eines ihrer Tiere über mit Schlamm bedeckt und zu Tode erschöpft aus dem Sumpfe hervorbrachte. Wir saßen ab, schlugen am Waldrande eine Anzahl Zweige und bereiteten damit einen halbwegs festen Uebergang, an dem unsere Tiere samt und sonders ausbrachen, um sich mitten in den Morast hinein und merkwürdigerweise ohne unsern Beistand wieber heraus zu arbeiten. An andern Stellen ist der Weg von tiefen Längsfurchen durchzogen, vor deren Rändern der Reiter seine Füße schützen muß. Doch das will nicht viel bedeuten. Jetzt aber kommt eine Strecke, an der Menschenwitz der unvernünftigen Natur zu Hilfe gekommen ist. Ein Knüppeldamm. Was diesen hochtrabenden Namen führt, ist ein Gemisch von grundlosen Schlamm und kreuz und quer liegenden Holzscheitern, die den Gaul mit jeglicher Form komplizierter Beinbrüche bedrohen. Schon atmet der Reiter, der seine sämtlichen Pferde und Menschenknochen heil über das Hindernis hinweggebracht hat, erleichtert auf. Da harrt seiner eine neue Probe: eine halbverfallene Brücke, deren verdächtige Stellen er des überdeckenden Schlammes wegen nicht zu erkennen vermag. Und so geht es weiter: Pantanen, Knüppeldämme, Brückenruinen; Brückenruinen, Knüppeldämme, Pantanen. Gesellt sich zu alledem noch ein anhaltender Rieselregen, wie er uns am Nachmittag unseres zweiten Reisetages vom Himmel beschert ward, so könnte dabei ein Heilliger das Fluchen lernen.

Am frühen Vormittag hatten wir den Südarm des Itajahy unweit seiner Einmündung in den Westarm auf einer Fähre gequert, um die Mittagszeit überschritten wir auf einer ausnahmsweise guten Brücke den Trombudo und gegen Abend durchritten wir den Bragatingo. Nicht weit davon liegt eine der grasbewachsenen Lichtungen, wie sie da und dort in den Wald geschlagen sind, um den reisenden Truppen als Lagerplätze zu dienen. Hier schlugen wir, immer noch bei rieselndem Regen, unser Zelt auf. Es war eine der üblichen brasilischen Reife= „Baracken", d. h. es bestand aus zwei schräg zu stellenden Seitenwänden und einer Rückwand und wurde dementsprechend durch zwei senkrechte Stangen und eine Längsstange gestützt. Hierzu dienen Aeste oder dünne Stämme, die man gewöhnlich von früheren Lagern her am Platze vorfindet. Gespannt wird das Zelttuch in der Weise, daß man es mit einer Reihe am Saum befestigter Schlaufen in kleine, spitzwinklig in den Boden getriebene Pfähle einhakt.

Bald barg die wasserdichte Leinwand unser Sattelzeug und die Ladung des mitgeführten Lastesels. Dürres Holz war schnell gesammelt, das Feuer ging zum Glück trotz des Regens schnell an, und als wir aus dem trockenen Zeltinnern

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

fundo e escorada por duas varas verticais e uma vara em cima. Além disso, acompanhavam finas hastes, geralmente encontradas ali por acampamentos anteriores. O pano da barraca é esticado de forma que uma corda é fortemente amarrada na orla e enganchada em estacas inclinadas, fincadas no chão.

A lona protegia nossos arreios e os apetrechos de viagem da densa chuva. Lenha seca foi amontoada às pressas. O fogo, por sorte pegou logo, apesar da chuva. Dirigimo-nos do interior da barraca, junto ao fogo e degustamos uma feijoada com toucinho e pedaços de carne com osso. As fadigas do dia foram compensadas. Deixamos nossos animais andarem soltos, à procura de alimento. Esta prática é normal, pois é próprio dos animais procurarem os antigos lugares de pastagens por onde já passaram. É fácil trancar com varas os caminhos de saída, na mata fechada.

Os arreios brasileiros são ótimos. O acampamento é montado de maneira excelente. A forte forração de couro - a carona - é estendida aberta no chão e forma uma proteção especial contra a umidade da terra. Depois são colocadas as partes macias dos arreios - a badana e a seladura. O baixeiro, proporcionalmente dividido, serve como travesseiro e a capa de chuva, feita de lã e o poncho, como cobertores. Como eu não tinha nenhum arreio brasileiro, os meus companheiros me ajudaram a ajeitar o meu lugar. A compra de um arreio alemão, em vez do tradicional da terra, foi um erro que cometi, diante da primeira oferta.

Ao alvorecer, já estávamos acordados. Agora é o tempo mais perigoso para os viajantes. Os índios da selva brasileira fazem seus ataques, na maioria das vezes, no começo do dia. Uma infinidade de cruzes lembra as vítimas de tais ataques, que podem ser vistas bem perto do nosso caminho. Às vezes, o bugre ataca sozinho, embora tenha medo da arma de fogo. Ele sabe armar sua emboscada de maneira inteligente. Quando o viajante necessita dar sua atenção ao péssimo caminho, a mortal e indefensável flecha já caiu sobre a vítima.

Com o perigo dos índios e também com a ameaça de outros bandoleiros, ninguém viaja despreocupado, através da região. O tropeiro carrega o facão - a arma do mato - e revólver na cinta. A tropa também é acompanhada por cães de guarda. Quando eles começam a latir e pular nas pernas da gente, significa que há índios nas proximidades. O rasto dos botocudos é reconhecido

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ins behagliche Lagerfeuer schauten und dem Brodeln des mit Speck und schwarzen Bohnen gefüllten Kochtopfes lauschten, waren Mühsale des Tages aufgewogen. Unfere Tiere hatten wir, wie dies dort zu Lande allgemeiner Brauch, frei laufen lassen, damit sie sich ihr Futter suchten. Dem Tieren etwa innewohnenden Bestreben, nach ihren früheren Weideplatze zurückzukehren, läßt sich hier im dichten Walde leicht ein Hemmnis entgegensetzen, indem man den hinteren Wegausgang mit Baumstämmen und Aesten verrammelt. Zeitig streckten wir uns auf die Lager, die sich aus dem brasilischen Sattelzeug vortrefflich herstellen lassen. Die mächtige lederne Unterdecke, die Garonne, wird auf den Boden gebreitet und bildet einen vorzüglichen Schutz gegen die Feuchtigkeit der Erbe. Dann kommen die weichen Teile der Sattelung, namentlich der Fellbeleg des Sattelrückens. Der niedere, nach unten gleichmäßig abschneidende Sattelbock dient als Unterlage für den Kopf, der wollene Reitmantel, der Poncho, als Decke. Da ich selber kein brasilisches Sattelzeug hatte, so halfen mir meine Begleiter mit dem ihrigen zur Herstellung meines Lagers aus. Die Anschaffung eines deutsches Sattelzeuges statt eines der Iandesüblichen war ein Mißgriff gewesen, den ich bei nächster Gelegenheit gut machen mußte.

Mit dem Morgengrauen waren wir munter. Jetzt ist für dem Reisenden die gefährlichste Zeit. Denn die Indianer des brasilischen Urwaldes führen ihre Ueberfälle meist mit beginnendem Tage aus. An die Opfer solcher Ueberfälle erinnert eine Anzahl von Kreuzen, die späterhin an unserm Wege oder unweit davon zu sehen find. Offenen Angriff wagt der Buger seltem oder nie. Denn vor der Feuerwaffe hat er eine heillose Furcht. Er weiß seinen Hinterhalt so geschickt zu wählen, daß der Bedrohte, deffen Aufmerksamkeit ohnehin schon durch den schlechten Weg in Anspruch genommen ist, die Gefahr meist nicht zu erkennen vermag und dem langen, gefiederten Pfeil wehrlos zum Opfer fällt. Infolge der gefahr, die von den Indianern und übrigens auch von seiten mancherlei andern Gesindels droht, reist niemand unbewaffnet durchs Land. Der Tropeiro führt stets Säbel oder Waldmesser und Revolver am Gurt. Auch ist jebe Truppe von wachsamen Hunden begleitet. Beginnen sie zu winseln und den Menschen zu drängen, so deutet dies darauf hin, daß Indianer in der Nähe sind. Die Spur der Botokuden erkennt man an der nach auswärts gerihteten großen Zehe. Diese Stellung soll daher rühren, daß die Wilden beim Spannen ihrer mächtigen Bogen zur Ausübung größerer Gewalt die große Zehe auf das untere Ende des Bogenholzes drücken.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

pelo polegar do pé, voltado para fora. Para reunir mais força, os selvagens apertam para baixo a parte inferior do arco com este dedo. Daí, o desvio.

Mais tarde, em Lages, os tropeiros, que passaram logo depois de nós, confirmaram ter encontrado, no meio do caminho, o cadáver de um homem, provavelmente assassinado pelos índios. Portanto, o ataque deve ter acontecido logo depois que passamos. Mais tarde, o jornal Riograndense, confirmou a notícia de vários ataques de bugres, entre Lages e Blumenau.

O nosso peão levou os cavalos e as mulas junto da barraca. Permaneceram parados. É próprio do animal seguir os condutores de rebanho um ao lado do outro, e para que possa ser encontrado mais facilmente, e nenhum deles se perca, penduram um guizo no pescoço do animal-guia, também conhecido como madrinha. Pegar os cavalos e mulas no pasto é tarefa fácil. Os animais brasileiros, quando arrebanhados, apresentam temperamento dócil. No momento em que uma corda de couro cai sobre os seus pescoços, eles ficam parados. Este comportamento provém da desagradável lembrança do laço, uma corda de couro com a qual o animal, um dia, no tempo de sua vida selvagem, foi capturado.

Prontos e alimentados com o café, desmontamos a barraca. Pegamos os apetrechos de carga e as selas. Tudo estava pronto em uma hora. A chuva tinha parado durante a noite. Continuamos a cavalgar.

Por entre a branca névoa da manhã, o céu azul começou a aparecer e, através da cerração escura, surgiu uma clara manhã de sol que, com seus raios dourados, pintava uma paisagem de luxo selvagem. Ao nosso lado, fumegava a sombria garganta do Timbé. Mata densa cobre seu íngreme precipício. O chuvisco da queda das águas caudalosas de um ribeirão do morro, embaçavam de tal maneira nossos olhos, que um leve sopro, a qualquer momento, podia jogar a gente, no abismo sedento. O atalho estava relativamente em boas condições, embora estreito cá e lá. Se o meu companheiro de viagem, domiciliado em Lages, não nos tivesse orientado, nossos animais teriam caído no abismo sorrateiro. Depois que passamos pela garganta do Timbé, o nosso caminho seguiu, através de pequenas subidas e descidas para a direção sul. Viajamos sobre uma pequena serra em forma de facão, com o fio voltado para cima. Em alemão, o termo é "pente".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Uebrigens hörten wir später in Lages von Tropeiros, die kurz nach uns dort eintrafen, sie hätten am Wege die Leiche eines Mannes gefunden, der offenbar von Indianern erschlagen worden sei. Der Uerberfall mußte demnach nicht weit hinter unferm Rücken geschehen sein. Ich fand die Meldung später in Riograndenser Zeitungen bestätigt, die sogar von mehreren zwischen Lages und Blumenau vorgekommenen Bugerüberfällen berichteten.

Der Knecht trieb die Tiere zu dem Zelte zusammen. Das war bald geschehen. Denn Pferde und Mulen halten sich, dem ihnen innewohnenden Herdentriebe folgend, beieinander, und dafür, daß sie leicht zu finden und sich keines von den Tieren in der Dunkelheit verläuft, sorgt die am Halse eines Leittieres, der „Madrinha", angebrachte Glocke. Auch das Eifangen ser Pferde und Mulen geht im allgemeinen mühelos von statten. Denn die einmal gezähmten brasilischen Tiere sind sehr ruhiger Gemütsart. Sowie nur ein Lederriemen über ihren Hals fällt, bleiben sie stehen. Es entspringt diese Gewohnheit der unliebsamen Erinnerung an den Lasso, die Lederschlinge, mit der das Tier einst in den Tagen seiner Wildheit eingefangen wurde.

Bereiten und Verzehren des Morgenfrühstücks, Abbauen des Zeltes, Bepacken des Lastesels und Satteln, das alles war in einer guten Stunde erledigt, und wir ritten unseres Weges weiter. Der Regen hatte über Nacht aufgehört. Zwischen den weißen Frühnebeln begann der blaue Himmel zu schimmern, und bald fiel durchs dunkle Gezweig lichter Morgensonnenschein und sprühte seine goldenen Tropfen über eine Landschaft voll wilder Pracht. Zu unserer Seite gähnt die finstere Schlucht des Timbé. Dichter Wald bedeckt ihre jähen Abstürze und verbirgt unserem Auge die Wasser des drunten strömenden Bergbaches, den nur ein dumpfes Brausen, aus düsterer Tiefe heraufdringend, verrät. Der Pfad war in verhältnismäßig gutem Zustande, doch schmal, und da und dort wußte der eine meiner Reisegefährten, der in Lages heimisch ist, Stellen zu zeigen, an denen Tiere in den Abgrund gestürzt waren. Nachdem wir die Timbé=Schlucht durchritten hatten, führte unser Weg in geringen Steigungen und Senkungen auf einem südwestwärts ziehenden Kamme weiter. Vor uns erschien im Waldrahmen der stumpfe Kegel des Morro do Funil, des „Trichterberges", als erstes Wahrzeichen der Serra Geral, deren Höhe wir am nächsten Lage ersteigen sollten. Der Weg ist jetzt wieder sehr breit und sein Zustand ebenso elend wie auf der gestern durchmessenen Strecke. Die Ansiedelungen sind spärlich geworden und gehören meist Brasiliern, wie gewöhnlich schon auf den ersten Blick zu erkennen ist.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Incrustado na moldura da mata, apareceu o cume do morro Funil, como primeiro sinal da Serra do Mar, cujo topo alcançaríamos nos próximos dias. O caminho é agora novamente bem largo, plano e pobre como o trecho, por onde cavalgamos ontem. As colônias se tornavam raras. É evidente, à primeira, vista que a maioria delas são de brasileiros.

Em Pouso Sincero paramos algumas horas para o almoço. Logo após atravessamos o Rio das Pombas e ainda pela meia-tarde chegamos a Pouso Redondo - uma extensa e ensolarada clareira, cercada por suaves colinas, cobertas de pinheiros finos, que se erguem em forma de coroa. Ainda ontem, antes de passarmos por Trombudo, os avistamos pela primeira vez. Assim como a palmeira é da costa, o pinheiro – a árvore dos desejos - anuncia a passagem para o planalto.

No meio de Pouso Redondo, situam-se duas importantes colônias alemãs do Estado: a Knoblauch e a Peters. Passamos a noite na colônia Knoblauch. Não faz muito tempo, os índios fizeram um visita à propriedade. Mataram uma rês e a comeram. Ainda hoje, encontra-se nas proximidades da casa, um rancho feito de taquara, para aquela ocasião.

No dia seguinte, em consideração aos nossos animais, fizemos uma longa e cansativa caminhada. De todos os trechos percorridos, era o pior caminho. Atravessamos cinco vezes a sinuosa corrente do rio Pombinhas, antes de subir a pedregosa encosta da Serra das Pedras. Lá em cima, começou a subida em direção à Serra Geral, o primeiro degrau do declive do planalto para a costa.

As redondezas elevadas e o pico do Morro Funil se aproximavam cada vez mais. Sempre com mais clareza, ele ficava mais perto de nós e a vista mais livre, sempre mais livre. São lindos os vales encobertos de matas das serras catarinenses. Muito lindos. E quanto mais tempo eu permanecia na floresta, os seus impenetráveis mistérios, com todas as suas maravilhas e insondáveis encantos, começavam a pesar sobre mim. Retornava sistematicamente para campos abertos, para uma vista mais ampla da paisagem. Neste momento me dei conta que saí da escuridão para a luz da liberdade. O morro da Subida já ficou para trás. Subimos através do ar ensolarado, pico por pico. Agora que as alturas foram alcançadas e à medida que nos aproximávamos, a vista se estendia ainda mais no azul distante, até o cimo das fendas escarpadas do Taió, do Espigão, das

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Am Poso Sincero hielten wir eine mehrstündige Mittagsrast. Kurz darauf durchritten wir den Bombas=Fluß und erreichten noch am frühen Nachmittag den Poso Redondo, eine weite, sonnige Lichtung, umgeben von sanften Hügelzügen, auf denen schlanke Pinheiren die dunkeln, tellerförmigen Kronen erheben. Gestern schon, bevor wir den Trombudo überschritten, hatten uns die ersten dieser brasilischen Fichten begrüßt und neben dem jetzt selteneren Auftreten der Palme den Uebergang des Pflanzenwuchses der Küste in den des Hochlandes verkündet. Inmitten des Poso Redondo liegen zwei stattliche deutsche Ansiedelungen, die von Knoblauch und Peters. Bei Knoblauch brachten wir die Nacht zu. Vor nicht gar langer Zeit hatten die Indianer dem Anwesen einem Besuch abgestattet und einige Stück Vieh geschlatet und verzehrt. Noch jetzt steht in der Nähe des Hauses ein aus Taquara=Rohr gefügter Rancho, der von den Wilden bei jener Gelegenheit gebaut worden war.

Der folgende Tag brachte einen ziemlich anstrengenden Fußmarsch, zu dem wir uns mit Rücksicht auf unsere Tiere entschlossen; denn der Weg war schlechter als auf irgendeiner Strecke zuvor. Wir durchschritten fünfmal den gewundenen Lauf des Bombinhas, um darauf den steinigen Hang der Serra das Pedras hinanzuklimmen. Nachdem ihr Kamm überwunden war, begann der Anstieg zur Serra Geral, der vordersten Staffel in dem Abfall des westlichen Hochlandes zur Küste.

Näher und näher rückte der Höhenrand und der Gipfel des Morro do Funil heran. Lichter und lichter ward es um uns her, und freier, immer freier der Blick. Sie sind schön, die waldbedeckten Täler des Catharinenser Küstenlandes, märchenhaft schön. Aber je länger ich in dem Urwald weilte, um so mehr begannen seine unergründlichen Tiefen mit allen ihren Wundern gleich einem unheimlichen Zauber auf mir zu lasten, und ich sehnte mich ordentlich nach offenen Gefilden, nach einen Blick weithin übers Land. Jetzt kam es mir vor, als strebte ich aus dem Dunkel empor zu Licht und Freiheit. Schon grüßte in unferem Rücken der Subidaberg, schon stieg in sonninger Luft Gipfel an Gipfel empor. Jetzt war die Höhe erreicht, und wie wir uns umwandten, schweifte das Auge weit hinaus in blaue Ferne, hinüber zu den scharf umrissenen Gipfeln des Tajô und des Espigão, den vielgestaltigen Kuppen und Rücken von Dona Francisca und Paraná.

Und zu allendem kam, daß uns eine auf der Höhe der Serra liegende kleine Vende Gelegenheit Gewährte, uns mit einer Flasche des edeln Zuckerrohrschnapses zu versehen. Dem der unserige, den wir in einem der

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

multiformes encostas de Dona Francisca e do Paraná.

Apeamos de novo. Numa pequena bodega, situada no alto da serra, compramos uma garrafa da legítima cachaça de cana-de-açúcar. A nossa, que tínhamos trazido dentro de grandes chifres de boi, ficou perdida pelo caminho. Fizemos um brinde.

Diante de nós, estendia-se uma grande e aberta baixada, rodeada de colinas cobertas de mato. Meu cavalo correu galopando para lá. A imagem da paisagem pode ter despertado nele agradáveis lembranças do campo ensolarado da sua querência. Armamos nossa barraca aos pés do morro Funil, que agora mais parecia uma colina. Azuladas nuvens de névoa elevavam-se para o escuro céu da tarde e simultaneamente as primeiras estrelas de luz avermelhada cintilavam no céu.

Foi uma noite fria. Quando acordamos pela manhã, havia sobre a relva uma geada branca, que logo desapareceu com os primeiros raios do sol nascente. Partimos. Deixamos a direção oeste rumo ao sul. O caminho seguiu através de muitas gargantas íngremes, cortadas por correntezas de pequenos ribeirões. De manhã até à tarde, pelo menos vinte ribeirões se sucederam, um após outro. Suas correntezas eram tão cortantes, que eu temia chegar ao outro lado, sem pescoço ou com a perna quebrada. A calma demonstrada pelos animais brasileiros para baixo e para cima nesta encostas íngremes e a segurança que revelam, andando em direção transversal sobre lajes inclinadas e lisas, pulando por cima de buracos existentes no fundo dos riachos, é deveras impressionante. Apenas uma vez, meu cavalo, por um fio, não foi de ponta-cabeça, sem culpa sua, pois um torrão no qual ele pisou, rolou por debaixo de sua pata. Por sorte, com um pulo para o lado, alcançou novamente o chão firme.

À tarde, ao chegarmos ao Rio das Canoas, uma das nascentes do Rio Uruguai, iniciava a travessia, uma tropa de mulas de pouca idade. Os animais, sem muita dificuldade, entraram na água e rapidamente nadaram para onde estávamos e se ajuntaram aos nossos. Atravessamos o rio em cima de uma barcaça que se deslocava, engatada num cabo de aço.

Nosso caminho, agora, era em parte, através de campos com pastagens, e às vezes também, de mato. Dentre a vegetação do campo, o pinheiro se sobressai. Ele forma aqui. quase sozinho, o arvoredo. Em São Bento e em Rio

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

landesüblichen mächtigen Kuhhörner mitgeführt hatten, war unterwegs verloren gegangen. Wir saßen wieder auf. Vor uns dehnte sich eine weite freie Mulde, von sanften bewaldeten Hügelzügen umrahmt. Mein Gaul sprang zu einem munteren Galopp an; das Landschaftsbild mochte in ihm heitere Erinnerungen an den sonnigen heimischen Kamp erwecken. Am Fuße des Morro do Funil, der jetzt nur noch als Hügel erschien, schlugen wir unser Zelt auf, und bald stiegen bläuliche Rauchwolken zum dunkelnden Abendhimmel empor, an dem eben die ersten Sterne in rötlichen Glanz erblinkten.

Es wurde eine kalte Nacht. Als wir am Morgen aufstanden, lag über dem Lande ein weißer Reif, der erst den Strahlen der hell aufgehenden Morgensonne wich. Unser Weg gab bald seine bisherige vorwiegend westliche Richtung auf und wandte sich nun mehr nach Süden. Er führte durch eine Menge scharfgeschnittener, meist von kleinen Bächen durchströmter Schluchten. Mindestens zwanzig an der Zahl, folgten sie von morgens bis abends unaufhörlich aufeinander. Ihre Gefälle find außerordentlich steil, so daß ich oftmals erstaunt war, ohne Hals= und Beinbruch auf der jenseitigen Höhe angelangt zu sein. Die Ruhe, mit der die brasilischen Tiere nahezu senkrechte Hänge hinunter und hinauf klettern, die Siecherheit, mit der sie in Querrichtung über geneigte glatte Felsplatten weggehen oder unebene, von tiefen Löchern durchsetzte Flußbette überschreiten, ist geradezu bewundernswert. Trotzdem wäre mein Gaul einmal bei einem Haar kopfüber gegangen; ohne sein Verschulden, denn die Erdscholle, an der er Halt suchte, gab unter dem Hufe nach. Durch einen geschickten Sprung halb zur Seite gewann das Tier wieder den Boden.

Nachmittags kamen wir an den Rio das Canoas, einen der beiden Quellflüsse des Uruguay. Von der andern Seite traf gerade eine Truppe mit jungen Mulen ein. Die Tiere ließen sich, ohne große Schwierigkeiten zu machen, ins Wasser treiben, das sie flott durchschwammen, um sich darauf am diesseitigen Ufer bei unsern Tieren zu sammeln. Wir überschritten den Fluß auf einer Drahtseilfähre.

Unser Weg führte teilweise über freies Grasland, den sogenannten „Kamp", vorwiegend aber noch durch Wald. Unter seinem Baumwuchs überwiegt die Pinheire. Sie bildet hier - anders als ich dies zwischen São Bento und Rio Negro gesehen hatte - vielfach allein den Baumbestand der Wälder. An Palmenarten findet sich die niedrige Butiá, neben der die hochstämmige Coqueire nur noch ganz vereinzelt auftritt. Ziemlich häufig kommt der Baumfarn mit

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Negro ele convive com outras árvores. Espécies de palmeiras, como o pequeno butiá e o alto Jerivá, aparecem também. Este último é raramente encontrado. Muito freqüentemente aparece o samambaiaçu (popular xaxim), com galhos ornados de muitas folhas e com parasitas floridas, no tronco. Também encontramos a erva-mate. A pitinga é abundante. Suas flexíveis, curvadas e elegantes hastes, que crescem densamente juntas, são muito resistentes. Muitas vezes fomos obrigados a abrir o caminho fechado, a facão.

A marcha do dia seguinte nos conduziu pelos campos abertos. Os vastos panoramas, de longos trechos, com muitas colinas, enchiam nossos olhos. Dispersas pelos campos existem casas de fazenda, cercadas por muros de pedras sobrepostas. Servem para impedir a entrada do gado, que vagueia regularmente livre pelas pastagens. De vez em quando, vimos rebanhos de cavalos, de mulas e de bois e varas de porcos, procurando alimento. Nos quintais há pequenos pomares com ameixeiras, macieiras, pereiras e pessegueiros, cujas flores coloridas produzem um impressionante contraste com o fundo escuro dos pinheirais. Aqui e acolá aparece a silhueta de um cavaleiro na paisagem. Parece um quadro pintado. Estes tropeiros usam um traje totalmente excêntrico, com arreios e cabeçal do freio incrustados de metal, com manta flutuante. Faz parte do traje um chapéu de abas largas, o lenço no pescoço, caindo para frente, sobre o paletó, as brilhantes botas de montaria com cano alto, principalmente a bombacha – a calça de cavalgar exageradamente larga. E como capa, uma espécie de manta cheia de franjas - o pala - que na maioria das vezes é pintado com cor castanha clara e escura, ou o poncho - um comprido e arredondado manto, tecido com lã - quase sempre de cor azul por fora e vermelha por dentro. Pala e poncho são de estilo bem simples. Para trajar-se com eles, a gente enfia a cabeça através de um buraco feito no meio. O corpo é cingido por um largo cinto de couro, guarnecido de estojos, que servem para guardar dinheiro e também levar o revólver ou a pistola e a bainha com o facão. Este é necessário para executar diversos trabalhos no mato e no campo. Ele serve para roçar o terreno, para o trabalho na roça. Abre a picada, onde a mata é fechada. Serve para o preparo da lenha no acampamento, para o corte de varas para barraca. Também serve para preparar e comer a refeição. Além disso, em caso de necessidade, é uma arma muito eficiente. E completa a investidura, um par de enormes esporas brilhantes, com-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

dem auf dem Stamme aufstitzenden zielichen Blätterstrauße vor.

Auch dem Matebaum begegneten wir. In reicher Fülle gedeiht das Pitinga=Rohr, dessen schwanke, elegant gekrümmte Stengel sich vielfach zu dichten, buschähnlichen Beständen zusammentun. Oftmals mußten wir mit dem Waldmesser den Weg von seinen überhängenden Ranken freischlangen.

Erst der Marsch des folgenden Tages führte uns ins freiere Kampland hinaus. Weite Ausblicke auf langgestreckte Hügelketten taten sich dem Auge auf. Ueber den Kamp zerstreut liegen Gutshäuser, umgeben von steinummauerten Höfen, die zum Eintreiben des Viehes dienen. Dieses schweift für gewöhnlich frei auf der Weide umher; allenthalben sehen wir Herden von Pferden, Maultieren, Rindern, Schweinen ihr Futter suchen. An die Gehöfte stoßen meist kleine Gärten mit Pflaumen=, Apfel=, Birn= und Pfirsichbäumen, deren zartfarbige Blüten ein wirkungsvolles Widerspiel zu dem düsteren Pinheiren=Hintergrunde bilden. Hier und dort zeichnet sich eine Reitersilhouette von der Landschaft ab. Sie bieten ein malerisches Bild, diese Kampreiter mit dem metallfunkelnden Sattel= und Zaumzeug, dem wehenden Umhang, der ganzen abenteuerlichen Tracht. Zu ihr gehört der breitkrempige Schlapphut, das über den Rockkragen niederfallende helle Halstuch, die Reitstiefel mit weitem glanzledernem Schaft, vor allem aber die Bombacha, die unmäßig umfangreiche Reithose. Als Mantel dient die schalartige, fransenbesetzte Palla, die meist in hellerem und dunklerem Braun gestreift ist, oder der Poncho, ein langer, rundgeschnittener wollener Umhang, der gewöhnlich auswendig von blauer Farbe und inwendig rot gefüttert ist. Palla und Poncho sind von einfachstem Zuschnitt. Sie werden in der Weise getragen, daß man den Kopf durch ein in der Mitte angebrachtes Loch hindurchsteckt. - Den Leib umschließt ein breiter lederner Gurt, der mit Taschen zur Aufbewahrung des Geldes versehen und dazu bestimmt ist, den Revolver oder die Reiterpistole und das lange Waldmesser, den Facão, zu tragen. Der Facão ist für die verschiedensten Verrichtungen in Wald und Kamp nötig. Er dient zum Roden des Landes und zur Arbeit in der Rossa, zum Aufhauen des Weges, wo dieser verwachsen ist, zur Beschaffung des Brennholzes für das Lager, zum Schlagen der Zeltstangen wie zum Bereiten und Einnehmen der Mahlzeit. Außerden gibt er im Notfall eine tüchtige Waffe ab. - Die Ausrüstung vervollständigt ein Paar Anschnall=Sporen von oft unglaublicher Länge und ganz umständlicher prunkvoller Ausführung, eine Reitpeitsche mit langer doppelter Schnur. Um den hohen Hinterzwiesel des Sattels hängt der ledergeflochtene Lasso.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

plicadamente confeccionadas e um chicote de montaria com duas guascas de couro largas e compridas. E sobre a parte posterior da sela, flutuando, o laço de couro trançado. A posição do cavaleiro sobre o cavalo é bem diferente da nossa, mas sem dúvida, uma posição bem natural. As pernas ficam frouxamente penduradas para frente e a ponta dos pés fica propositadamente voltada para baixo e para fora. Ao galopar por terrenos difíceis, as rédeas são deixadas bem frouxas. O punho fica na posição vertical, com seu lado interior levemente voltado para cima.

Em muitos lugares sobem nuvens de fumaça para o ar. É o tempo da queima dos campos. Isso geralmente acontece no fim do inverno. Queima-se uma parte do capim, enquanto a outra permanece como pastagem para a época seguinte.

De repente, um ruído conhecido soou no meu ouvido. Era o canto de uma perdiz, fugindo da frente do meu cavalo. Esta ave silvestre é encontrada com muita freqüência no campo. Ela fica parada sozinha ou em duas nunca como lá em nosso país, em bandos. Os filhotes são abandonados pela mãe logo após o nascimento. Uma vez encontramos um caçador de perdiz, que ia atrás da caça, a cavalo. De repente, desceu do cavalo e seguiu seu cachorro, um perdigueiro de raça alemã, que se abaixou disfarçadamente, bem rente ao chão. O fato de que o animal, bem perto do seu dono, através de leves passos, fosse comandado com a espora no pé do cavaleiro, me pareceu estranho e diferente de tudo o que eu tinha de conhecimento sobre táticas de caçador. Se esta singular maneira de caçar teve êxito, eu nada posso dizer, embora tenha esperado longo tempo pelo resultado.

Nós tivemos hoje uma longa cavalgada. Partimos pelas seis horas da manhã. Ao meio-dia, reduzimos o tempo de descanso. Já estava escurecendo quando, ao longe, avistamos o agrupamento cinzento das casas da cidade de Lages. O crepúsculo é curto nestas vastidões. Logo era noite. Uma maravilhosa noite estrelada. O fogo avermelhado, queimando o campo, brilhava ao longe, através da escuridão, acompanhando as ondulosas linhas do horizonte, parecendo gigantescas e ardentes serpentes que se arrastavam para cima, em direção ao céu, coberto de estrelas. Era um quadro de fantástico esplendor.

A felicidade acabara, assim que chegamos em Lages. As suas casas, na maioria de um andar, com suas cumeeiras embotadas, com seus telhados

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Der Sitz des brasilischen Reiters ist von dem unsern ganz verschieden, aber keineswegs ein Natursitz. Die Beine hängen locker nach vorn, die Fußspitzen find geflissentlich nach unten und außen gerichtet. Die Zügel werden außer beim Galoppieren in schwierigem Gelände ganz locker gehalten. Die Faust steht über=senkrecht, d. h. so, daß ihre innere Seite leicht nach oben gewendet ist. -

An vielen Orten steigen Rauchwolken in die Luft. Denn es ist jetzt die Zeit des Kampbrennens, das alljährlich gegen Wintersende vorgenommen wird. Man brennt umschichtig jeweils die eine Hälfte der Grasbestände nieder, während die andere als Weide für die nächste Zeit bleibt. -

Ein bekanntes Geräusch tönte plötzlich an mein Ohr - das Schwirren eines vor meinen Gaul aufgehenden Rebhuhns. Dieses Wild ist auf dem Kamp ziemlich häufig, liegt aber stets eizeln oder paarweise, niemals, wie bei uns, in Ketten; die jungen Hühner sollen gleich nach dem Verlassen des Eies von der Henne weglaufen. Einmal begegneten wir auch einem Rebhühnerjäger. Er ging dem Weidwerk zu Pferde nach. Gegenwärtig aber war er gerade abgesessen und folgte seinem Hund, einem Hühnerhund deutscher Rasse, der tief geduckt anzog. Daß das Tier dabei von seinem Herrn durch zarte Tritte mit dem gespornten Fuße gelenkt wurde, erschien mir fremdartig und verschieden von allem, was ich bis dahin an weidmännischen Gebräuchen hatte kennen lernen. Ob die eigentümliche Suche einen Erfolg erzielt hat, vermag ich nicht zu sagen, obgleich ich geraume Zeit auf ihr Ergebnis gewartet habe.

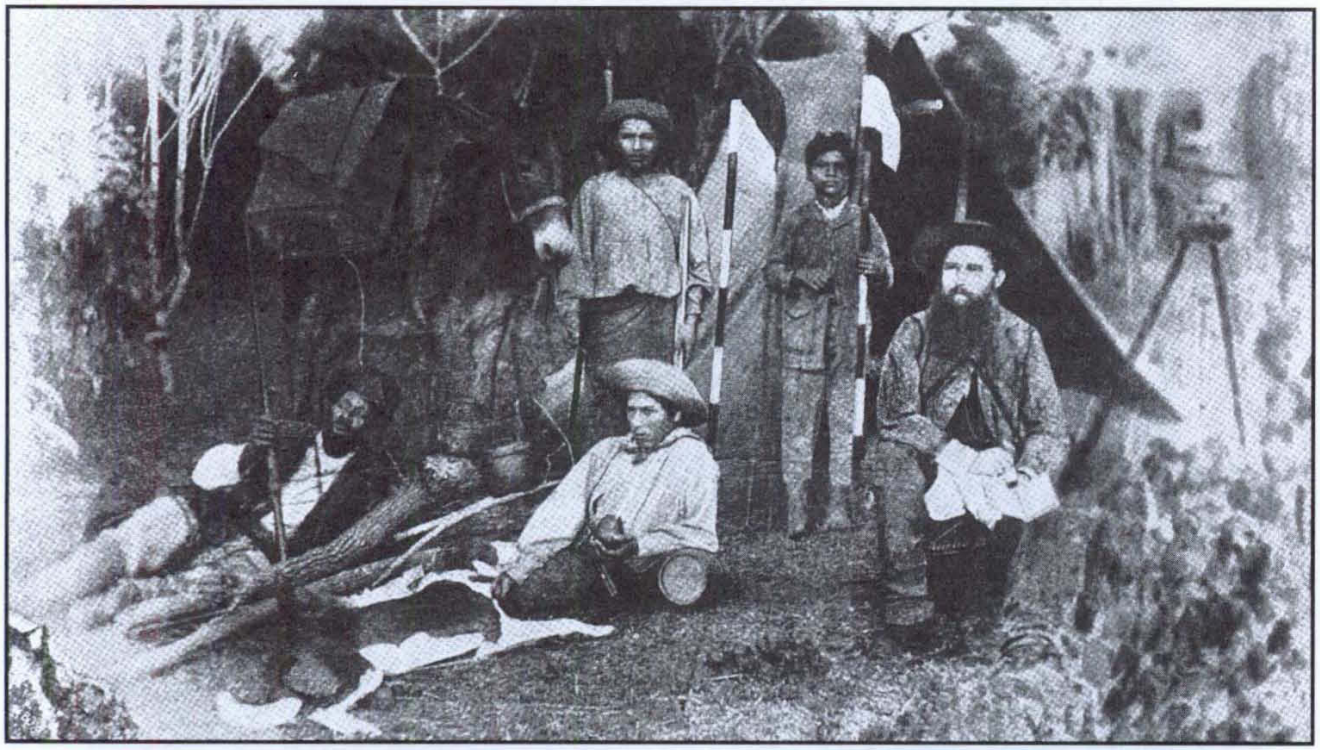
Wir hatten heute einen langen Ritt. Gegen 6 Uhr morgens waren wir aufgebrochen, unsere Mittagsrast hatten wir nach Möglichkeit abgekürzt. Doch es dunkelte bereits als wir den grauen Häuserhaufen der Stadt Lages von ferne erblickten. Die Dämmerung ist kurz in diesen Breiten. Schnell war die Nacht da, eine wunderbar schöne Sternennacht. Rote Kampfeuer leuchteten fernher durchs Dunkel. Den langen Wellenlinien der Landschaft folgend, glichen sie riesenhaften glühenden, die über den sternbefäten Himmel Ziehen - ein Bild von phantastischer Pracht.

Die Herrlichkeit war vorüber, sobald wir Lages erreichten. Seine größtenteils einstökigen Häuser mit dem stumpfgiebligen, niedrigen Dach, die geraden und verhältnismäßig breiten Straßen, dazu der Anblick der armseligen Talglichter, die man da und dort durch unverdeckte Fenster oder Fensterluken in den Stuben brennen sah, das alles machte einen unglaublich öden Eindruck. Ich kam in eine ordentlich unbehagliche Stimmung. Sie wich erst, als uns im Gasthaus des Herrn Heidrich, des Vaters meines Reisegefährten, ein Kreis

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

baixos, com suas ruas retas e relativamente largas, davam uma impressão inacreditavelmente desoladora. A vela de sebo, que se via queimando nos quartos com janelas sem cortinas ou através de frestas, denunciavam uma aparência de miserabilidade. Eu cheguei a ficar num estado psicológico deveras desagradável. Esta situação mudou, quando na hospedaria do senhor Heidrich, pai do meu companheiro de viagem, formou-se um grupo alemão, com gente da terra, e nos foi oferecido um reforçado jantar, especialmente acompanhado de bebidas e de cerveja preta, da cervejaria Heidrich.



Medidores de terras na floresta - 1903.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

deutscher Landsleute aufnahm und ein kräftiges Abendessen nebst einem Trunk vorzüglichen aus Heidrichs Brauerei uns erquickte.

Brasilischer Reiter

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Pomerode: Tradição e cultura na rota do enxaimel[1]

TEXTO:
MARLISE MILCHERT[2]
CRISTINA FERREIRA[3]

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho tem como objetivo propor subsídios para compreender o legado cultural dos imigrantes alemães na cidade de Pomerode-SC, discutindo, sobretudo, a questão do patrimônio histórico como elemento essencial para o Turismo. Destaca-se a presença das construções enxaimel na localidade Testo Alto, revelando-se dados históricos e estatísticos, bem como as medidas de preservação dos bens imóveis, através das leis estaduais e municipais de tombamento.

Pomerode, terra de brasileiros, mas também de pessoas que possuem laços culturais com uma tradição germânica herdada de seus antepassados. Localiza-se na região do médio Vale do Itajaí, distante trinta e três quilômetros de Blumenau-SC, possuindo uma área urbana de 65,34 km² (30%) e uma área rural de 152,46 km² (70%), totalizando 217 Km², com uma população de 22.023 habitantes.

A herança dos imigrantes alemães transformou a cidade em um lugar incomum, pois a comunidade procurou engajar-se na preservação das tradições, conforme se verifica na contextualização histórica acerca de Pomerode e Testo Alto, com ênfase para a descrição da técnica das construções enxaimel. Esta cultura preservada permite problematizar o patrimônio cultural, bem como sua aplicação e relação com o turismo local.

---

[1] Este artigo foi originalmente apresentado no I Concurso de Artigos Científicos do Curso de Turismo da Asselvi, publicado na Revista "Estudos em Turismo: Turismo na Sociedade Contemporânea" (2003). Esta versão foi atualizada e revisada, bem como enriquecida com fotografias das casas enxaimel, especialmente para a Revista "Blumenau em Cadernos".

[2] Acadêmica do sétimo semestre do Curso de Turismo da Asselvi.

[3] Professora de História na Furb e Asselvi.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

1. POMERODE: HISTÓRIA E CULTURA EM FOCO

Os imigrantes que iniciaram a colonização do Vale do Rio do Testo vieram da Província de *Pommern*, situada no norte da Alemanha e estabeleceram-se na região a partir de 1861. Em sua maioria eram pomeranos e camponeses, que se dispuseram a emigrar para o Brasil e transformá-lo em sua nova pátria. O nome Pomerode representa a união de *Pommern* e *Rodern*, verbo alemão que significa "tirar os tocos", tornar a terra apta para o cultivo.

Os primeiros lotes coloniais foram demarcados pelo Engenheiro Carl August Wunderwald, contratado pelo diretor da Colônia Blumenau, Dr. Hermann Blumenau, e formavam uma ocupação linear ao longo do Rio do Testo e afluente, possuindo uma medida padrão de aproximadamente 200m de frente por 1.000m de fundos (RESENDE; RAMLOW, 1985, p. 14).

A agricultura de subsistência e a pecuária foram a base da economia da região até o início do século XX, quando então começaram a surgir os primeiros estabelecimentos comerciais e industriais (serrarias, laticínios, lingüiçarias). Atualmente, existe uma predominância do setor secundário, especialmente das indústrias ligadas à área têxtil, metal-mecânico e no segmento de porcelana, este último com destaque em âmbito nacional (POMERODE, 2003, p. 12).

No período inicial da colonização a divisão geográfica da região de Rio do Testo era a seguinte: Pomerode - centro, Testo Central, Vale do Selke, Ribeirão Souto, Pomerode Fundos, Testo Rega, Wunderwald e Testo Alto. Nestas localidades os núcleos de povoamento formavam-se, via de regra, com três elementos de povoamento e identificação cultural considerados indispensáveis pelos imigrantes: a escola, a igreja e o clube de caça e tiro, compondo conjuntos culturais que ainda hoje se fazem presentes na região.

O aniversário da cidade é comemorado em 21 de janeiro de 1959, data em que ocorreu a instalação oficial do município de Pomerode, no entanto, sua emancipação político-administrativa e o efetivo desmembramento do município de Blumenau estavam legalizados desde 1º de dezembro de 1958, através da Lei Estadual nº 380.

Do total de habitantes, 80% da população (17.618 habitantes) são de origem germânica e procuram preservar suas tradições através do cultivo da língua alemã, da culinária e também dos Clubes de Caça e Tiro que totalizam dezesseis sociedades e realizam, anualmente, as festas de Rei e Rainha do tiro, com o objetivo de "manter atado o laço que une o presente ao passado, sem que este sobreponha aquele" (POMERODE, 2003, p. 35).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

1.1. TESTO ALTO: HISTÓRIA E TRADIÇÃO

A cidade de Pomerode não apresenta uma divisão político-administrativa oficial através de bairros, porém divide-se em 14 regiões: Testo Central; Testo Central Alto; Centro; Pomerode Fundos; Ribeirão Areia; Wunderwald; Testo Rega; Testo Alto; Vale do Selke; Ribeirão Clara; Ribeirão Herdt; Ribeirão Souto; Ribeirão Luebke; Alto da Serra.

Dentre estas localidades destaca-se a região denominada Testo Alto, situada ao norte da cidade de Pomerode, mantém uma área de 64,29 Km^2 e representa cerca de 30% da área total do município. Seus limites são: Rio dos Cedros, a Oeste; Jaraguá do Sul, ao Norte; Ribeirão Areia, ao Sul; e Testo Rega, ao Leste (POMERODE, 1995, p. 35).

A população de Testo Alto engloba 2.301 habitantes, dos quais cerca de 85% (1.956) vivem na área urbana e 15% (345) vivem na área rural, na localidade denominada Testo Alto Fundos. Merece destaque a informação de que 99,62% das crianças em idade escolar (7 a 14 anos), ou seja, 262 crianças encontram-se na Escola e 99,8% das pessoas acima de 15 anos (1.828) estão alfabetizados, atingindo índices de grandes proporções no que se refere à escolarização. Esta realidade contribui para garantir "ao município o melhor índice de alfabetização do País, com 98,2% da população" (RUDNIK, 2000).

A preocupação dos imigrantes alemães com o sistema escolar remete-se à época da colonização quando, já em 1871, os moradores fundaram a Comunidade Escolar de Testo Alto, composta por uma casa rústica e contando com o Sr. Friedrich Schürmann como professor da pequena escola comunitária (BUZZARELLO; RAMLOW, 1996, P. 32).

A preservação das tradições germânicas encontra-se presente na região de Testo Alto de maneira bastante acentuada e se faz plenamente perceptível no cotidiano da população. Apesar das interferências e impedimentos da Campanha de Nacionalização empreendida no Governo de Getúlio Vargas, a língua alemã ainda é amplamente utilizada, principalmente na comunicação oral. Além disso, os usos e costumes, as festividades, as práticas de tiro ao alvo, as danças folclóricas, a culinária tipicamente germânica e a arquitetura enxaimel também são elementos de identificação local que compõem o patrimônio cultural regional, servindo de sustentação para a propagação do Turismo étnico no Vale do Rio do Testo.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2. PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO

2.1. PATRIMÔNIO CULTURAL: ABORDAGENS CONCEITUAIS

O patrimônio cultural é um elemento de identificação dos grupos sociais, pois através dele os indivíduos se reconhecem enquanto participantes de uma tradição cultural. O conceito de Patrimônio tem sido alvo de importantes discussões no Brasil de hoje, isto porque, durante muito tempo a abrangência do termo esteve restrita à preservação de bens materiais, representados por edificações e objetos de arte. Esta definição foi esclarecida, porém não encerrou o debate, pela Constituição Federal do Brasil de 1988, onde se verifica uma sensível ampliação dos bens considerados passíveis de proteção, incluindo-se os bens imateriais e de natureza intangível, conforme se verifica a seguir:

> Art. 216 - Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988).

A partir do exposto, percebe-se a imensa gama de elementos relacionados ao patrimônio cultural. Ressalta-se que o patrimônio histórico e a preservação dos bens materiais são componentes do patrimônio cultural, no entanto, merecem ser abordados enquanto elementos decisivos para a discussão sobre turismo e identidade. Isto porque considera-se que a conservação e recuperação da memória estão diretamente relacionadas aos monumentos, os quais se caracterizam por "ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só numa parcela mínima são testemunhos escritos" (LE GOFF, 1990, p. 536).

De acordo com Barreto (2000, p. 46):

> [...] manter algum tipo de identidade - étnica, local ou regional - parece ser essencial para que as pessoas se sintam seguras, unidas por laços extemporâneos a seus

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

antepassados, a um local, a uma terra, a costumes e hábitos que lhes dão segurança, que lhes informam quem são e de onde vêm, enfim, para que não se percam no turbilhão de informações, mudanças repentinas e quantidade de estímulos que o mundo atual oferece.

Relacionar-se com a memória dos antepassados é uma necessidade vinculada às recentes transformações mundiais em relação às inovações tecnológicas na área da comunicação, que reafirmam a existência de uma sociedade global e transformam os seres humanos em "cidadãos mundiais", fazendo com que o mundo penetre o cotidiano do indivíduo e transforme suas práticas culturais diretamente. Isto causa uma certa padronização de gostos, deixando os lugares sem o seu "sabor" local, instaurando assim uma dúvida inquietante sobre a definição das diversidades e similitudes de um determinado povo.

No caso de Pomerode verifica-se uma tendência em preservar as tradições germânicas para delimitar as diferenças em relação às outras culturas e, ao mesmo tempo, buscar semelhanças, pois a identidade "implica o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada, cujos membros partilham importantes referências comuns: uma mesma história, uma mesma tradição" (BARRETO, 2000, p. 46).

2.2. ESTILO ENXAIMEL: HERANÇA GERMÂNICA

O enxaimel ou *Fachwerk* é um estilo arquitetônico tipicamente europeu (ingleses, franceses, holandeses e belgas), trazido ao Brasil pelos imigrantes alemães a partir do século XIX. Foi amplamente utilizado, tanto nas cidades quanto na área rural, para abrigar moradias, casas de comércio, escolas, salões de baile, hotéis, pequenos estabelecimentos industriais e igrejas.

No que se refere à estrutura e ao processo de edificação, o estilo de construção era similar: as paredes externas eram formadas por tijolos de cor natural que permaneciam aparentes; as peças em madeira eram colocadas de forma horizontal, vertical e inclinadas, garantindo assim a sustentação da casa. A estrutura enxaimel sempre era pintada de preto com fechamento em alvenaria aparente, sendo comum a formação de desenhos na disposição dos tijolos. O preenchimento das paredes normalmente era de tijolinho a vista. No entanto, também se costumava utilizar capim, pêlos de animais e estrume, misturados com barro ou argila para formar uma pasta que servia para preencher o

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

esqueleto da casa e dar forma às paredes, vedando a construção. Esta técnica ficou amplamente conhecida como "taipa" e era típica do início da colonização alemã na região do Vale do Itajaí.

"Da rua se atravessa um jardim ou horta em direção à porta, na maioria das vezes protegida por uma varanda ou pequena cobertura. Na parte frontal localizam-se a sala e um dos quartos; na parte posterior, a cozinha, a copa e uma escada íngreme que leva ao piso superior" (ODEBRECHT, 1982, p. 85).

Em Santa Catarina, a construção enxaimel sofreu algumas adaptações ao clima tropical, pois na Europa costumava servir para proteger contra o frio. As alterações principais podem se resumir a dois aspectos principais: a) ampliação da dimensão das janelas, objetivando maior ventilação da moradia; b) construção de uma varanda ornamentada com floreiras e gradis de madeira, utilizada para descanso, espaço de convivência familiar e também para receber os amigos e visitantes.

As edificações enxaimel prevaleceram no Vale do Itajaí até a Primeira Guerra Mundial, mas aos poucos as construções de concreto começaram a dominar a paisagem, em virtude do baixo custo e da simplificação da técnica de construção. Devido às proibições relacionadas à cultura alemã durante a Campanha de Nacionalização, "muitas casas foram rebocadas para esconder os traços que identificavam a procedência" (RUDNIK, 1991), ocasionando assim uma descaracterização da estrutura original do enxaimel.

2.3. TESTO ALTO E A ROTA DO ENXAIMEL EM DESTAQUE

Pomerode é o município catarinense que ostenta o maior número de construções enxaimel, com destaque para a região de Testo Alto, onde existem aproximadamente 40 casas com estrutura de tijolinho à vista e 30 casas enxaimel com reboco, totalizando 70 casas.

A administração municipal criou uma lei (nº 457, 1980) que garante a isenção de imposto predial e territorial urbano - IPTU aos imóveis considerados integrantes do patrimônio histórico da cidade, procurando incentivar de certa forma a preservação das construções.

No entanto, o aumento das perspectivas de conservação destes autênticos exemplares da cultura germânica ocorreu através dos Decretos estaduais nº

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

3587, de 21/12/1998 e nº 5924, de 21/11/2002, responsáveis pelo tombamento de 14 imóveis no município de Pomerode. Desta forma, o governo municipal conseguiu uma abertura de possibilidades para lutar por verbas junto ao governo estadual e federal, com o intuito de restaurar e preservar.

Em 2002, com o objetivo de valorizar a perspectiva do Turismo Rural e Cultural foi concebida a **Rota do Enxaimel**, predominantemente situada na região de Testo Alto, incluindo pousada, cascata e uma bucólica paisagem rural que encanta os visitantes e garante aos apaixonados pela cultura regional uma imagem extremamente próxima à vida cotidiana dos primeiros colonizadores de Pomerode.

Placa de Identificação do início da
Rota do Enxaimel na região de Testo Alto

A rota do enxaimel inicia-se com dois exemplares tombados pelo patrimônio histórico estadual, que compõem um conjunto arquitetônico de rara beleza e marcaram época como casas de comércio na região: a Casa de Comércio Weege e o Comércio Haut. Devido à localização privilegiada (Testo Rega e acesso para Testo Alto) ambas tornaram-se locais de entreposto comercial e possibilitavam a troca, compra e venda de mercadorias.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A maioria dos imóveis tombados pelo patrimônio histórico estadual localiza-se na região de Testo Alto, sendo que sua quase totalidade ainda é utilizada como moradia e foi deixada como herança pelos antepassados dos atuais moradores. Como esta pesquisa ainda encontra-se em andamento, optou-se por detalhar somente as casas enxaimel protegidas pelo Patrimônio Histórico de Santa Catarina, conforme se pode verificar a seguir[4]:

1) Casa de Taipa (Rua Testo Alto, 9690), pertencente à família Lümke e construída aproximadamente em 1898. É denominada desta maneira porque sua estrutura não é de tijolos, mas de estuque e barro, formando uma argamassa de capim seco.

Casa de Taipa - 1898

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

2) **Casa da Crista** (Rua Progresso, 1241), pertencente a Werner Arndt e construída aproximadamente em 1908. Sua denominação é devido a uma cumeeira rebuscada com um ornato em cerâmica no telhado, num formato que lembra uma crista de galo.

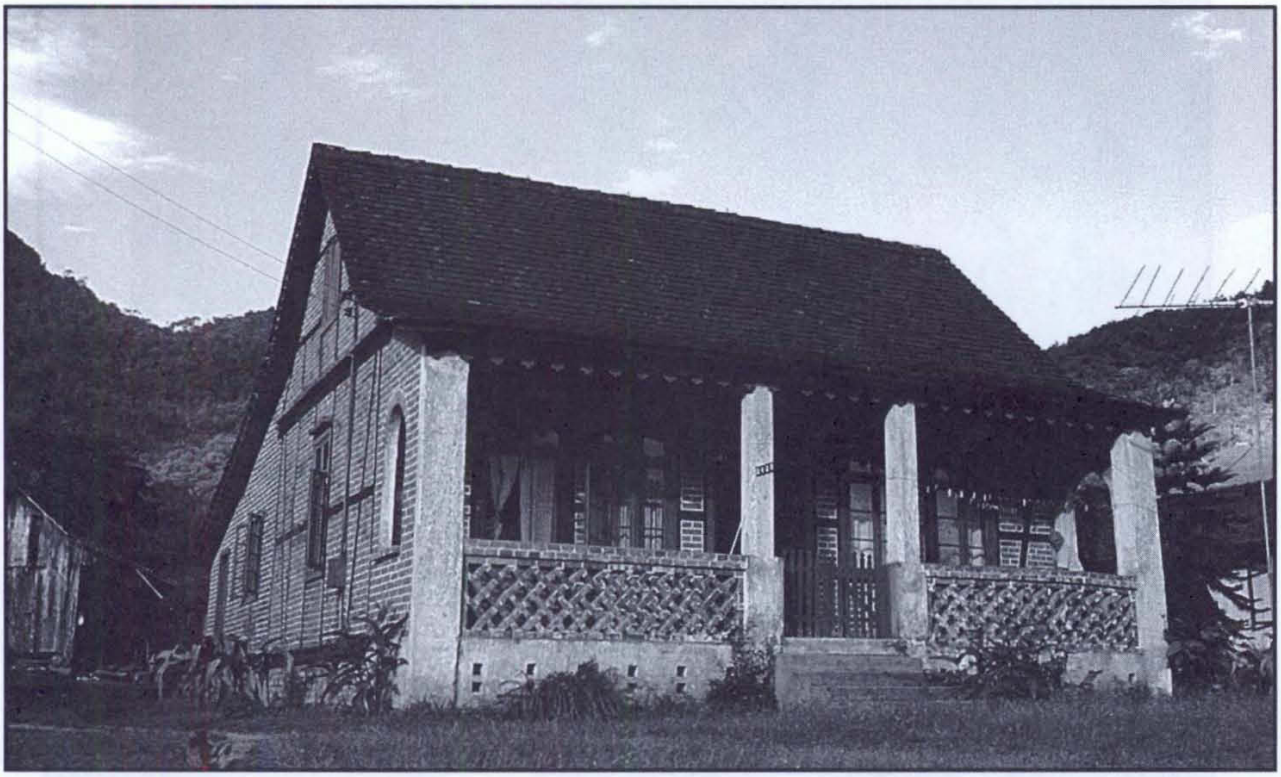
Casa da Crista - 1908

[4] Dados obtidos na Prefeitura Municipal de Pomerode através do Inventário do Enxaimel, organizado pela arquiteta Roseana Lunghard.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

3) Casa Rahn (Rua Testo Alto, 8430), pertencente a Hugo Rahn e construída em 1920. Uma característica a ser mencionada é que possui a data pintada na parte superior da porta de entrada.



Casa Rahn - 1920

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

4) **Casa Zumach** (Rua Testo Alto, 7097), pertencente à família Zumach, não apresenta dados concretos sobre a data aproximada de construção, mas originalmente abrigava a Casa de Comércio Zumach.

Casa Zumach - sem datação aproximada

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

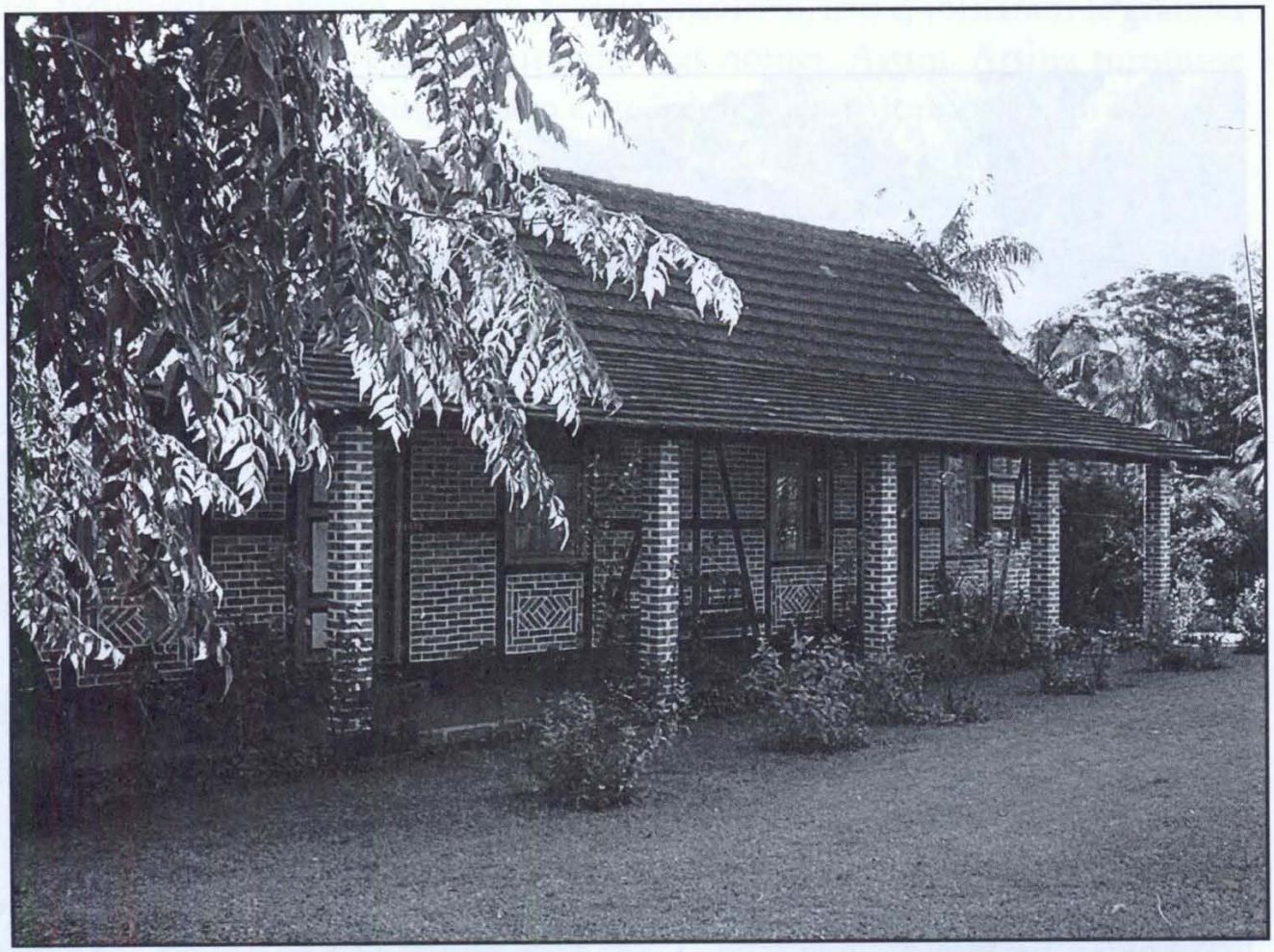
5) **Casa O. Sievert** (Rua Testo Alto, 7875), pertencente a Ovídio Sievert e construída aproximadamente em 1880. Destaque para a formação de losangos rebocados em massa aplicados na varanda (pilares e parte frontal) e na porta.

Casa O. Sievert - 1880

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

6) Casa W. Sievert (Rua Testo Alto, 8019), pertencente a Wendelin Siewert e construída em 1913. Destaque para a varanda com pilares livres de parede e para a fachada frontal com ornamentação de tijolos no formato de losangos.

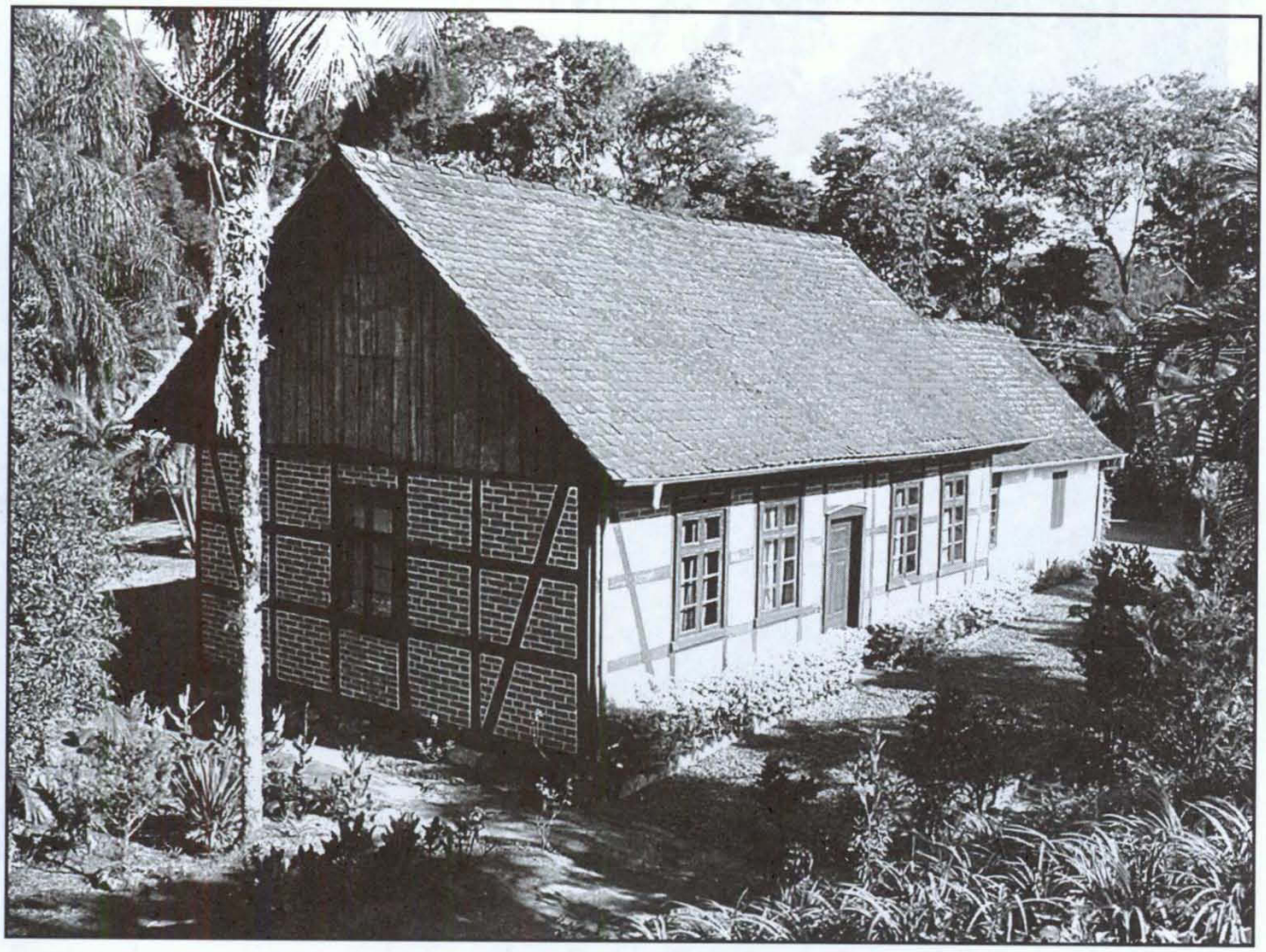


Casa W. Sievert - 1913

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

7) **Casa Voigt** (Rua Progresso, 2320), pertencente a Ella Voigt e construída em 1865. Atualmente desocupada devido ao falecimento da proprietária. A família informou que o imóvel encontra-se parcialmente danificado e espera contar com o auxílio do Governo para restauração e possível instalação de uma pousada no local.

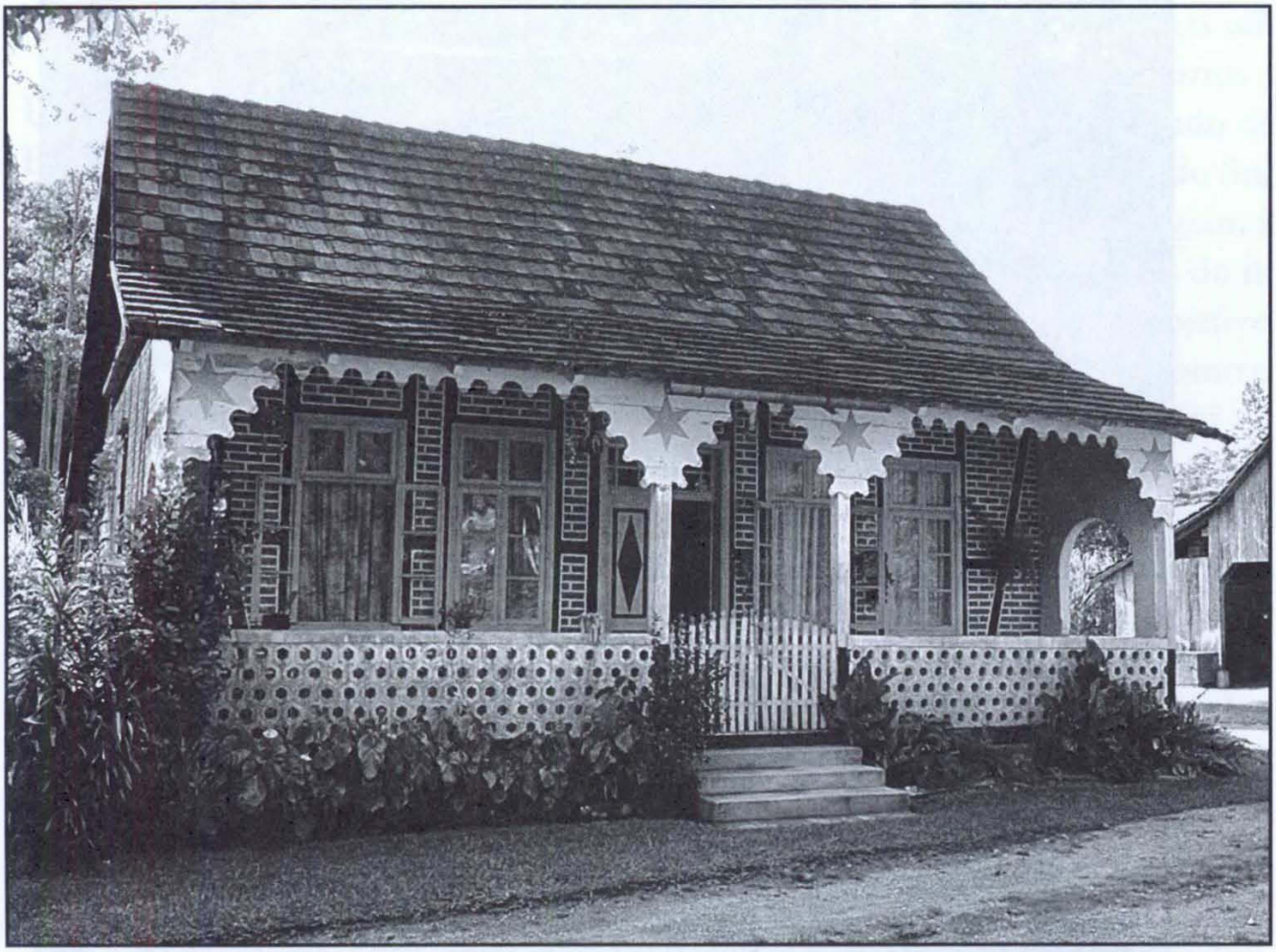


Casa Voigt - 1865

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

8) Casa Radünz (Rua Curitiba, 377), pertencente a Walter Radünz e construída em 1932. Merece destaque a ornamentação esmerada do imóvel, que possui a incorporação do elemento cerâmico vazado em forma de colméia e fechamento lateral ao arco na varanda. Além disso, um trabalho em lambrequim na parte superior é marcante pela riqueza de cores e detalhes.



Casa Radünz - 1932

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Casa Comercial Weege - Rua Presidente Costa e Silva, 677 - (Praça Erwin Zastrow)

Casa Comercial Haut (1911) - Rua Presidente Costa e Silva, 719 (Praça Erwin Zastrow)

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preservação patrimonial é fundamental para o cultivo das tradições de uma determinada localidade. Uma população que conhece a vida de seus antepassados compreende e valoriza os vestígios culturais que compõem sua identidade.

Portanto, diante de uma comunidade consciente da importância de sua cidade no contexto nacional e estadual, o turismo torna-se uma atividade natural, sem necessidade de forjar cenários ou inventar fatos. Desta maneira a história e a cultura não são encaradas apenas como produto turístico, mas principalmente como elementos da memória e identidade locais, possibilitando que ocorra um planejamento permanente para que turismo e patrimônio histórico possam coexistir em harmonia, sem prejuízos para a comunidade.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil:** promulgada em 5 de outubro de 1988. Organização do texto: Juarez de Oliveira. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legislação Brasileira).

BUZZARELLO, Silvinha; RAMLOW, Udo. **Pomerode**: sua história, sua cultura, suas tradições. Pomerode, Prefeitura Municipal - Departamento de Cultura, 1996. (Série Histórica - v. 6).

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1990.

ODEBRECHT, Silvia. Histórico das construções enxaimel. **Revista Blumenau em Cadernos**, Blumenau, v. XXIII, n. 3, p. 84-85, mar. 1982.

POMERODE. Plano Diretor (1995). **Plano Diretor do Município de Pomerode**. Pomerode: Prefeitura Municipal - Secretaria de Planejamento, 1995.

POMERODE. Inventário Turístico (2003). **Inventário Turístico do Município de Pomerode - SC.** Pomerode: Prefeitura Municipal, 2003.

RUDNIK, Marli. Da construção de sobrevivência ao enxaimel para turistas verem. **Jornal de Santa Catarina**, Blumenau, 02/03 jun. 1991.

RUDNIK, Marli. Pomerode tem sistema educacional eficiente. **A Notícia**, Joinville, 21 mai. 2003.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Festa do Mastro de São Sebastião

TEXTO: MARIA DO CARMO RAMOS KRIEGER[1]
MÔNICA KRIEGER GOULART[2]

Oração a São Sebastião
(Advogado contra a peste)

São Sebastião, glorioso Mártir de Jesus Cristo e poderoso advogado contra a peste, defendei-me, à minha família e a todo o nosso país do terrível flagelo da peste e de todos os males, para que, servindo a Jesus Cristo, alcancemos a graça de participar da vossa glória no céu. (Sursum Corda, p.343).

A 20 de janeiro de cada ano a Igreja Católica Apostólica Romana comemora o dia de São Sebastião. Um dos santos mais cultuados do catolicismo popular, São Sebastião era italiano, nascido em Milão, Roma. Como soldado, foi um exemplo. A respeito, MERICO (2002, p.61) comenta:

> Ele prestou o serviço militar em Milão e foi considerado um modelo de soldado, por sua fidelidade e valor. Chegou a exercer o cargo de capitão da guarda do imperador Maximiliano, em Roma. Foi de grande auxílio aos primeiros cristãos, perseguidos duramente e aprisionados. Consolava e fortalecia os mártires contra o terror dos suplícios e piedosamente recolhia seus despojos, para lhes dar digna sepultura.

Devido ao seu comportamento de solidariedade junto aos cristãos, sofreu o martírio de ser *"despido, amarrado a uma árvore e alvejado com flechas. Julgando-o morto, os soldados abandonaram seu corpo enxágüe"* (id.ibdem, p.63). No entanto, Sebastião

[1] Maria do Carmo Ramos Krieger é professora de Geografia da rede pública estadual catarinense.
[2] Mônica Krieger Goulart é bacharel em Turismo.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

teve seu corpo recolhido por uma senhora de nome Irene, a qual, percebendo tratar-se de um moribundo, tratou dele até que se restabelecesse.

Ao sabê-lo curado, o Imperador ordenou-lhe novo martírio: desta feita com pauladas e boladas de chumbo. Sebastião falece no ano de 303 d.C. Três séculos e meio depois, no ano de 680, uma peste tomou conta de Roma. É quando devotos, com as relíquias de Sebastião, realizam uma procissão com pedidos de proteção a Deus, por seu intermédio: *"Logo o grande mal que a todos atormentava, fazendo centenas de vítimas, chegou ao fim"* (id.ibdem, p.62). Invocado pela fé de um povo em desespero, Sebastião, desde então, é conhecido como protetor das pessoas chagadas e com doenças infecciosas.

A devoção rompeu barreiras intemporais e espalhou-se pelo mundo. No Brasil, onde a presença do catolicismo popular é consideravelmente expressiva, a devoção a santos marcados pelo martirológico, com dores, sofrimentos, doenças e chagas foi trazida pelos portugueses que colonizaram seu território de além-mar através da potencialidade da fé, imprimindo por meio *"do culto das imagens e das estampas policrômicas de Santos do agiológico católico"* (VALENTE, 1979, p.37) a marca de uma das festas mais tradicionais do calendário de janeiro: a de São Sebastião (20/01).

De culto tão difundido, era natural que a devoção a São Sebastião se espalhasse no Estado catarinense. SERPA (1977, p.62) comenta:

> O cotidiano de homens e mulheres do litoral de Santa Catarina, notadamente nas regiões habitadas por luso-brasileiros, estava eivado de religiosidade, cujas práticas eram: festas, devoção a santos, procissões, romarias e benzeduras (...).

Em Penha, litoral Norte de Santa Catarina, a **Festa do Mastro de São Sebastião** sobrevive desde há muito - tempo impreciso para tantos quanto se lembram de sua existência.

Nossa informante, senhora Ana Leonor de Souza Amaro, de 54 anos, do bairro de Armação, em Penha, é uma delas: possui lembranças, memórias familiares (o pai, João Veríssimo Souza, era 'açoriano' da Praia Grande, no mesmo município) que dão conta da história desde que portugueses-açorianos chegaram no lugar, a partir de 1777: *"a festa existe desde quando a gente se entende por gente; embora hoje não esteja mais no ritmo de antigamente, quem*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

está, vai levando para a festa não acabar".

Traduzindo o sentimento de quem, com orgulho, é de origem portuguesa-açoriana, Ana é entusiasta da Festa e conta ser São Sebastião *"um santo milagroso a quem são feitos pedidos de cura de doenças do corpo. Mas tem que pagar a promessa quando for atendido. Ele é um santo muito forte".*

Assim, se São Sebastião atende *"numa hora que preciso, que estou de bem com a vida, me tira o mal que me aflige, não posso me esquecer dele"*, completa.

Como então pagar a promessa?

A festa propriamente dita começa com o acerto de contas da pessoa com o santo através da encomenda de um tronco de árvore - o mastro. Trata-se de um pinheiro de 10 a 12 metros de comprimento, cortado *"ali pra cima na Santa Lídia"* (outro bairro de Penha). No momento do corte não ocorre festa. Antigamente o próprio pagador da promessa ia no mato cortar; hoje encomenda de quem tem plantação, seguindo a lei. *"É o cortador quem entrega na casa de quem encomendou e essa pessoa vai pagar a promessa"*, diz Ana. Às vezes acontece de a pessoa encomendar um pinheiro de comprimento maior, como a que pediu um tronco de 14 metros *"e o povo quase morreu para levantar o mastro, de tão pesado que ficou".*

Na tarde do domingo antes da Festa, depois do almoço, por volta das 15 horas, as mulheres se reúnem para enfeitar o mastro. É uma tradição feminina? perguntamos. *"Não, os homens também participam preparando a concertada (bebida típica à base de açúcar, gengibre, cravo, canela e cachaça), servindo-a com broinhas de coco (iguaria que leva coco, araruta, limão, ovos e amido de milho) - feitas pela ala feminina".*

A grande presença feminina explica-se porque as mulheres são mais devotas, rezam mais. A pessoa pagadora da promessa pode ser homem, criança, gente de idade. Se os adultos da família comparecem com homenagens, meninos também o fazem: alguns cantam e se vestem com aventalzinho e quepe na cabeça, feito em tecido, enfeitado com flores de papel crepom.

A dona (ou o dono) do mastro é responsável em conseguir as flores de todas as cores para o mastro ficar bem bonito. Quando ele está pronto, todo enfeitado, atividade que dura cerca de três horas, chegam os foliões cantando e adaptando as letras sobre a pessoa pagadora da promessa, ao som do Mineiro-dô - toada cantada/dançada pelo Grupo Folclórico Itapocorói.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Às 18 horas o mastro é levado até a Igreja de São João Batista, em Armação de Itapocorói, só com cantoria. Reza, não. No local, já está pronto o buraco para fincá-lo e depois de erguido pelos homens, a pagadora (ou pagador) da promessa hasteia a bandeira do santo. O Grupo canta ao redor do mastro. Nesse momento quatro pessoas pegam uma toalha branca para recolher o ofertório em dinheiro, sendo que metade vai para os foliões (cantadores do grupo) e outra metade vai para o santo." *Quando é pouco o ajutório, fica só para os foliões"*, informou Ana.

Terminada a cerimônia da puxada do mastro, algumas pessoas ficam para a Missa das 20 horas, outras vão embora.

No próximo domingo, dia da Festa do Mastro de São Sebastião, o povo comparece à Missa das 20 horas. Durante a Missa acontece a participação dos festeiros - *"são aqueles convidados porquê têm o nome do santo. A função deles é a de participar da missa e contribuir com oferta em dinheiro para o santo"*. Mas o festeiro principal, a quem são voltadas as atenções, é São Sebastião. A imagem do Santo ocupa um lugar especial na Igreja e os devotos rendem-lhe as homenagens e fazem seus pedidos e orações.

Depois vem a venda das massas. De que se trata? *"Antigamente havia leilão de massa, porque era pouca quantidade ofertada. Agora é muita, a pessoa não tem paciência para esperar os lances, então paga direto"*, completou Ana.

Massa é a peça feita de 'massa de pão'. SOARES (2002, p.30) cita, com relação às ofertadas na Festa do Divino Espírito Santo, também festejado em Penha:

> As massas são outro ponto de destaque da festa do Divino, sempre em agradecimento ao atendimento de uma promessa relativa a questões de saúde. Também chamadas de ex-votos, são massas de pão feitas nos mais diversos formatos, geralmente na forma da parte do corpo doente que deu motivo à promessa. Assim, vemos braços, corações, cabeças, pés e outros órgãos, que na hora da festa são adquiridas e oferecidas simbolicamente ao Divino, em louvor à graça obtida.

Em Penha, algumas padarias têm os moldes, diz Ana acrescentando: *"a massa é oferecida depois da Missa"*. Os motivos da oferenda podem ser os mais variados e Ana conta um caso: *"num terreiro a galinha choca e morre tudo. Aí a pessoa promete que se ele (São Sebastião) fazer vingar aquela criação toda, vai oferecer ovos ou uma criação no dia da festa. Tem a dona Lucinha*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Bersi de Souza que todo ano faz promessa e sua criação é muito bem apanhada. Todo ano ele leva, como pagamento ao Santo, uma dúzia de ovos de pata e faz um pão-de-ló para ser arrematado e já tem freguês certo para ele", completou Ana.

Indagada a respeito, dona Lucinha disse que seu pão-de-ló é uma tradição, receita aprendida com sua mãe. Além dos ingredientes da culinária (ovos, açúcar, trigo), requer sensibilidade e amor para fazer - itens certos para transformá-lo em prato disputado no arremate.

Curiosidades à parte, o santo homenageado representa um aspecto da cultura popular brasileira sobrevivente de uma devoção comemorada com cerimônias interessantes, as quais fazem parte de festas que se revezam em novenas, procissões, leilões pelo Brasil a fora, com características voltadas, em algumas vezes, às necessidades regionais.

No Piauí, Estado da região Nordeste, por exemplo, OLIVEIRA (1977, p.33) registrou os seguintes versinhos:

Soldado Valente
Guerreiro Varão
Livrai-nos da peste
São Sebastião.
.
Mártir de Cristo
Meu santo varão
Livrai-nos da seca
São Sebastião.

No Espírito Santo, Estado da região Sudeste, por quase todos os recantos:

se realizam as duas fases em que se divide a Festa: a cortada e a puxada do mastro. (...) A puxada do mastro se realiza, via de regra, nas vésperas ou no dia do Santo padroeiro da localidade. Posto o mastro sobre o Barco ou Navio, começa a puxada. A festa é uma procissão, mas procissão diferente sem santo nem andor, a não ser a Bandeira do santo, conduzida por moças ou crianças, na frente do cortejo. (NEVES, 1978, p.57-58).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Em São Paulo, Estado da Região Sudeste, DAMANTE (1980, p.53) cita: *"20 de janeiro. S. Sebastião. Dia santo popular nas áreas rurais. Fora das cidades, onde é o padroeiro, a festa é celebrada no domingo seguinte ou no último domingo de janeiro. Leilão de gado, grupos folclóricos, fogos de artifício".*

Na literatura especializada em Santa Catarina, Estado da Região Sul, encontram-se esparsos registros sobre o tema Festa do Mastro de São Sebastião. O município de Penha, localizado na região Norte catarinense, detém, nas comunidades de cultura de base portuguesa-açoriana que permeiam principalmente o litoral do Estado, a especificidade de ser o único lugar onde a festa existe. Assim, com identidade própria, o aspecto popular identifica, na comunidade de Armação, através do louvor ao santo, o pagamento de promessas: *"a pessoa que quer pagar uma promessa é só marcar pro ano (próximo) na igreja, com a secretária do Grupo, após a Missa (do dia 20 de janeiro) ou no domingo que antecede a data, quando é anunciado o nome do solicitante"*, informa Ana. *"Aí os demais promesseiros podem encomendar a parte do corpo prometida: pés, mãos, cabeça, e levar ao santo na hora certa"*, completou.

A Real Armação de São João Batista da Enseada de Itapocorói - nome da localidade no tempo do Brasil Colônia -, recebe, a cada ano, os devotos de São Sebastião (os outros considerados os santos do mês de Junho: São João e São Pedro, também têm sua festa especial na referida comunidade).

A história acompanha a sobrevivência de grupos como esse em Armação de Itapocorói. O culto ao mártir São Sebastião, com cores e sons bem brasileiros, no território catarinense de Penha, através da Festa do Mastro, resiste.

E os devotos rezam:

Dai-nos, ó Deus, o espírito de fortaleza para que, sustentados pelo exemplo de São Sebastião, vosso glorioso mártir, possamos aprender com ele a obedecer mais a Vós do que aos homens. Por Cristo Nosso Senhor, Amém!

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARO, Ana Leonor de Souza. Depoimento às autoras. Penha, 06.01.04.
DAMANTE, Hélio. Folclore Brasileiro (São Paulo). Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Assuntos Culturais. Fundação Nacional de Arte -FUNARTE. Instituo Nacional do Folclore. Rio de Janeiro. 1980.
GOULART, Mônica Krieger. Estudo de impactos socioculturais de um parque multitemático num município do litoral de Santa Catarina. Monografia de conclusão de curso. UTP/PR. Digitado. 2002.
KRIEGER, Maria do Carmo Ramos. Penha/SC: O Relicário do Divino. Monografia de conclusão de curso. UNIVEL/PR. Digitado.2003.
MERICO, Maria Teresinha Ramos Krieger. Padroeiros da Comunidade Paroquial São Luís Gonzaga. Brusque/SC. Gráfica Mercúrio/Edição do Autor. Brusque/SC. 2002.
NEVES, Guilherme Santos. Folclore Brasileiro (Espírito Santo). Ministério da Educação e Cultura. Departamento de Assuntos Culturais. Fundação Nacional de Arte. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro.Rio de Janeiro. 1978.
OLIVEIRA, Noé Mendes de. Folclore Brasileiro (Piauí). Ministério da Educação e Cultura. Departamentos de Assuntos Culturais. Fundação Nacional de Arte. Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro. 1977.
SERPA, Élio Cantalício. Igreja e Poder em Santa Catarina.Editora da UFSC. Florianópolis. 1997.
SOARES, Doralécio. Folclore Catarinense. Editora da UFSC. Florianópolis. 2002.
SOUZA, Lúcia. Depoimento às autoras. Penha. 07.0104.
SURSUM CORDA. Manual de devoção da Donzela cristã no Colégio e no lar. Compilado pelas Irmãs Franciscanas. 7ª. edição. Livraria Selbach. Porto Alegre, 1945.
VALENTE, Waldemar. Folclore Brasileiro (Pernambuco). Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Assuntos Culturais. Fundação Nacional de Arte - FUNARTE. Rio de Janeiro. 1979.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Um Capítulo da História do Brasil Imperial: A imigração alemã no Vale do Itajaí em Santa Catarina

MARIA LUIZA RENAUX[1]

Nos tempos do Brasil-Colônia: a integração do Sul pelas bandeiras paulistas e em nome da defesa das fronteiras

Como colônia de Portugal, o Brasil foi dividido em capitanias hereditárias (divisões administrativas pertencentes à Coroa portuguesa, mas administradas com recursos pessoais dos donatários a quem se fez o legado) e, como tal, administrado de norte a sul. Santa Catarina e o Rio Grande do Sul pertenciam à capitania de São Paulo e não fugiam à regra geral portuguesa de ocupação das terras do litoral, pelo menos até que se alcançasse seu objetivo maior, o encontro de uma riqueza imediata como o ouro. Como isso de pronto não aconteceu, foi na plantação da cana-de-açúcar que se encontrou possibilidade de riqueza. Assim se inaugurou o *"plantation system"* no país e com ele os grandes latifúndios monocultores (cana-de-açúcar, algodão, café) e a economia escravagista. Como o Sul pertencia a São Paulo, Santa Catarina tornou-se lugar de passagem dos bandeirantes paulistas que, justamente vinham para as terras meridionais em busca de indígenas e de gado para servir às minas recém-descobertas de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás. Foram esses bandeirantes que fundaram os primeiros três núcleos de povoamento catarinenses na costa, São Francisco (porto que hoje atende à exportação da produção industrial da maior cidade catarinense, Joinville), Desterro (na época o posto mais avançado da soberania portuguesa na América do Sul) e mais adiante, na cos-

[1] A autora é professora de História na Universidade de Blumenau.
Palestra proferida no Colégio Visconde de Porto Seguro, em São Paulo, A 3 de abril de 2003, ano do 125º jubileu da escola, como parte do ciclo de palestras que visa situar a imigração alemã e sua contribuição dentro dos diferentes contextos regionais do Brasil, no passado e no presente.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ta, Laguna, e no planalto, Lages. Desse último ponto as bandeiras paulistas chegavam aos pampas no Rio Grande do Sul, onde também dominava a economia fazendeira, dessa vez assentada sobre a criação de cavalos e de gado. Sobre esses primeiros núcleos de povoamento o rei de Portugal, ora residente no Brasil, D. João VI, despejou a experiência portuguesa acumulada nas lhas dos Açores e da Madeira, mandando vir para cá pequenos agricultores, cultivadores de trigo e de uva. Aqui eles deveriam produzir alimentos e, junto, garantir a ocupação das terras sulinas cobiçadas pelos espanhóis - o limite das fronteiras entre Portugal e Espanha ainda não era seguro na área do Rio da Prata. Madeirenses e açorianos logo sucumbiram ao modelo dos esparsos habitantes locais, de viver da pesca e de farinha e de render-se ao bom clima da terra. Mandioca era o que plantavam (exceto no Rio Grande do Sul onde continuaram a plantar trigo) e farinha, nada mais que farinha com peixe sendo o seu prato diário. Sobre essa circunstância escreveu um pastor luterano que naquela época se encontrava em Santa Catarina: *"(...) Num canto está pendurada uma panela onde, de 1º de janeiro até 31 de dezembro é preparada a papa de farinha de mandioca e, como complemento, peixe seco ao sol (bagre)(...)".* [2]

A Independência e a importação de um novo padrão cultural para o Brasil

Veio então, a independência do Brasil. O novo governo, tendo à cabeça D. Pedro I de Bourbon e Bragança e Dona Leopoldina de Habsburgo, da casa reinante da Áustria, tratou de garantir-se no poder, angariando soldados e colonos estrangeiros para formar no país um estrato médio entre a população escrava e os grandes proprietários de terras que, politicamente, ainda davam seu apoio à Coroa portuguesa. Encarregado de introduzir um tipo de gente culturalmente nova no Brasil foi o secretário particular de Dona Leopoldina, Major Jorge Antônio von Schaeffer, graças à boa experiência de colonização que os austríacos desenvolveram em suas terras, limítrofes às dos cossacos. Entre soldados então, vieram colonos de língua alemã para se estabelecerem definitivamente no Brasil. A primeira colônia alemã em terras brasileiras foi São Leopoldo, no Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, fundada em 1824 - esse o início da

[2] STUTZER. Gustav. *O Vale do Itajaí e o município de Blumenau 1886 - 1891.* Arquivo Histórico José F. da Silva. Pasta Família Stutzer, p. 8/9.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

colonização germânica no Brasil. Em Santa Catarina, cinco anos depois, foi fundada a colônia de São Pedro de Alcântara, próxima à capital, Desterro. Não é que os fundadores das duas colônias, São Leopoldo e São Pedro de Alcântara fossem os primeiros alemães a se estabelecerem no Brasil. Uma série deles viera ao Nordeste já no século XVI. Mas, como sempre se tratava de elementos isolados, facilmente adotaram o modo de vida brasileiro, isto é, tornaram-se grandes proprietários de terras e abrasileiraram seus nomes. Assim, Arsing tornou-se Arzão, Tack, Taques, Betting, Betim e até Schmidt transformou-se em Ferreira. Mais tarde essa tendência de "abrasileirar-se" pela posse de terra foi sanada pelo governo imperial que proibiu fossem vendidas mais de 10% das terras a um mesmo proprietário nas áreas de colonização germânica. Voltando à fundação de colônias no Sul, é que ainda não havia núcleos de povoamento entre Lages, no planalto, área de criação de gado e de campos na passagem para o Rio Grande e o litoral. Apenas índios xokleng, pertencentes ao grupo lingüístico dos gê vagavam naquele ermo. Para fundar colônias aí, desenterrou-se um projeto militar antigo, do século XVIII, que visava a defesa das províncias sulinas contra os espanhóis.

São Pedro de Alcântara, onde foram assentados 625 alemães, revelou-se logo lugar impróprio para a agricultura - sua terras eram montanhosas e pouco férteis e não havia nenhum rio navegável para a comunicação da área com um porto marítimo. No começo os colonos receberam subsídios do governo para instalar-se, tais como: lotes de terra e instrumentos agrícolas; apenas a promessa de uma diária de 160 Réis por cabeça até a primeira colheita foi cumprida muito irregularmente. Positivo também foi o fato desses estrangeiros receberem garantia para a profissão de sua fé religiosa e a cidadania brasileira após quatro anos de moradia no país, já que perderam a sua própria ao deixarem a pátria. Sobre sua situação material difícil porém, veio pesar a nova lei de colonização (1830) defendida pelos grandes plantadores paulistas principalmente, que retirava do governo imperial a responsabilidade com a fundação de colônias, passando-a para o âmbito dos governos provinciais. Foi aí que Santa Catarina tornou-se o "laboratório da colonização no Brasil". Nessa experiência, por iniciativa do governo da Província catarinense foram fundados dois novos núcleos de povoamento, dessa vez às margens do rio Itajaí, bem próximos à sua foz, Belchior e Pocinho. Uma vez que companhias particulares também receberam o direito de fundar colônias, no Vale do Itajaí, em 1846 foi fundada a Colônia

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Belga, hoje Ilhota, com 90 imigrantes daquela origem. Mas, tanto os belgas como os franceses que mais tarde se assentaram na hinterlândia da colônia Brusque, não se prestaram à colonização, por serem elementos pouco estáveis e as duas colônias não passaram de experiências mal sucedidas (no caso dos belgas, esses espalhando-se por entre a população local e compondo o tronco de famílias tradicionais na região, caso dos Gevaerd). E, como São Pedro de Alcântara também não dera certo, a maioria dos habitantes saiu de lá e desceu para o Itajaí. As terras em torno da foz do rio estavam todas ocupadas por fazendeiros brasileiros, plantadores de cana, que se mostraram dispostos a vender algumas de suas propriedades. A partir de Gaspar então, estabeleceram-se famílias alemãs e, bem em frente a Blumenau, na última grande curva do rio, pertencente ao núcleo Belchior, assentou-se a família do colono Peter Wagner, natural de Byrbach, Saarbrücken, Alemanha. Como a área que incluía sua propriedade depois fez parte da colônia Blumenau, Pedro Wagner é chamado de "O Pioneiro" na cidade e seus filhos, ao todo 24, foram o tronco das famílias mais antigas da região, já que as moças, todas elas, casaram-se com os novos imigrantes que foram chegando ao lugar. Essa a origem dos nomes Hering, Moellmann, Altenburg, Brueckeimer, Schneider, Renaux, tradicionais na região.

A renovação da economia através da imigração alemã: a pequena propriedade produtora de alimentos para o Brasil

Finalmente, chegou a vez do Dr. Blumenau. Hermann Otto Bruno Blumenau integrava-se perfeitamente nos planos do governo imperial brasileiro, que se mantinham os mesmos com relação aos interesses na colonização. Resta saber que, o novo imperador, Pedro II, filho de Leopoldina de Habsburgo, que governou o Brasil durante quarenta e nove anos, era muito afim com a cultura alemã e o alemão era sua língua materna. Luta do seu governo continuava fazer frente aos fazendeiros paulistas, que não queriam a divisão das terras brasileiras em pequenas propriedades. Mas, o Brasil continuava a comer mal, exceto em São Paulo que tinha outra tradição culinária (a indígena, por exemplo) e que, nesse momento, já começava a contar com os imigrantes italianos entre os seus habitantes. Pelo menos nessa Província se consumia a proteína da carne, o trigo, o milho, o feijão, a mandioca, pertencentes ao cardápio bandei-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rante. Porém, nos latifúndios do Nordeste, onde existia a monocultura, não se comia carne fresca, ovos, leite e legumes, muito menos cereais e proteínas; difícil mesmo era conseguir uma galinha quando vinha visita de fora ou para os dias de festa! [3] Que comia essa gente? Abusavam de peixe, intercalavam-no com carnes salgadas e de resto, não se via outro tipo de carne que servisse. *"Nem carne de vaca, nem de carneiro, nem mesmo de galinha. Nem frutas, nem legumes: legumes eram raros e frutos, só bichados ou ainda colhidos verdes"*,[4] assim descreveu o sociólogo Gilberto Freyre os costumes alimentares nordestinos. Vacas leiteiras havia poucas nos engenhos, daí não se fabricarem nem queijo, nem manteiga. Do ponto de vista da nutrição, os mais bem alimentados da sociedade patriarcal eram os escravos que, afinal, haviam absorvido investimento. Não só trouxeram cozinha mais variada em vegetais, mas os fazendeiros os proviam com abundância de milho, toucinho e feijão. E, ainda hoje pode-se observar: seus descendentes no Brasil são muito bem formados, prova de que não degeneraram por falta de alimentos e as mulheres são as grandes beldades do carnaval brasileiro.

Assim se compreende a preocupação imperial em alimentar o Brasil. Quanto à escolha de imigrantes capazes de preencher essa lacuna, tanto por seus hábitos, quanto por representarem novo tipo de mão-de-obra, pensou-se nos alemães que, de seu lado, também se interessaram pelo negócio da imigração. A Alemanha era o maior parceiro comercial do Brasil. No "negócio do café", "Brasilgeschäft", como era chamado, a balança comercial chegou a estar favorável ao Brasil em 16 milhões de marcos. Do ponto de vista alemão, solução foi enviar navios repletos de imigrantes para a América do Sul., pois eles vinham vazios buscar os carregamentos de café. A imigração alemã estava em voga, dera certo nos Estados Unidos, o que a *"intelligentzia"* brasileira (a burocracia imperial tendo à frente José Bonifácio), preocupada com o "branqueamento da população", reconheceu. Nos motivos apresentados pelo ministro das relações exteriores brasileiro, Miguel Calmon du Pin e Almeida, que esteve em 1946 em missão brasileira em Berlim, consta o que realçava nos alemães:

"A aptidão dos colonos alemães para o trabalho da agricultura e para

[3] Freyre, Gilberto: Casa-Grande & Senzala. RJ.SP. Record. 2000. p.106.
[4] Ibid.p.108.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

os ofícios e artes, e o seu espírito pacífico e conservador acham-se provados por testemunhos os mais autênticos. Em mensagens dos presidentes dos Estados Unidos, principal teatro da colonização moderna, tem-se feito o elogio da moralidade dos alemães e do seu préstimo para a colonização [...]. Amor ao trabalho e à família, sobriedade, resignação, respeito às autoridades são as qualidades que distinguem os colonos alemães em geral, dos colonos de outras origens". [5]

Licença brasileira fora dada na época, como visto, para companhias particulares de colonização também atuarem no Brasil. Em Hamburgo foi fundada a Sociedade Brasileira de Proteção ao Imigrante Alemão no Sul do Brasil (1846). O encarregado a vir para cá, em nome dessa sociedade, foi Hermann Otto Blumenau. Estímulo maior parece ter sido para ele a atmosfera em voga na Alemanha da época, quando intelectuais assumiram a burocracia do Kaiser Guilherme I, e os naturalistas, em decorrência da valorização dos estudos científicos, se sentiram atraídos pelos países exóticos. Por outro lado, a disputa colonialista, na qual a Alemanha entrara tarde em relação a outros países, levou-a a desenvolver estratégias próprias para competir.

Por fim: Hermann Otto Bruno Blumenau, formado em 1846 na Universidade de Erlangen onde recebeu o título de doutor em Filosofia defendendo tese sobre alcalóides, trazia um projeto moderno de colonização, voltado para o mercado. Interessante é que, no começo, Blumenau também pensou numa *"atividade de fazenda"*, ao que se sabe, para produzir açúcar. Os preços, porém, alcançados pelos plantadores brasileiros, à base de mão-de-obra escrava eram mais baixos e foi impossível concorrer com eles. Um incidente igualmente, fê-lo desistir da idéia. Na sua intenção de beneficiar cana-de-açúcar, comprou equipamentos de engenho numa fazenda do Rio de Janeiro, onde várias delas se dissolviam em função do processo de abolição da escravatura, então em curso. Na costa de Santa Catarina, porém, um navio inglês, no controle do comércio ilegal de escravos, cujos direitos a Inglaterra se reservava, rebocou justamente o navio onde se encontrava a aquisição do Dr. Blumenau, até a ilha de Santa Helena, no Atlântico, perdendo ele o investimento que fizera, fruto praticamente, de todas as suas economias . Optou então pela divisão de suas terras em lotes coloniais e a venda dos mesmos aos 17 colonos alemães que já se encontravam trabalhando em sua propriedade, mediante pagamento de salário, há dois anos.

[5] RENAUX. Maria Luiza. *O Papel da Mulher no Vale do Itajaí 1850-1950.* Blumenau: Ed. da FURB, 1995, p. 39.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Foi assim que nasceu a colônia Blumenau. A mesma origem teve a colônia Dona Francisca, depois Joinville, fundada em terras do dote da princesa Francisca Carolina, casada com Francisco Ferdinando, príncipe de Joinville, filho do Imperador francês, Louis Philippe D'Orléans. A iniciativa de fundar uma colônia de imigrantes nessas terras coube a uma sociedade hamburguesa de armadores, encabeçada pelo senador Christian Mattias Schroeder. Outra colônia fundada no Vale do Itajaí, desta vez pelo governo catarinense, foi Brusque, junto ao Itajaí Pequeno, Itajaí-Mirim, recebendo o nome do seu fundador, o Presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Carlos de Araújo Brusque.

O modelo de exploração econômica em todas essas colônias (e seguiu-se a fundação de outras no Vale do Itajaí) foi o da pequena propriedade explorada por mão-de-obra familiar. A produção foi a adequada à terra local, milho, feijão, arroz, aipim, tabaco. Em Blumenau, condição imposta pelo fundador à entrada de imigrantes é que todos começassem a vida como colonos e, figuras das mais diferentes origens e profissões tiveram que submeter-se a essa determinação. Mas, conforme o modelo da colonização alemã e graças ao excedente que se formou como resultado das colheitas, cedo as profissões se diversificaram e vieram artesãos, marceneiros, ferreiros, médicos, veterinários para suprir as necessidades da colônia, criando também o primeiro mercado para as plantações. Cedo esse atingiria o Brasil (tal como previra o Império) pois, a área de "plantation", como se viu, não sabia produzir para comer (prova disso é que uma das principais exportações do Vale do Itajaí fosse a manteiga e o toucinho). Isso porque nessa região, além da experiência e costumes que traziam, os colonos de alguma forma tinham assistência racional no seu trabalho, uma vez que, o Dr. Blumenau e outros antigos moradores da colônia haviam se encarregado da fundação de um (Agri)*Kulturverein,* Sociedade de (Agri)Cultura, para testes e seleção de sementes, importação de reprodutores para melhoria do gado, discussão da produção mais adequada à colônia como um todo. O mesmo aconteceu em Brusque. Nas colônias alemãs, em primeiro lugar, cada propriedade produzia para a subsistência; depois, com a chegada de novos imigrantes - em 1875 inaugurou-se a imigração italiana no Brasil e muitos imigrantes trentinos estabeleceram-se Vale do Itajaí acima - mal e mal dava-se conta de fornecer produtos aos recém-chegados e os artesãos encontraram vasto campo de trabalho. Quando essa situação se estabilizou e propriedades mais novas também começaram a produzir, formou-se um excedente que devia ser exportado. Criou-se

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

então, em Blumenau, a "Cia. de Navegação Fluvial" e comprou-se um navio que recebeu o sugestivo nome de "Progresso", para levar a produção colonial até o porto em Itajaí. Como informação à parte e, ilustrando de certa forma a iniciativa feminina nas colônias alemãs, entre os sócios consta a assinatura de todos os principais nomes da cidade tendo à frente, como gerente, uma mulher - Roese Gaertner. A ela igualmente a cidade deveu a fundação do seu primeiro teatro, onde os estrangeiros tinham oportunidade de reviver a cultura pátria e, através dela matar as saudades. Pois, compreenda-se que, nos primeiros tempos, só se falava alemão em Blumenau e Brusque e que os alemães viviam isolados na floresta e separados dos brasileiros não apenas pela língua e hábitos de vida diferentes que trouxeram, mas também pela religião que professavam, a luterana entre a maioria católica do país.

Com as exportações, de fato formou-se um excedente econômico na região e esse soube ser aproveitado por imigrantes mais tardios, vindos de uma Alemanha em plena industrialização. Os fundadores das primeiras indústrias do Vale do Itajaí foram alemães e protestantes, em Blumenau provenientes sobretudo da Saxônia, em Brusque, de Baden. As primeiras indústrias criadas no Vale do Itajaí foram Hering, Karsten, Garcia (Artex), Renaux, Buettner, Schlösser,

Os interesses das duas colônias deram contornos bem especiais a elas, diferentes das cidades lusas que se iniciavam pela construção da igreja e da praça. *"Antigo mapa de Blumenau mostra a tendência da cidade em se estender pelas baixadas, ao longo dos caminhos por onde chegavam os agricultores. Era a função comercial que dirigia o plano. Este, desenvolvido de maneira mais lógica para aquela população, era projetado e locado pelo agrimensor alemão que dirigia os serviços técnicos do núcleo. Nesse plano não há lugar de realce para a igreja. Aquela população protestante - ainda em 1854, a colônia contava com 248 luteranos e somente 5 católicos - edificara o templo em local afastado da parte central, orientado pela estrada de acesso à parte comercial",* verificou estudioso.[6] No mais, a instalação e evolução das duas cidades, como não é difícil de ver, deu-se ao longo do rio, obedecendo ao padrão das *Waldhuferndorf* alemãs, em que os lotes eram demarcados desde o rio até as encostas dos morros, paralelamente uns aos outros.

[6] PELUSO. Victor Antônio Jr. *Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina.* - Secretaria de Estado e Cultura e do Esporte, Editora UFSC, 1991, p. 372.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A herança da colonização européia na região do Vale do Itajaí

As primeiras indústrias fundadas no Vale do Itajaí desde 1880 até a Primeira Guerra Mundial eram unidades insignificantes, produzindo apenas pano rústico ou camisetas de malha para a população de colonos. Com a guerra veio sua grande oportunidade uma vez que, dificultadas as importações, abriu-se-lhes o mercado nacional. Os empreendedores locais, contando com excelente mão-de-obra, de mesmo fundamento cultural, isto é, com mentalidade e disciplina adequadas à produção industrial e, sobretudo, dotados de orgulho pela sua *Leistung*, pela sua capacidade, obtiveram que a indústria catarinense passasse a impor-se pela qualidade dos seus produtos no mercado brasileiro.

E a mentalidade dos pioneiros continua. Em Brusque, por exemplo, com a necessidade de renovação tecnológica e a conseqüente expulsão de operários do processo produtivo, grande parte deles começou uma "fabriqueta de fundo de quintal". Na Fábrica de Tecidos Renaux em dois anos - e aqui também em decorrência da crise instalada pelo governo Collor e a abertura súbita do mercado brasileiro às importações - foram vendidos 250 teares para ex-mestres e operários da empresa. O "boom" foi tão grande que, inúmeras pequenas empresas - malharias e confecções - chegaram a incomodar as mais tradicionais, tais como a própria Cia. Hering[7] que, dessa maneira viu ameaçada sua linha de artigos populares. Em resumo, no Vale do Itajaí, quem junta algum capital, seja vendendo uma moto, (como foi dito recentemente por empresário em entrevista[8]), seja recebendo pequena herança, pensa logo em fundar uma empresa, o que atesta sobre a existência de uma "cultura técnica" na região, bem no sentido dado por Max Weber ao termo. Pesquisas recentes feitas através de entrevistas com empreendedores locais para constatar justamente o que permanece e o que se perdeu da antiga mentalidade que determinou a ação dos pioneiros, mostram que certos padrões tradicionais ainda se mantém. Ou seja: ao lado dos critérios de uma gestão empresarial atualizada que tenta privilegiar a logística, os recursos humanos, o quadro de acionistas e as estratégias de *marketing* entre suas preocupações, permanece como item número um o não endividar-se, isto é, não exceder mais que certa porcentagem do capital de giro da empresa nos

[7] Ivo Hering, entrevista a Maria Luiza Renaux. Projeto: Cultura Empresarial do Vale do Itajaí. Instituto de Pesquisas Sociais. FURB. Blumenau. 1998.

[8] Gilmar Sprung, entrevista a Maria Luiza Renaux. Projeto:Cultura Empresarial do Vale do Itajaí. Instituto de Pesquisas Sociais. FURB. Blumenau. 1998.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

investimentos e procurar trabalhar, sempre que possível, com recursos próprios. De destaque permanece a qualidade do trabalho portador de uma tradição que reconhecidamente ainda se faz presente na região.

O sucesso econômico do Vale do Itajaí fez com que, nos anos mais recentes, quando o Brasil já conta com a presença mais numerosa de uma pequena classe média e com o incentivo ao turismo, se reconhecesse nele "um vale europeu". Quer dizer, paulistas, cariocas, gente de toda parte do país reconhece em seus comentários sobre a região, "cidades limpas", "povo organizado", etc. Que se preservaram certos traços culturais do tempo da colonização, é verdade: as escolas protestantes em geral são mais rígidas que as católicas, as mulheres tiveram pronta-resposta às oportunidades econômicas que se abriram, tornando-se proprietárias de pequenas empresas por exemplo e ocupando cargos políticos nos últimos anos (merece ser dito que, na região Sul, feito o balanço das eleições de 1996, a relação de prefeitas eleitas entre essa data e 1993, indica um aumento de 136,36% na participação feminina, isto é, na ocupação de prefeituras por mulheres, a maior do Brasil, no Sudeste, por exemplo, esse índice atingindo 52,63%[9]). As crianças são bem educadas, em geral mais disciplinadas, mas também bem mais retraídas que as de outros lugares, as sociedades de canto, de tiro ao alvo, de bolão renascem motivadas pelo turismo e, como argumento mais forte, pelo menos em defesa das intenções do Império na imigração, 70% da alimentação brasileira hoje vem do Sul! Fato é que o modelo da pequena propriedade deixou como herança uma economia descentralizada, com regiões de etnia e vocação econômica bem definida: o Vale do Itajaí se caracteriza pela indústria têxtil e sua foz pela pesqueira; o Nordeste catarinense pela indústria de confecções e metal-mecânica; o Sul pela indústria cerâmica e mineração, o Oeste pela alimentícia (criação de frangos e suínos) e pelas cooperativas agrícolas. Ocupando apenas 1,1% do território nacional e 3% da população brasileira, Santa Catarina está sempre entre o quinto e o sexto Estado exportador do Brasil. Não havendo aqui recursos naturais que favorecessem a exploração econômica tal como em outros Estados do Brasil, é cultural o fator responsável maior pelo seu desenvolvimento. Nesse ponto concretizaram-se os planos do Império e os planos pessoais de Hermann Blumenau.

Mas, na região do Vale do Itajaí o quadro apresentado está em mudança (1997): 70.000 pequenos produtores rurais deixaram suas propriedades por falta de uma política agrária mais apropriada no Estado; outras regiões dispu-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tam a liderança catarinense na indústria têxtil e de calçados: no Mato Grosso e em Goiás há a proximidade do algodão e os salários são a metade (R$ 250) dos do Vale do Itajaí (R$ 450 a R$ 500), os governos, tais como os do Nordeste, procurando atrair os empresários com incentivos de toda espécie para a redução de custos. Dados atuais (2000) contudo mostram que a tradição têxtil se mantém localmente, cifras sobre a indústria têxtil, do vestuário e de artefatos de tecidos indicando a contagem de 54 mil trabalhadores na micro-região de Blumenau, empresas de pequeno e médio porte representando a nova dinâmica econômica, também no tradicional centro têxtil de Brusque. E desponta igualmente a área de serviços, com o setor de informática se destacando em Florianópolis, Joinville e Blumenau principalmente e o incentivo do Estado voltando-se ao turismo. Algumas multinacionais desenvolveram-se de Santa Catarina para o mundo: no ramo alimentar, a Ceval (hoje Bunge) e a Sadia; no de plásticos (tubos e conexões) a Tigre e a Embraco; e a WEG na indústria mecânica, enquanto outras empresas multinacionais instalaram-se aqui, tais como a indústria de cerveja (Brahma e Antártica) e as montadoras de automóveis, GM e Skoda e mais recentemente a francesa Vega.

O problema do Estado permanece na infraestrutura viária.

[9] Fonte: Instituto Brasileiro de Administração Municipal (IBAM), Escola Nacional de Serviços Urbanos (ENSUR) e Núcleo de Estudos Mulher e Políticas Públicas, estimativa em novembro de 1996. *In.:* Revista Claudia, ano 36, nº 1, janeiro 1997, p. 36.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Nos tempos da PRC-4

TEXTO: CARLOS BRAGA MUELLER[1]

No início dos anos cinqüenta do século 20, ainda de calças curtas, eu era fã incondicional do rádio. Explico: em uma cidade provinciana como Blumenau, sem poder sair de noite, porque nada havia, a não ser o Cine Busch e o Cine Blumenau, ambos no centro, eu tinha mesmo que me contentar em ouvir rádio, coisa, aliás, que todos faziam lá em casa. Minha tia e madrinha Tatá era ligada na oração da Ave Maria da Rádio Tamoio de São Paulo, rezada pelo Júlio Louzada, a tia Nitinha gostava das novelas da Rádio Nacional do Rio. Eu, escutava qualquer coisa. E que mágica quando se ligava o receptor. Ali você tinha a liberdade de sintonizar em ondas curtas, em 51 e 49 metros, as emissoras que vinham de longe, como A Voz da América dos Estados Unidos da América do Norte, ou a Rádio Canadá de Montreal (This is Canadá/Ici Canadá), ou a BBC de Londres, todas com seus programas falados em português, geralmente de uma hora no início da noite, dirigidos à colônia portuguesa das Américas. Lá estavam também a Rádio Nacional das novelas e dos programas Celso Guimarães, Paulo Gracindo, Manoel Barcelos e César de Alencar, todos apresentados ao vivo, no palco da rádio, e com estrelas e astros como Emilinha Borba, Marlene, Francisco Alves, Sílvio Caldas e por aí em frente. Vivenciava-se, realmente, naquela metade do século vinte, a era de ouro do rádio brasileiro. E a Rádio Nacional do Rio era imbatível.

Pois bem, no meio disso tudo, existia uma

[1] Escritor e jornalista profissional. Publicou em 2002 o livro "Contos que eu Conto". Durante muitos anos foi o responsável pela "Estante Catarinense" desta revista. Pertence à Academia de Letras Blumenauense e à Sociedade dos Escritores de Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

rádio local, pioneira, porque fora a primeira de Santa Catarina e uma das primeiras do Brasil, chamada PRC-4 Rádio Clube de Blumenau (ainda hoje com este nome, só que com outro prefixo), que era ouvida por todos. E sabem por quê? Porque era a única da cidade. E falava sobre tudo o que acontecia em Blumenau.

Pois o seu "casting" (nome pomposo que se dava ao quadro de funcionários de uma rádio naqueles tempos) era recheado de bons profissionais como locutores, atores e atrizes de rádio-teatro, apresentadores de programas de auditório, comentaristas esportivos e narradores de futebol, etc.

Na área esportiva, por exemplo, Manoel Pereira Júnior, o "Maneca Pereira" era uma fera. Ele costumava anotar tudo o que ouvia no Café pingüim, na rodinha dos fofoqueiros. Escrevia em papeletas, no maço de cigarros e até nas caixinhas de fósforo, o que virou motivo de gozação dos colegas. Na hora da "marcha do esporte", ele tirava os bilhetinhos do bolso, o maço de cigarros e a caixa de fósforo, e num belo improviso o programa ia ao ar com perfeição.

Era o tempo do clássico da cidade, Palmeiras Versus Olímpico. E a platéia citadina, para citar um termo muito usado pelos narradores esportivos, tinha como torcer também nos bairros pelos seus times favoritos: Vasto Verde, na Velha; Guarani, na Itoupava Norte ou Amazona no Garcia esquentavam os torcedores. Os locutores de estúdio da PRC-4, os que liam as propagandas, os anúncios, eram o Carlos Fernando (pseudônimo de Jener Reinert, irmão do Jeser, que era também da equipe esportiva), o Álvaro Fernandes, o Valdir José Wandall, e tantos outros que foram chegando e indo embora, porque radialista sempre foi meio cigano, mudando de prefixo com uma facilidade incrível.

Nos programas de auditório despontava naquela época o Big Show Dominical, depois Matinada Alegre, apresentado no palco-auditório da rádio, que ficava no segundo andar do edifício das Lojas A Capital (o prédio ainda existe na esquina da Rua Quinze com Nereu Ramos). O auditório tinha 80 poltronas e lotava nos domingos pela manhã, a partir das 10 horas, quando acabava a transmissão da "santa missa" que frei Valdemar, OFM, narrava com sua voz inconfundível e "monocórdia". Domingo após domingo, o roteiro era sempre igual (afinal a missa também era), com patrocínio exclusivo da Indústria de Móveis Ideal, cujo proprietário, seu Cemin, exigia que o Jener fizesse ao vivo, no estúdio, a apresentação do comercial que abria o horário religioso,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

chamando o frei Valdemar diretamente da Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo. E se o show do domingo tivesse uma atração especial, ele era transmitido diretamente do Cine Busch. Outro que brilhava com seu programa de auditório era Marcelo Júnior, nome artístico, é claro. Marcelo era funcionário do Banco do Brasil e tinha como hobby ser radialista, imitar os grandes do Rio e São Paulo, no que se saía muito bem. Às quintas à noite chegava a lotar a platéia do Cine Blumenau, cerca de 1.000 lugares.

Se em São Paulo, Júlio Louzada fazia sua oração da Ave Maria pela Tamoio, em Blumenau, o Valmor de Oliveira, que era técnico de som, arrancava lágrimas quando assumia o microfone às 18 horas e rezava a oração da Ave Maria, na Hora do Angelus.

As manhãs dos dias de semana da PRC-4 apresentavam um mix fabuloso de programas. Cedinho as duplas ou trios caipiras acordavam os ouvintes. O seu Pêra, pai, e suas filhas Miriam e Marina compunham o trio Tangará e as Irmãs Pera. Eles fizeram sucesso por muitos anos. Depois do horário dedicado à música sertaneja, seguiam programas musicais, geralmente de meia hora cada um: Canta Brasil, Boleros em Desfile, Valsa Divina Valsa, Músicas do Velho Mundo. À tarde, o programa "Peça sua Música" era uma loucura. Como funcionava? O ouvinte ia ao escritório da rádio e pagava por uma dedicatória oferecendo determinada música a um ente querido. Por exemplo: "A seguir", dizia o locutor, "vamos escutar a música tal com Tonico e Tinoco, que José oferece com muito amor e carinho à sua querida esposa Maria, que hoje faz aniversário, desejando que esta data se repita por muitos anos sempre repleta de amor e felicidades na companhia dos seus entes queridos (ufa)." Só que às vezes a música tinha dez, doze dedicatórias e o tempo ia passando, o locutor falando e nada de música. Era uma fonte de renda boa para a rádio e às vezes o programa era tão requisitado que entrava pela noite. Já O Repórter Catarinense, que era apresentado pelas 19 horas, contava tudo o que acontecia na cidade e sua última parte era dedicada aos perdidos e achados. Todo mundo escutava o Repórter Catarinense. Seu prefixo, a Radetzky March era sinônimo de noticiário e se tocasse fora do horário do programa era sinal certo de edição extraordinária, prenúncio de notícia má, de desgraça.

No comando de tudo isso, lá estavam eles, os diretores da PRC-4, Flávio Rosa e Wilson de Freitas Melro. Na retaguarda administrativa o Mundéu (Mundt) era o contador, O Chico Custório datilografava os anúncios, o Demaria

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

(Alcântara) saía catando propaganda dos anunciantes.

Pois foi no meio dessa parafernália radiofônica e dessa "tropa" de veteranos profissionais do rádio que eu, em 1954, aos 14 anos de idade, fui cair no estúdio da PRC-4 para apresentar com o Carlos Fernando o Programa Cine-Atualidades, sobre cinema, que ia ao ar nas noites de terça.

Daí para a locução comercial foi um pulo. Eu era novinho, mas já tinha a voz grossa. Flávio e Wilson me contrataram para ler as propagandas no horário comercial, o que não titubeei em aceitar. Tinha início a minha carreira de radialista/jornalista, e lá já se vão 49 anos (estamos em 2003 quando escrevo estas lembranças).

Feito o intróito sobre o que era a PRC-4 Rádio Clube de Blumenau nos anos cinqüenta, algumas curiosidades afloram deste tempo pioneiro em que a Clube imperava sozinha (a Difusora, hoje Globo, só viria em 1957, e a Nereu Ramos, em 1958).

Mas isso já é outra história que fica para ser contada em outra ocasião.

No "Studio" da PRC-4, Rádio Clube de Blumenau (Técnica de Som) reúnem-se: Em pé, da esquerda para a direita: Carlos Braga Mueller (Charles Neto), Alvacir Ávila dos Santos, Francisco Nascimento, o Chiquinho, já falecido e um ouvinte não identificado. Sentado: José Augusto Nóbrega (J. Nóbrega) ao lado de uma prato (toca-discos) que rolava com agulhas descartáveis em discos 78 rotações, que quebravam ao cair ao chão (1957).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Memórias

Meu amor pelo cinema

TEXTO: BRIGITTE FOUQUET ROSEMBROCK[1]

Lá pela idas de 1947, eu uma adolescente, me apaixonei pelo cinema de Hollywood.

Programa obrigatório de domingo era ir à matinê no cine Busch. Oh, que saudade do Cine Busch, quando o Sr. Frederico Guilherme Busch Jr., com sua simpatia, era presença constante nos corredores do Cinema. Também seu genro, Sr. Sampaio, não faltava às sessões.

Em época de festa, Páscoa e Natal, os cartazes coloridos e artísticos decoravam a fachada e os corredores internos, anunciando grandes filmes da capital do cinema americano. E nós diante deles, lendo e decorando o nome de todos os artistas da Fox, Metro, David O. Selznick, Universal e tantos outros!

Havia mais as revistas especializadas que nos levavam ao maravilhoso mundo do cinema.

E foi nesta época que se escrevia carta em inglês (um mesmo modelo de carta que todos escreviam) pedindo fotografias para os grandes artistas.

Lembro da minha alegria ao abrir a caixa postal e dela retirar os envelopes vindos de tão longe com as mais belas fotos de Ava Gardner, Humphrey Bogard e Laureen Baccal, Gary Cooper, Elizabeth Taylor, Bing Crosby e... e... e muitos mais... recebi dezenas de fotos, muitas delas com dedicatória personalizada.

E eu escrevia sempre mais, gastava grande parte da minha mesada na compra de papel de carta, envelope e selos. Eu sabia o dia certo da chegada da correspondência dos Estados Unidos e assim cada semana era uma festa! É que uma vez por sema-

[1] Colaboradora da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

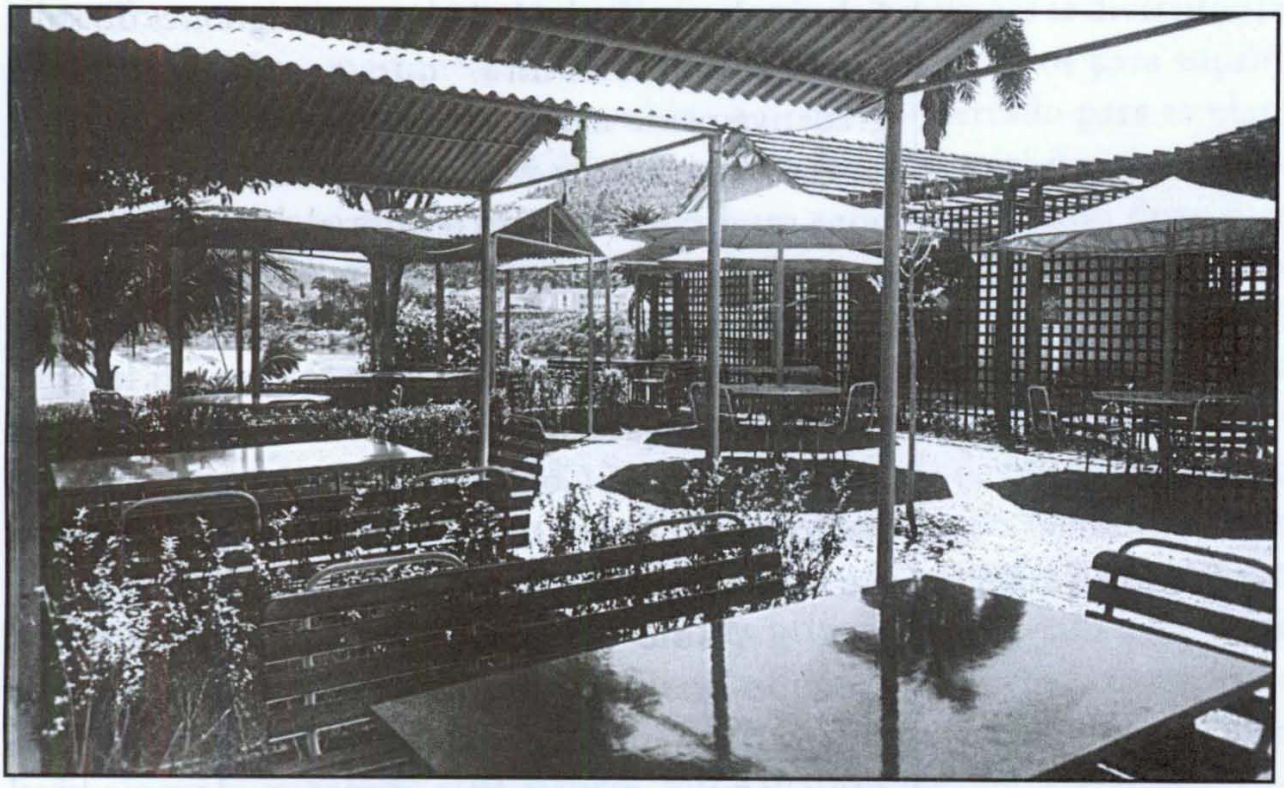
na somente vinham cartas dos EUA.

Outra festa foi quando o Sr. Figueiredo inaugurou o moderno Cine Blumenau. Ah! Quantos namoros começaram nestas duas salas de cinema, sempre inspirados nos lindos filmes românticos da época! E foi uma época muito bonita!

Guardo em álbuns todas as fotos e de vez em quando, em momentos de nostalgia, os folheio, relembrando tempos no qual o cinema nos trazia lindos filmes de amor e naquela idade sonhávamos um dia também poder vivê-los.

E as sessões de cinema culminavam com uma parada na Confeitaria Socher ou no Cine Bar onde a juventude se encontrava para deliciar-se com um gostoso sorvete ou frappé de coco.

De tudo ficou a lembrança de uma época muito bonita!



Jardim de Verão - Socher S/A. - Blumenau.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Namorar e casar: Perspectivas de casamento na década de 50

CLARICE EHMKE[1]

Ao buscar uma abordagem relacionada ao cotidiano e enfatizar a cultura popular[2], o presente artigo propõe-se a estudar as fases de preparação para o casamento e as regras comportamentais, no período de 1950 e 1960 na região de Testo Salto, no Vale do Itajaí - SC. O texto que segue é uma adaptação da monografia intitulada "O Dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60", dedicadas a pesquisa de rituais de casamentos em Blumenau.

A realização deste estudo se deu através da pesquisa histórica, que passa por uma investigação de registro e análise de fontes documentais e utilização da história oral, que através de depoimentos de pessoas que vivenciaram esse período, enriqueceram o estudo.

O local determinado para a pesquisa é Testo Salto, colonizada desde 1861 por imigrantes do sul e norte da Alemanha, que se estabeleceram gradativamente nas margens do rio do Testo. É um bairro da cidade de Blumenau, caracterizado como zona rural, com uma área territorial de 11,3 km², onde a atividade primária está presente na maior parte das residências, seja em hortas, nos quintais ou pequenos currais, onde predomina a criação de gado leiteiro, suínos e aves que suprem as necessidades alimentares diárias da família. Conta com aproximadamente 3.212 habitantes[3], e boa parte desta população divide-se entre a agricultura de subsistência e a indústria têxtil.

Tanto em Testo Salto como em qualquer parte do Brasil das décadas de 50 e 60 o modelo de vida perfeita estava alicerçado na idéia de casar, constituir família, manter bom emprego, alcançar nível

[1] Professora do ensino Médio da rede privada e Ensino fundamental da rede pública estadual de Santa Catarina. Pós-graduada em nível de especialização em História e Acervos pela Universidade Regional de Blumenau. Sob orientação de Profa. Ms. Cristina Ferreira.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

econômico estável para manter-se confortável e garantir o futuro dos filhos. Esse parâmetro foi uma construção no cotidiano das pessoas, e o cotidiano "reproduz uma ordem".[4] Era uma seqüência de atos, ir trabalhar, fazer almoço, lavar, etc., repetida dia-a-dia. Assim também essa idealização do casamento era repetida no cotidiano, nos afazeres em casa, na escola, reforçada com a igreja, em exemplos apontados em todos os cantos.

Infância

Como o casamento figurava como firme objetivo de vida, existia toda uma preparação que permeava o processo de sua realização.

Notadamente a educação da pessoa neste sentido dava-se desde muito cedo. A formação das crianças e a distribuição do trabalho seguiam uma distinção de gênero, classe social e ainda dependia da localidade onde viviam, se em área urbana ou rural. O acesso à instrução escolar, artesanal e o desenvolvimento de atividade agrícola ou industrial estavam relacionados a estes fatores. Na infância a criança recebia uma série de instruções que, sutilmente, através das próprias brincadeiras deixavam transparecer sua futura função de adulto. Tanto as meninas e suas brincadeiras de boneca e casinha, como os meninos à frente de carrinhos e ousados estilingues. Para as meninas as prendas domésticas eram requisito em todas as classes e em qualquer lugar. Para tornar-se uma boa "dona de casa" o aprendizado se estendia ao longo da vida de menina até a adolescência, era alternado com educação religiosa e escolar, "mas o espaço por excelência de educação das moças era o lar".[5]

A diferenciação sobre o que era próprio para meninas e meninos já sugeria a maneira de comportamento a ser seguida partindo da condição sexual. E essa maneira de agir e pensar era repetida em todos os espaços da sociedade, família, escola e igreja.

No espaço eclesiástico, a catequese ou ensino confirmatório, ensinava, além dos conteúdos bíblicos tradicionais, como deveria ser a conduta de um bom cristão, os valores de ordem, obediência e a importância de constituir família, reproduzindo o discurso de que o homem deve ser o chefe da casa e que a mulher irá assumir o papel de mãe, de dona-de-casa e esposa, no firme propósito de manter uma vida digna, almejando conforto e prosperidade. A comunhão ou confirmação era um rito de passagem da infância para o mundo adul-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Se você flertar não há dúvida de que será muito solicitada, mas única e exclusivamente para passatempo(...) Você será procurada porque é acessível. (...) [os rapazes] não são discretos acerca de suas façanhas: "fulana? Sim muito boa!" "Cicrana, fácil. Tudo que você quiser meu velho!" Você conhece um único rapaz capaz de casar-se com uma moça que todos os companheiros consideram fácil?[9]

Esse trecho constava de um artigo da revista feminina Claudia, e repelia veementemente o flerte, visto que um namorico passageiro denegria a imagem da "moça de família" e não dava perspectiva nenhuma em relação ao futuro. O apelo deixava claro que a boa ou má reputação da garota não tinha ligação com o assédio dos "aproveitadores", aliás, esse assédio e as atitudes precipitadas dos rapazes eram sempre perdoados por sua masculinidade. A reputação dependia exclusivamente de escolhas que a moça fazia entre o "certo", "dar-se o respeito" ou "errado" e "ser namoradeira".

O flerte não era considerado um ato de afeto por ser fugaz, o relacionamento deve ser duradouro, "Sendo assim, as moças não deveriam perder tempo ou arriscar-se com namoros que não tivessem futuro".[10]

Na verdade o namoro era uma etapa preparatória para o noivado e o casamento funcionando como fase de sondagem, uma espécie de teste para perceber as intenções dos enamorados, avaliando as perspectivas de convivência e adaptação do casal. "Cada qual procurava mostrar seus dotes, a namorada dava exemplos de que era prendada e caprichosa, afetuosa e recatada e o namorado mostrava sua seriedade, mantendo um bom emprego e comprometimento nas intenções de casar".[11]

Para chegar ao tão "sonhado" casamento, era necessário enfrentar a mais complexa tarefa desta fase que era a escolha de um pretendente. Deveria ser um candidato agradável, de boas intenções, que interessasse à moça e concordasse em aceitar compromissos mais sérios posteriormente. O "bom partido", tanto homem como mulher, tinha um perfil definido pelos padrões familiares e sociais. A "boa moça" deveria ter atitudes comedidas, ser honesta, estar sempre de bom humor e asseada, ter boa conversa, mas jamais deixar que a vulgaridade a tornasse centro das atenções. O ideal de "moço sério", de "genro dos sonhos" era que fosse estudioso, apresentasse boa figura, respeitoso e que tivesse emprego fixo, afinal, precisaria garantir o futuro da família. Os moços até os trinta anos eram considerados maduros e bom partido, já as mulheres

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

que chegassem aos vinte sem namorado deveriam se acostumar com a alcunha de "encalhadas", e se chegassem aos vinte e cinco anos sem perspectiva de pretendente, passavam a ser chamadas de solteironas[12].

Felizmente, neste período o "casamento sem afeto estava fora de moda"[13], no entanto, só o amor era considerado insuficiente para garantir a união conjugal. Todavia, a aproximação entre moças e rapazes era feita de forma sutil, sem arranjo entre famílias.

Então chegamos ao ponto: como fazer para ser notada, aparecer para os rapazes, de modo a não ficar mal falada? As moças namoradeiras eram as mais solicitadas pelos rapazes, conseguiam facilmente muitos admiradores e popularidade. No entanto, essa fama de leviana e garota fácil trazia prejuízos irreparáveis a sua reputação, colocando em risco os planos de um futuro casamento. "Os rapazes gostavam das 'vassourinhas' [que passa de mão em mão], mas procuravam as recatadas para casar".[14]

Nesse sentido, percebemos um forte apelo da mídia, principalmente em rádios e revistas, que conduziam as jovens a um padrão de conduta ideal.

No caso específico da região do Vale do Itajaí, as famílias mais humildes, além do boca-a-boca, contavam com os jornais editados pelas fábricas. Neste tempo muitas moças, já aos 14 anos, eram admitidas em fábricas têxteis da região[15]. Além do rádio, tinham a sua disposição esses informativos editados pelas indústrias, trazendo entrevistas com funcionários, receitas, reportagens sobre festas entre outros. Um e outro artigo, poemas ou entrevistas deixavam transparecer o padrão de conduta desejado para o período.

Garota não erre seu caminho!! Vítima desta civilização que supervaloriza o eu, sucumbe às insuflações da vaidade. O feminino é anúncio luminoso de atrativo? A juventude de valor tem preocupações existenciais: De onde venho? Para onde vou? O que é amar? O que deve ser o casamento? [16]

É muito natural à juventude deliciar-se nos sonhos. Sonhos dourados e castos, que lisonjeiam a alma, enchendo-a de alegria.(...) As jovens que sabem sonhar refletem nos olhos algo de sereno e celestial, e tem sobre os lábios um sorriso carícia. A sua passagem, o solo parece coberto de uma suave camada de pétalas perfumadas.(...) O sonho então se torna realidade, simplesmente assim como Deus quer[17].

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A idéia de "certo" e "errado" era sutilmente colocada através de poemas, pensamentos ou mesmo como se fosse uma franca conversa. Sempre enfatizando que a vulgaridade afastava o casamento, que era preferível seguir uma conduta "celestial".

Essa imagem de mulher romântica, ingênua e influenciável fazia com que se tornassem alvos de compadecimento. Obviamente pensava-se que seriam facilmente enganadas e vítimas de estratégias de sedução barata, tamanha sua fragilidade e inocência. Na verdade, essa postura passiva era imposta à mulher para que o homem não ferisse seu orgulho de conquistador e condutor de situações[18].

Cabia ao homem a iniciativa de um encontro e o pedido de namoro. Claro, antecipadamente tendo conversado com sua pretendente, ia pedir autorização ao pai da moça e este, ouvindo as intenções e analisando a vida do "futuro genro", consentia ou não o relacionamento, impondo suas condições de conduta para o casal.

O namoro, quando consentido, era vigiado de perto pelos pais, principalmente pelos pais da moça, que tomavam para si a responsabilidade de acompanhar a conduta dos dois, primando pela honra da jovem e avaliando as intenções do namorado. Devido a isso os encontros tinham hora e locais prédeterminados, como nos fala Edeltraud Kienen: "namorar só nos finais de semana, sábado e domingo de tarde e em casa. Não podia dormir na casa do namorado, muito menos juntos".[19] A afirmação da entrevistada evidencia o controle sobre o namoro, e deixa clara a preocupação em relação aos possíveis "perigos" que poderiam ser ocasionados com as intimidades.

Mesmo passeios, bailes, e idas ao cinema eram permitidos desde que na companhia de outros casais ou ainda de um irmão. Os horários eram previamente combinados para melhor controle dos filhos.

Dar demonstrações públicas de afeto no namoro da década de 50 era expor-se demais. "Beijar, Deus me livre se os pais vissem".[20] Começando pela censura dos próprios pais, que zelavam piamente pela reputação da família, passando pelo julgamento das pessoas de convívio social, vizinhos, amigos, parentes e, às vezes, até desconhecidos, o casal enamorado seguia uma rotina de respeito e namoro contido. Cercados de tantos cuidados, até mesmo os próprios namorados policiavam seus atos com medo de comentários alheios. O que não quer dizer que às escondidas não houvesse casais que transgrediam as regras.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Os depoimentos apontam diferenças nas formas de namoro. As famílias mais urbanas permitiam determinadas liberdades que não se observou nas comunidades rurais. O namoro da Sra. Elisabeth Petters, moradora do bairro Itoupava Seca, no início não teve pedido oficial do namorado, foi apenas uma apresentação que aconteceu depois de alguns encontros escondidos combinados na esquina da rua do cinema. Depois de oficializado, com apresentação formal e pedido aos pais, o namorado comparecia aos domingos na casa dos pais da namorada sempre muito alinhado, de terno, permanecendo na sala da casa, onde ficavam a sós.

É necessário que se leve em consideração que a família de Dona Elisabeth[21] tinha uma casa onde se alugavam quartos, e o movimento de pessoas pela casa era intenso. Não podendo ser tomado como modelo predominante do período, mesmo porque o objeto de estudo da presente pesquisa está centrado na comunidade rural.

Assim, em Testo Salto o namoro era mais rigoroso. Contava com pedido de namoro pelo rapaz, com visitas aos domingos à tarde. O moço ia visitar a namorada, jamais o contrário. Os locais dos encontros eram a sala da casa, ou mesmo a cozinha, os momentos de privacidade eram escassos, na fase inicial do relacionamento a família toda cercava o casal, desde os irmãos até os pais. Depois de acostumados com a presença do pretendente a genro, apenas os pais se encarregavam de entreter o moço junto com a filha. Dormir na casa da namorada era quase impossível, apenas quando as circunstâncias eram muito adversas, como no caso da Sra. Leotikat e Sr. Bruno. "O Bruno vinha de Badenfurt até Warnow de bicicleta, já tinha um quarto onde ele dormia, namorávamos no domingo"[22]. Ele saía para casa da namorada já no sábado, até a cidade vizinha de Indaial e, ao chegar, à noite, era recebido e encaminhado a um quarto. Já era tarde e namoro no escuro pode oferecer riscos, então o encontro ficava para o dia seguinte, para que os familiares pudessem acompanhar a desenvoltura do pretendente, observando cada passo dos enamorados.

Os carinhos, beijos, abraços e carícias íntimas existiam às escondidas, por isso a preocupação dos pais com locais e horários de encontro. O campeão na preferência dos jovens era o cinema. Neste período o cine Busch era o único do centro da cidade. Contávamos ainda com o cine Mogk, no bairro Itoupava Norte. Ofereciam alguns horários de noite e à tarde, as matinés eram as mais freqüentadas, afinal apesar da escuridão da sala de projeção, olhos e ouvidos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estavam atentos ao filme, o que permitia alguns beijos mais alongados. Também os lados de fora de salões de baile e festas de igreja em comunidades mais do interior não eram tão vigiados, a música, dança e conversa entretinha as pessoas, o que propiciava arriscados abraços e beijos apoiados em paredes e locais menos iluminados. Também a volta para casa tinha seus encantos e cantos, principalmente contando com a escassa iluminação pública do período. O principal meio de locomoção dos jovens era a bicicleta, e ainda que andassem em grupos para se locomover até as festas, sempre havia quem cansasse no caminho, encontros acobertados pelos amigos e mil desculpas para justificar a demora.

Ter carro era um luxo e estava limitado a famílias com nível de vida mais elevado. Para namorar um rapaz com carro e de posses era preciso se certificar de que não era um "aproveitador". No carro, por exemplo, podiam ocorrer carícias mais íntimas passando a ter papel preponderante na desonra da moça. Uma "moça de Família" que se prezasse nunca deveria permitir carinhos audaciosos. Deveria zelar por sua pureza, "a virgindade é como selo de garantia".[23] No entanto, os rapazes eram encorajados a terem quantas experiências sexuais pudessem antes do casamento. O "aproveitador" era aquele que namorava, prometia, enganava até conseguir intimidades com a garota, depois passava a namorar outra. Mas ele não era recriminado por isso, a condição de homem dava esse direito. Era preciso dar provas de masculinidade, mesmo que muitas delas fossem devaneios e invenções, o que importava era ostentar a fama.

Casal de namorados na década dos anos 50.
Acervo particular: Irene Rosa Poli.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Noivado

Na seqüência, depois do namoro era necessário oficializar as intenções em relação ao casório. E o noivado era essa oficialização. A partir de então, o casal, já encarado com mais seriedade pelos familiares e amigos, começava a organizar mais intensamente sua vida conjugal, preparando todos os detalhes para o seu conforto, pensando em casa, utensílios e móveis. O sustento da nova família que estava por se constituir deveria estar garantido por um bom emprego.

"O noivado era o ato de atestar publicamente as intenções de casamento". Era caracterizado como "segunda etapa na escolha do cônjuge e difere do namoro por seu tom oficial de compromisso".[24]

Geralmente a iniciativa era do noivo que, em alguns casos, pressionado por parentes ou mesmo pela própria namorada, tornava oficial a intenção de casar, numa reunião simples na casa da futura noiva, como foi o de Dª Margarida: "O meu noivado foi num Domingo de Ramos, na casa da minha mãe, um almoço simples onde participaram nossos pais irmãos e um casal de amigos. Ele tinha combinado tudo com minha mãe".[25]

Era comum na década de 50 e 60, persistindo ainda hoje em algumas regiões do Vale do Itajaí, a tradição de noivar em datas comemorativas e feriados. Não raras vezes, as moças com namoro duradouro eram tomadas de surpresa por grupo de amigas e parentes que revistavam suas mãos à procura da aliança. Quase sempre depois da Páscoa ou Natal, as datas mais visadas para o evento.

A partir deste momento começavam os preparativos para o casamento. A moça intensificava os cuidados com o enxoval, investindo seu salário em compras no crediário, adquirindo fogão, mesa com cadeiras, toalhas e todo tipo de objetos necessários na constituição de seu próprio lar.

A empolgação era tamanha que as moças operárias não descansavam nem na hora do lanche das fábricas, como nos revela Dª Margarida, que trabalhou na Cia. Hering: "Nós sempre levávamos uma toalhinha, agulha e linha. Na hora do almoço nos reuníamos no rancho das bicicletas para bordar. Ou ía à cooperativa comprar retalhos para o enxoval".[26]

Poucas eram as empresas que não dispunham de refeitórios, mesmo

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

assim os funcionários preferiam trazer de casa sua marmita e lanchar num lugar qualquer do pátio, a pagar pelo almoço do restaurante. Assim, com um lanche rápido, sobrava tempo durante a pausa para conversas, crochês e bordados.

O enxoval caprichado era sinônimo de moça trabalhadeira e futura dona-de-casa competente.

Nas áreas rurais era comum os pais prepararem, além do enxoval, uma espécie de dote que a moça levaria para a nova condição de vida. Esse dote poderia contar com terras ou ainda com produtos não muito convencionais para alguns casais, mas eram artigos de fundamental importância para iniciar uma nova vida nas áreas rurais.

> O enxoval eu fiz quando era noiva, os pais faziam. Ganhei uma vaca, uma novilha, um porquinho, um quarto para dormir que tenho até hoje ainda, uma mesa de jantar, o fogão não precisava, pois era feito de tijolo. Não tinha pia, era uma cômoda para guardar panelas e lavar louça, roupa de cama e coberta de penas (...) uma galinha com pintos, tudo já era preparado [27].

Essa atitude deixava clara a preocupação com o conforto, estabilidade e oportunidade de prosperidade do novo casal.

Tomada a decisão, o noivo seguia em busca de estabilidade financeira, afinal, como marido teria a função de sustentar a família. "Era o homem que cuidava para ter a casa e uma roça de aipim".[28] Na maioria das vezes o início da vida conjugal era morar provisoriamente na casa dos pais, até que a situação econômica permitisse uma casa própria. Na década de 60 observamos que os nubentes arranjavam sua moradia antes do casamento, mesmo que financiados pelos pais e submetidos a reembolso posterior, evitando coabitar com parentes.

"O noivado é considerado também um período mais perigoso que o namoro".[29] Nesta fase do relacionamento os encontros ficavam mais freqüentes e menos vigiados. Eram permitidas visitas do pretendente nas quartas-feiras e, eventualmente, pernoite nos finais de semana.Viagens com a família ou grupo de amigos tornavam-se comuns, muitas festas e bailes passavam a fazer parte dos divertimentos do casal. A liberdade de ir e vir era maior. Claro, essa liberdade era para o homem, que adquirindo confiança e respeito, levava a moça consigo. Jamais a moça podia desfrutar dessa "liberdade" sozinha.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Como as possibilidades de casamento estavam confirmadas, havia uma certa confiança no futuro "genro". Mesmo que o casal se sentisse tentado a avançar nas intimidades sexuais, a moça deveria controlar os desejos libidinosos, resguardando sua reputação.

Com o casamento encaminhado, um descuido poderia resultar numa gravidez, o que seria um prato cheio para fofoqueiras de plantão. Há casos em que esses doces deslizes eram cuidadosamente arquitetados, a moça a fim de garantir seu casamento e literalmente "prender seu homem", planejava uma gravidez. Apesar da sociedade exigir que o noivo assumisse seu papel, não fazia restrições se o mesmo recusasse, alegando que as atitudes devassas da moça não corresponderam ao ideal de esposa recatada e séria que supunha ser. Além do constrangimento perante a sociedade, a moça sofria repreensão da família e corria o risco de perder o noivo. Pois este, claro, tinha todo direito de fazer investidas eróticas, aliás, era incentivado a isso para demonstrar sua virilidade de macho. Mas a moça deveria retrair seus sentimento e vontades, era fadada a aceitar a recusa do futuro marido, caso não resistisse aos prazeres da carne.

Nas comunidades rurais, desde fins do século XIX, moços e moças casadoiras eram incentivados a terem experiências sexuais antes do casamento para constatar a fertilidade da moça. Afinal, filhos eram muito necessários para a prosperidade da família. Não encontramos registros que comprovassem essa prática na comunidade de Testo Salto no século XIX, mas provavelmente não fugia dos padrões da época. No entanto, essa mentalidade mudou, nas décadas de 50 e 60 no interior, assim como nos grandes centros, as pessoas seguiam a linha da "pureza acima de tudo", essencialmente para as moças. Provar a noiva antes do casamento era uma prática rejeitada e até proibida, embora saibamos que toda regra tem sua exceção.

O depoimento de uma noiva da década de 50 sentencia: "E se alguém tivesse que casar era castigado, nós cuidávamos muito bem para não ter que casar".[30] E os castigos vinham em diversas formas, principalmente moral. Enfrentar olhares de julgamento, casar às escondidas, em horário fora do convencional, não poder usar véu nem vestido branco, ainda ter a possibilidade do abandono do noivo, ser mãe sem amparo e consideradas um fardo para os pais, eram castigos suficientemente substanciais. Era toda uma construção que caía por terra. Eram sonhos que se esmigalhavam.

Felizmente nem todos os noivos que passaram por situações assim

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tiveram a mesma reação. Muitos foram cúmplices nos planos de adiantar o casório, outros, simplesmente por pressão familiar, assumiram seus papéis.

A fase do noivado acabava para dar lugar à vida de casado.

Considerações Finais

Constatamos que nas décadas de 50 e 60 o comportamento das pessoas era regulamentado pela própria sociedade. As condutas seguiam um padrão sério e contido, mantendo uma imagem tida como padrão de decência. As moças e moços tinham suas atitudes vigiadas para se manterem dentro destas regras.

Essa idéia de casar era incutida na pessoa desde a educação doméstica, o processo de preparação com esse propósito era iniciado na tenra idade, na educação doméstica, reforçada na escola e igreja até a consumação do fato.

O namoro era uma fase de conhecimento mútuo, objetivando um futuro casamento, portanto, casos passageiros e aventuras amorosas eram condenados. Para garantir o sucesso do relacionamento, os enamorados tinham namoro comedido e vigiado pelos familiares e comunidade. Todo esse cuidado visava preservar a "pureza" da moça, a "virgindade era o selo de garantia"[31], e

Os enamorados tinham namoro comedido e vigiado pelos familiares e comunidade.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sem ele o pretendente tinha todo direito de desfazer o compromisso, envergonhando assim a família da jovem. A mentalidade deste período incentiva o homem a demonstrar sua virilidade, aprovando experiências sexuais antes do casamento, e às moças permanecerem castas, como sinal de delicadeza, fragilidade e pureza.

O noivado era considerado um atestado público das intenções de casamento. E conseqüentemente nesta fase os preparativos se intensificavam. Busca de estabilidade financeira, enxoval, e tudo que fosse ser necessário na constituição de um novo lar. Os cuidados com os encontros amorosos do casal não eram mais tão rígidos nesta fase. Afinal, a oficialização do compromisso dava uma certa segurança aos pais, que notadamente tinham o firme objetivo de casar os filhos, encaminhando-os para um futuro dito digno e seguro.

O ritual de casamento em si será objeto de análise para um próximo número da Revista Blumenau em Cadernos.

REFERÊNCIAS

BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relação homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BLUMENAU, Hermann B. O. Guia de Instruções aos imigrantes no sul do Brasil. IN: **Um Alemão nos Trópicos**:Dr Blumenau e a política colonizadora no sul do Brasil. Org.: Cristina Ferreira e Sueli M.V. Petry. Trad.:Curt Hennings, Annemarie Schünke.Blumenau: Cultura em Movimento/Inst. Blumenau 150 anos, 1999.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

FERREIRA, Cristina e ANNUSEK, Ellen. **A Força de Trabalho Feminina na Indústria Têxtil Regional**: estudo das formas de sociabilidade das mulheres operárias do Vale do Itajaí (1940 - 1970). Relatório final da Pesquisa. Blumenau: 2002.

FERREIRA, Cristina e FROTSCHER, Méri (org.). **Visões do Vale**: perspectivas historiográficas recentes. Blumenau: Nova Letra, 2000. 236p.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: a invenção das Tradições. IN: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

MOSER, Anita. **A nova submissão**: mulheres da zona rural no processo de trabalho industrial. Porto Alegre: Edipaz, 1985.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

PRIORE, Mary Del (org.) e BASSANEZI, Carla (dir.).**História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.
SEYFERTH, Giralda. Identidade Teuto-brasileira numa perspectiva histórica.IN:MAUCH, Claúdia e VASCONCELLOS, Naira. **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história.Canoas: Ed. Ulbra, 1994.
SILVA, Zedar P. da. **O Vale do Itajaí**: Documentário da Vida Rural n. 06. Rio de Janeiro, 1954.
THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução: Rosaura Eichemberg. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
WOLFF, Cristina Scheibe. **As mulheres da Colônia Blumenau**: Cotidiano e Trabalho (1850-1900) São Paulo: PUC/SP.

ENTREVISTAS

EHMKE, Margarida. **Margarida Ehmke**: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Clarice Ehmke. Blumenau: FURB, 2002. 1 fita cassete (40 min.) Entrevista concedida ao projeto de monografia: O dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60

KIENEN, Edeltraud. **Edeltraud Kienen:** depoimento [dez. 2002]. Entrevistadora: Clarice Ehmke. Blumenau: FURB, 2002. 1 fita cassete (40 min.) Entrevista concedida ao projeto de monografia: O dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60.

PETTERS, Eisabeth. **Elisabeth Petters**: depoimento [fev. 2002]. Entrevistadora: Clarice Ehmke. Blumenau: FURB, 2002. 1 fita cassete (60 min.) Entrevista concedida ao projeto de monografia: O dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60.

STEINERT, Leotikat. **Leotikat Steinert:** depoimento [fev. 2002]. Entrevistadora: Clarice Ehmke. Blumenau: FURB, 2002. 1 fita cassete (40 min.) Entrevista concedida ao projeto de monografia: O dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

[2] Cultura popular na perspectiva de Peter Burke (Cultura Popular na Idade Moderna), entendida como cultura não-oficial, própria do povo comum, que é repassada através da oralidade.

[3] IPPUB- Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Blumenau / DPI, 1996. p. 3. [Censo de 1991].

[4] PRIORI, Del Mary. História do Cotidiano e da vida Privada. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 267.

[5] Idem, p.57.

[6] WOLF, Cristina Scheibe. **Mulheres na colônia Blumenau**: Cotidiano e Trabalho (1850-1900) São Paulo: PUC/SP., p.64.

[7] BASSANEZI, Carla B. **Virando as páginas, revendo as mulheres**: revistas femininas e relação homem-mulher (1945-1964). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 64.

[8] BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos Dourados. IN: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 614.

[9] BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas**.., op.cit., p. 67.

[10] BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. Op.cit., p. 616.

[11] BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres** ...op. cit., p.95.

[12] Idem, p.127.

[13] BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados..., Op.cit., p. 610.

[14] Idem, p. 612.

[15] Por serem de menor as moças tinham um salário menor, o que beneficiava a fábrica.

[16] A mulher e seus caminhos. In: **Mensageiro Artex**, ano III n. 09 p.04 Set.1966. Apud: FERREIRA, Cristina e ANNUSEK, Ellen. **A Força de Trabalho Feminina na Indústria Têxtil Regional**: estudo das formas de sociabilidade das mulheres operárias do Vale do Itajaí (1940 - 1970). Relatório final da Pesquisa. Blumenau: 2002. p.35.

[17] Página Feminina Sonho e realidade. **Informativo Hering**, Nov. 1965, Ano I, n.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

08. Apud: FERREIRA, Cristina e ANNUSECK, Ellen. **A força do Trabalho**...op.cit., p.60.

[18] BASSANEZI, Carla. **Virando páginas**...op.cit.,p.87-88.

[19] KIENEN, Edeltraud. **Edeltraud Kienen**: depoimento [dez. 2002]. Entrevistadora: Clarice Ehmke. Blumenau: FURB, 2002. 1 fita cassete (40 min.) Entrevista concedida ao projeto de monografia: O dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60.

[20] Idem.

[21] PETTERS, Elisabeth. **Elisabeth Petters**: depoimento [fev. 2002]. Entrevistadora: Clarice Ehmke. Blumenau: FURB, 2002. 1 fita cassete (60 min.) Entrevista concedida ao projeto de monografia: O dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60.

[22] STEINERT, Leotikat. **Leotikat Steinert**: depoimento [fev. 2002]. Entrevistadora: Clarice Ehmke. Blumenau: FURB, 2002. 1 fita cassete (40 min.) Entrevista concedida ao projeto de monografia: O dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60.

[23] BASSANEZI, Carla. Mulheres dos Anos dourados. Op.cit., p. 614

[24] BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres**. Op.cit., p.113.

[25] EHMKE, Margarida. **Margarida Ehmke**: depoimento [jan. 2002]. Entrevistadora: Clarice Ehmke. Blumenau: FURB, 2002. 1 fita cassete (40 min.) Entrevista concedida ao projeto de monografia: O dia do Sim: rituais de casamento na Blumenau das décadas de 50 e 60.

[26] Idem.

[27] KIENEN, Edeltraud. Op.cit.

[28] Idem.

[29] BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas...** op.cit., p. 115.

[30] KIENEN, Edeltraud. Op.cit. [grifo nosso].

[31] BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados, op.cit., p.614.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Porto de Itajaí: A porta do Vale[1]

TEXTO: JOSÉ BENTO ROSA DA SILVA[2]

1. A MINHA CIDADE TEM UM PORTO: À GUISA DE INTRODUÇÃO

Nosso primeiro contato com o porto de Itajaí ocorreu no ano de 1982. Na época, passamos a residir na cidade, oriundos do interior de Minas Gerais. Não foi a primeira vez que eu, mineiro, vi o mar, mas o porto, sim.

Residia à Rua Hercílio Luz, 167, num casarão do final do século XIX ou início do XX, em estilo eclético, mal conservado, entre a demolição e o tombamento pelo patrimônio histórico. Coincidência ou não, o proprietário do casarão era um antigo proprietário de embarcações. Aliás, a figura do armador em Itajaí fora uma tradição desde o início do século XIX. Guilherme Asseburg, por exemplo, armador de porte que por volta de 1886 era proprietário de 08 embarcações, sendo que 05 destas eram de mais de cem toneladas.[3] Pois bem, deste casarão podia-se ver o movimento dos navios em direção ao cais.

Mais adiante, no final da rua, o Bar Trud's, ponto de encontro de marinheiros em busca de lazer. Este bar, que hoje já não existe, funcionava também num casarão, onde em 1866 foi instalada a Casa Asseburg como Empresa de Comércio, Importação e Exportação Asseburg e Cia.[4] Nós, vizinhos próximos ao bar, fazíamos nossas incursões pelas imediações, também em busca de prazer.

Nesta ocasião, estávamos graduando no curso de História na Fundação do Pólo Geo-Educacional

[1] "Vale do Itajaí: região agrícola e industrial, em que avultam as fábricas de tecidos, de laticínios e de beneficiamento de produtos agrícolas e florestais" in: PELUSO Jr. Victor A.. ***Aspectos geográficos de SC***. Florianópolis - Ed. UFSC, 1991.

[2] Graduado em História (FEPEVI) , Mestrado em História do Brasil (PUC - SP.) e Doutorado em História do Brasil (UFPE - PE) . Professor de História nos Cursos de História da FEBE e da Univali. E-mail: negrobento@bol.com.br ou bentons@zaz.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

do Vale do Itajaí, hoje Universidade do Vale do Itajaí. Além da busca do prazer, aproveitava para garimpar a história que vinha de outros mares através da marinhagem, uma vez aprendizes de pesquisador e bolsistas do recém fundado Núcleo de Informação, Documentação e Pesquisa Histórica da Micro-Região de Itajaí, coordenado pela professora Joana Maria Pedro.

Estas e outras razões nos levaram ao porto de Itajaí como objeto de curiosidade, que só bem mais tarde se metamorfoseara em "objeto" de pesquisa, ou melhor, um segmento das várias categorias que constituem o movimento portuário - os estivadores. Neste caso, não podemos considerá-los como objetos de pesquisa, mas como sujeitos da pesquisa[5], ou ainda, sujeitos de uma história que até então não foi escrita, residindo na memória coletiva do grupo, assim como na memória dos habitantes, da população itajaiense.[6]

Uma advertência: não se trata aqui de pensar que a história sistematizada seja "melhor" ou "superior" à memória, mas de se chegar a uma outra história, a história a partir dos seus protagonistas e por eles narradas através de um diálogo via o trabalho da memória, ou do exercício das lembranças, uma espécie de maiêutica socrática, na expressão de Montenegro[7].

O porto de Itajaí, com seu ir-e-vir de embarcações, já havia me conquistado de certa forma quando, no ano de 1984, fomos residir no recém inaugurado Conjunto Habitacional Rio Bonito II - Cohab. Neste conjunto habitacional periférico, encontramos um grande contingente de trabalhadores portuários, sobretudo estivadores e terresteiros. Estava definida minha opção pela pesquisa do porto de Itajaí. Faltava ainda delimitar "o objeto" a ser investigado quando, no ano de 1987, um incêndio destruiu quase que por completo a sede de Sindicato dos Estivadores de Itajaí. Foi o suficiente para que nossa opção recaísse sobre esta categoria de trabalhadores portuários.

Passado o período de encantamento, foi preciso conhecer a história do porto, afinal, éramos uns dos que ali aportaram, ainda que não pelo porto, como tantos outros. Portanto, buscar as referências históricas sobre o porto passou a ser nossa ocupação, quando não estávamos na sala ministrando aulas no primeiro, segundo e terceiro graus.

2. O PORTO

O porto de Itajaí pode ser considerado a porta de entrada do Vale do

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Itajaí: localizado à beira mar, na foz do rio Itajaí-Açu, este porto se converteu desde meados do século passado em porto de entrada para colonizadores (sobretudo de alemães e italianos) de grande parte do Vale do Itajaí, onde estão localizadas cidades nacionalmente conhecidas pela manutenção das tradições germânicas, como Blumenau e Brusque, originadas daquela colonização.

Vindos da Europa, estes imigrantes chegavam ao porto para tomar uma embarcação menor, a fim de subir o rio e se dirigirem aos núcleos coloniais. Foi necessário, portanto, a criação de uma certa infra-estrutura capaz de receber e alojar temporariamente aqueles indivíduos, como nos mostra o historiador Oswaldo Cabral, que consultou os documentos das Cias.De Colonização, bem como os jornais da época[8]. Também Giralda Seyferth descreve a importância do porto de Itajaí na época da colonização no que tange a então cidade de Brusque: *"O comércio da madeira e o controle dos meios de transporte, a não ser em raras exceções, estavam nas mãos dos vendeiros. Bem ou mal, o colono dependia deles: a colônia estava isolada, longe de qualquer centro urbano. Qualquer deslocamento, mesmo para um centro comercial mais próximo (no caso, o porto de Itajaí)* demorava de uma semana a quinze dias..."[9]. Maria Luiza Renaux Hering corrobora Seyferth:

> *"(...) No Vale do Itajaí os comerciantes do sistema colônia-venda expandiram seus negócios para além das vendas situadas no entroncamento dos caminhos coloniais e se transferiram para o Stadtplatz, as sedes da vila, onde abriram grandes casas comerciais. A partir desse centro mantinham filiais na zona rural e se comunicavam com o porto de Itajaí, distante de Blumenau 40 Km e de Brusque 38 Km. Em Itajaí, barcos próprios eram esvaziados por via fluvial (...) As casas de comércio no porto, que se desenvolveram ao lado de tantas outras nos núcleos próprios da colonização alemã de Brusque e Blumenau, deveram sua importância ao fato de serem agentes das Cias. de navegação extra- provinciais e de bancos estrangeiros. Dessa forma, chegaram a controlar toda a distribuição dos produtos importados e encarregar-se do transporte de mercadorias locais."*[10]

A importância do porto de Itajaí à época da imigração foi retratada também por Hugo Calgan, ao representar a cidade de Itajaí em 1884:

> *"Vê-se um dos veleiros em que, em meados do século passado, vinham as levas de imigrantes para o Vale do Itajaí, depois de quatro e mais meses de travessia do Atlântico. A matriz era ainda a capela primitiva, com o sino em armação de madeira lateral. Trapiches e pilhas de madeiras caracterizavam os aspectos do porto onde se*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

vê o navio de rodas 'Progresso', que fazia viagens regulares entre Itajaí e Blumenau".[11]

O porto de Itajaí proporcionou o surgimento de um grupo social ligado diretamente às atividades comerciais, tais como padarias, cervejarias, hotéis; também grandes comerciantes ali se instalaram, criando firmas de representações, de forma a intermediar os contatos entre os núcleos coloniais e as grandes cidades brasileiras ou mesmo com a Europa.[12] Dentre estes grandes comerciantes, que mais tarde se projetaram no cenário político catarinense e nacional, se encontram os Konder, os Bornhausen e os Müller.

Os jornais do início do século XX da cidade de Itajaí mostram a influência deste segmento da sociedade local no que se refere à melhoria das condições do porto. As reclamações são atendidas, denotando a influência política do segmento acima mencionado, tendo sempre como justificativa a importância do porto de Itajaí para com a região e o país.[13]

Outro aspecto, ao meu ver relevante, que aponta para a importância do porto de Itajaí no início do século, ou ainda, que denota um movimento considerável, é a organização dos trabalhadores portuários: em 1906, tendo como uma de suas finalidades *"agremiar todas as pessôas que ocupam ou venham a ocupar-se, nesta cidade, nos trabalhos de praça, portos, cargas e descargas de navios, mantendo entre ellas a maior harmonia possível"*, originava-se a Sociedade Beneficente 15 de Novembro.[14]

Malgrado o movimento acima descrito, apontando a importância do porto na época, as condições geográficas dificultavam e limitavam as operações no cais do porto. Os jornais da primeira e segunda década do século XX eram incisivos quanto à necessidade de ampliação do cais e do acesso ao mesmo.

Antes das obras de melhoramentos, só efetuadas amplamente no final da década de 30 e início dos anos 40 do século XX, a situação da então "Porta do Vale" era a seguinte:

> *"Situado na foz de um grande rio, a areia carreada pela correnteza se ia acumulando no 'Saco da Fazenda' e o lençol arenoso com o correr dos anos foi obstruindo a estreita 'garganta' de entrada até torná-la impraticável à entrada de embarcações de regular calado. Em períodos de cheias, as manobras se tornavam arriscadas devido as fortes correntezas. Por ocasião de temporais e fortes ventos de leste, que provocavam arrebentação na barra, os navios não dispunham de abrigo seguro."*[15]

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Diante desta realidade, cada obra no porto, visando minimizar as dificuldades físicas e geográficas, eram saudadas pelos jornais entusiasticamente com manchetes em letras garrafais, como por exemplo:

"ITAJAHY CONGRATULA-SE JUBILOSAMENTE COM OS SRS. SUPERINTENDENTE MUNICIPAL, GOVERNADOR DO ESTADO E MINISTRO DA VIAÇÃO PELO INÍCIO DAS GRANDES OBRAS".[16]

No ano seguinte, o mesmo jornal trazia uma página inteira descrevendo com detalhes técnicos as obras que estavam sendo realizadas no porto e advertindo os incrédulos:

> *"... a simples leitura dessa exposição que obtivemos com o intuito exclusivo de esclarecer a opinião pública, bastará para aplainar dúvidas e assegurar aos que se interessam pela questão, mediante uma idéia synthetica do que são as obras já iniciadas, que a Inspetoria de Portos, Rios e Canais segue, no momento, o único caminho adequado à realização definitiva de nosso grande ideal..."*[17]

Nesta época, o Governador do Estado era o senhor Adolpho Konder, o Ministro da Viação o senhor Victor Konder e o Superintendente Municipal o senhor Marcos Konder. Todos eles filhos de Marcos Konder (Sênior), imigrante que se estabeleceu em Itajaí no século XIX.

Como podemos notar, as obras na "Porta do Vale" foram mediadas pelos políticos locais que ocupavam cargos municipais, estaduais e federais. Não havia, portanto, dificuldades físicas ou geográficas que pudessem impedir que o porto de Itajaí se constituísse num dos mais importantes do Estado de Santa Catarina.

As grandes obras que modificaram em definitivo o porto de Itajaí ocorreram durante a década de 1930 e 1940, após 04 anos de sindicâncias e estudos. As obras prolongaram-se ao longo de 08 anos.

A imprensa local saudou a conclusão de parte das obras do porto em sua edição de 30/10/1943. Ocupando página inteira, adverte para a necessidade de sua continuidade e da importância do mesmo para a região do Vale do Itajaí:

"As obras da barra de Itajaí são, hoje, uma confortadora realidade:

O que têm sido as obras sob orientação abalizada do engenheiro Thiers

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

de Lemos Fleming - Pormenores sobre o cais acostável.

Itajaí é uma cidade que carece de ligação férrea com os seus irmãos gêmeos do ubérrimo Vale.

Sendo, como é o El Dorado de Santa Catarina, o Vale do Itajaí necessita urgentemente de melhor e mais eficiente escoamento para o mar dos seus inúmeros produtos de exportação.

De Brusque o envio de carga a Itajaí é enorme, também, posto que é este o município intermediário entre a zona produtora e o comércio marítimo.

De todos os municípios que constituem o Vale do Itajaí o produto de exportação é encaminhado para aqui e, nesta praça recebe os mais diversos destinos, quasi (sic) todos, por via marítima.

Dada a sua posição previlegiada de Cidade Chave do Comércio marítimo é compreensível que Itajaí não poderia prescindir de um porto à altura das necessidades.

E contudo não doou a natureza belo ou mesmo muito prático ancoradouro.

No seu estado primitivo a nossa barra sempre apresentou sérios embaraços à atracação de navios de regular calado. E para provar o que afirmamos existem marcas indeléveis desse tempo, constituídos por carcassas (sic) de navios jogados às rochas pela fúria dos ventos e impraticabilidade da barra, na época em que as obras do porto eram apenas embalos políticos e promessas eleitorais.

Diversos navios naufragaram à entrada da barra em demanda à nossa cidade, sem contar que o tráfego marítimo era por demais irregular nesta rica terra de Vasconcelos Drumond.

Urgia, contudo dar melhor trato ao nosso comércio pelo mar.

Foi aprovado recentemente por decreto n 3.558, de 30 de setembro último, conforme noticiado pelo "Jornal do Povo", o projeto e orçamento para a construção de um cais acostável em Itajaí, orçamento que se eleva à cifra de Cr$ 6.473.934,00.

Compreende o projeto, além da construção de 400m corridos de cais acostável propriamente dito, a construção de dois armazéns de 40x100 metros, estabelecimento de linhas férreas, calçamento da zona do cais, canalização de um trecho do ribeirão da Caetana, e outras obras complementares, necessárias ao pleno funcionamento das operações de carga e descarga dos navios.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O local escolhido, foi o trecho da margem direita do rio Itajaí-assú, situado entre trapiches do Lloyd Brasileiro, e a Usina de Açúcar Adelaide, já tendo sido feito indispensáveis levantamentos topo-hidrográficos e cadastro na zona em questão."[18]

Alguns incômodos paralisaram as obras do porto, como vimos anteriormente; já em 1927, o então Ministro da Viação e Obras Públicas, Victor Konder, havia iniciado, mas com a Revolução de 1930 foram suspensas.

Com esta segunda reforma, ou segunda parte desta grande obra acima descrita pelo jornal da época, o porto de Itajaí, que servia em geral apenas o Vale do Itajaí, passou a trabalhar também com mercadorias vindas do planalto serrano e até da zona do Rio Hercílio, que na época estavam se desenvolvendo, principalmente em função da madeira.

Outro fator que favoreceu o movimento no porto na década de 1940, além das obras nele realizadas, foi o impacto da Segunda Grande Guerra:

"Também no período de guerra, quando houve maior procura das mercadorias da região, o período de 1944 a 1950 apresentou um vertiginoso crescimento no movimento de mercadorias no porto, proporcionando rendas para cidade e estabilidade para as atividades ligadas ao porto, pois suas pequenas flutuações não chagavam a comprometer seriamente as rendas destas atividades"[19]

A importância do porto de Itajaí é lembrada constantemente pela imprensa local, mesmo após as obras de benfeitorias, lembrando como era o porto antes e agora: *"A Porta De Ouro Do Estado"*, foi a manchete do jornal "A Nação", em 15 de novembro de 1963, ocasião do aniversário do jornal. Na mesma edição, lembra de um fato memorável ocorrido no porto nos anos 1940, qual seja, Manoel Izidoro, um velho marinheiro (prático) que conseguira ancorar um navio norte-americano de grande calado no porto de Itajaí. Segundo o artigo, a cidade toda foi presenciar o ato de bravura. E conclui - após este acontecimento, outros navios aportaram no porto. O título do referido artigo é sugestivo: *"Manoel Izidoro - Desbravador do Porto de Itajaí"*.

Os que vivenciaram os tempos áureos do porto de Itajaí, enquanto exportador de madeira, lembraram que, além de "Porta do Vale", era ele o veículo por onde chegavam e partiam todas as esperanças e todas as decepções também:

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

"E o que conta sobre o ciclo da madeira? - Foi um sucesso para Itajaí e para a região. Principalmente a exportação para a Argentina, em alto percentual a madeira de Pinho. Era muito difícil não ver, no Porto, navio carregando madeira para aquele país.

> *Durante o ciclo da madeira, muitas pessoas de Itajaí, compravam carroças com cavalos, pois era a maneira de levar até o trapiches, onde era colocado em vagonetes, sobre o trilhos, pois era a maneira de levar a madeira até o navio".*[20]

Nas últimas décadas do século XIX até meados do século XX, a economia itajaiense foi sendo condicionada ao beneficiamento e exportação de madeiras e, como conseqüência, o porto tornou-se o maior porto brasileiro exportador de madeira, tendo como sua mais importante espécie o pinheiro. A importância do porto era tamanha na época do ciclo da madeira que o arquiteto Homero Malburg observava que *"Itajaí não era uma cidade que tinha um porto, mas um porto que tinha uma cidade".*[21]

Na fase da madeira, a cidade passou a conviver com o som das serrarias e de tratores que *"tumultuavam"* o trânsito com suas idas e vindas ao porto. A octogenária Vilna Corrêa Pretti, filha de um dos fundadores do Sindicato dos Estivadores de Itajaí, lembrou da fase madeireira e da importância do porto na época:

> (...) Ali onde hoje é o bairro São João, quase toda a rua Blumenau era cheia de madeireiras, eu ainda tenho lembranças, porque eu fui para a Limeira dar aulas, em 1932, fiquei lá algum tempo, porque a gente não vinha em casa todos os dias não. Eu passei uma procuração, meu pai recebia meu dinheiro.
> Passou um ano ou dois, quando eu vim, eu achei Itajaí transformada. Eu perguntei. Ele dizia (imita a voz rouca do pai) : "É a madeireira!"
> *O porto vivia mais em função da exportação da madeira (...)"*[22]

O ciclo madeireiro modificou o panorama de Itajaí, conforme observou dona Vilna. Por outro lado, proporcionou aos trabalhadores portuários um estafante trabalho. Era o decantado "progresso" que chegava em Itajaí através do porto, embora as condições de trabalho fossem ainda precárias, exigindo um esforço de titãs aos estivadores:

> "(...) Oh! Era só o que embarcava, madeira. Só embarcava madeira. Antigamente era o que embarcava.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Eu já tive que pegar madeira aqui, barbaridade sabe! Sair com 5, 6 mil metros...Tudo carregava com a mão. É uma altura... muito mais alto do que esses forro aqui. Acima do convés. Chegava de taubinha em taubinha. Dois tetos. Até enchê...

> *Ah! Levava dez, doze, quinze dias, né?! Até mês, dia e noite, virando das seis às seis, das seis da noite às seis horas da manhã. Dois tetos. Primeiro enchia o porão prá depois enchê a madeira, era mais alto do que isso aqui".*[23]

> "(...) Na época o principal produto de exportação era a madeira. E houve um jornal que publicou assim: 'em Itajaí tudo é madeira, até o delegado é sarrafo'.

É que o delegado, o João Reiser tinha o apelido de Sarrafo. Realmente era João Sarrafo. Ninguém conhecia ele como João Reiser.

O crescimento de Itajaí deu-se muito por causa do embarque de madeira. Para o Rio de Janeiro, com o início de Brasília, com a Argentina... a Argentina comprava muita madeira. Essas cidades da Serra: Lages, Curitibanos, era só serrarias, porque tinha que serrar madeira para vir embarcar em Itajaí.

Então era comum aos domingos, oito horas da manhã, nove horas, sair à procura de pessoas ainda para trabalhar na estiva, nas madeiras. Todos os dias as emissoras de rádio pedindo pessoas pra trabalhar nas madeireiras e no porto, principalmente no cais. Aquele costado, aqueles trapichizinhos pequenos. Então naqueles barcos pequenos, os estivadores quase não tinham equipamento e trabalhava-se muito, até seis e trinta. Saía dali, descansava por dois ou três dias e faltava gente pra trabalhar. Faltava gente pra trabalhar. Então vieram mais gente chegando para Itajaí.

> *Em 1949. Claro eu não trabalhava no porto mas o meu pai já era estivador, eu sou filho de estivador. Os meus irmãos mais velhos também já eram estivadores e meu cunhado. Quer dizer uma família de portuários"...*[24]

> "(...) A madeira ali em Itajaí era demais. A gente trabalhava demais na madeira. E de 1962 a 1982/1983 era só madeira, era só madeira. O carregamento aqui era só madeira. Então chamava para cada porão de navio, (chama cada mão) chamava doze pessoas, doze elementos, doze estivadores. A gente ali só trabalhava na madeira: pegava às sete da manhã, largava às onze. Pegava às onze e trinta e largava às dezoito e trinta. Depois pegava das dezenove até as vinte-e-uma, vinte-e-duas até vinte-e-três. Depois pegava à meia-noite e ia até às seis da manhã.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Quando eu entrei na Estiva, aonde é hoje a FIAT, tem aquele pátio vazio ali, era uma madeireira. Como é que se chama?... (pausa) Ali passava o trem. Havia o trem que vinha lá de cima, lá do oeste, vinha. Entrava com madeira, fécula, para descarregar direto no navio.

Porque o Porto mesmo começou com carroças, depois passou para tratores carregando madeira, depois o trem. Teve uma época muito importante, o Porto de Itajaí: inclusive onde hoje é o Sandri Palace Hotel, no bairro Fazenda, era uma das maiores madeireiras que exportavam. Mandavam para os navios. Tinha o Zarling (empresário da madeira)... Então o Porto ali teve uma grande importância, foi muito importante o porto. E hoje, o porto ainda é 90% da arrecadação de Itajaí.

> *Então... e graças a Deus, a gente viveu bem, vive bem. Eu e minha família, a gente vive bem devido ao Porto, o que eu tenho hoje é devido ao Porto; só que agora estão sendo menosprezado, maltratado por causa de política.(...)"*[25]

Embora os depoimentos que apontam a importância do porto de Itajaí tenham ficado restrito ao econômico, pela "Porta do Vale" também chegavam as idéias, as "novidades", como muito bem lembrou Telma de Souza ao apresentar o trabalho de Gitahy:

> *"Os portos são portas abertas* para o mundo e por isso, naturalmente, transfundem experiências que não ficam apenas nos campos operativos e econômicos. As idéias progressistas vão e vêm com as cargas dos navios, tornando as cabeças independentes inquietas por renovações".*[26]

As idéias "novas" chegavam a Itajaí através do porto, no início do século XX. Algumas pessoas, que mais tarde se tornariam líderes sindicais, haviam trabalhado em portos nos EUA, outros eram marítimos que na Europa conheceram as idéias socialistas e comunistas. Pereira Neto, *"Quengo"*, foi um dos que trabalharam nos EUA., no porto, por ocasião da Primeira Grande Guerra. Joaquim Lopes Corrêa foi outro que tomou contacto com outras ideologias no exterior e trouxe-as para Itajaí e região:

> *"(...) As idéias comunistas e socialistas, elas aparecem no começo dos anos 20, trazidas por marinheiros, marítimos, ditos de linha-de-fora. Isto é, gente que viajava para fora do Brasil, que na Europa e nos E.U.A tomou contato com essas idéias socialistas e com a forma de atuação política do operariado, de organização sindical*

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

e de atuação política ao mesmo tempo. Obviamente eram pessoas que tinham uma grande sensibilidade para com as questões sociais principalmente do trabalhador. Esse pessoal depois desembarcava, ficava em terra e ia atuar no meio operário, portuário de beira-de-cais (...)"[27]

Através do porto chegavam as notícias que davam um panorama nacional e internacional. O senhor *"Tagino"*, nascido em 1908, vivenciou muito daqueles anos conturbados: Revolução Russa, Revolta do Forte de Copacabana, da Coluna Prestes... enfim, dos movimentos que afetaram, segundo ele, a organização dos trabalhadores no Brasil, nas primeiras décadas do século XX:

"(...) A Coluna Prestes foi em 22... Não. 22 foi Copacabana. Em 1924 foi aquela Revolução do Marechal Izidoro em São Paulo. Aí o Luiz Carlos Prestes saiu com a Coluna dele do Rio Grade do Sul... atravessou e internou-se lá na Bolívia... com as tropas tudo, com a coluna dele toda. Houve aquela Revolução do Luiz Carlos Prestes na Praia Vermelha. Eu vi aquelas coisas... Até era da diretoria da Estiva, era o segundo secretário"[28]

A memória privilegiada de *"Tagino"* foi além do vivenciado no momento do tenentismo. Como ex-comunista, opinou sobre a importância da Revolução Russa na organização dos trabalhadores brasileiros e também da importância da Revolta da Chibata , na organização dos trabalhadores ligados à faixa portuária:

"(...) Porque o comunismo ajudou muito. Em 1917 entrou o comunismo na Rússia com Lenine. Foi o primeiro ditador lá. Tinha ditador lá. Tinha eleições, mas era diferente... Então ajudou muito. Ajudou. Indiretamente. O operário foi abrindo mais a cabeça... prá reivindicações... essas coisas. E aquela Revolução da Marinha, no Rio, em 1910, com João Cândido, que era marinheiro, que entrou com navio e tudo lá dentro da Baía da Guanabara, pra bombardear o Rio de Janeiro; também ajudou. A condição de salário, trabalho... essas coisas todas..."[29]

No vai-e-vem das lembranças, ou na sincronia da memória, como preferem alguns, *"Tagino"* procura ordenar os acontecimentos, os personagens vivenciados e os fatos narrados pelos companheiros de partido, talvez, pois é certo que com apenas 02 anos de idade (em 1910) não teria como fixar na memória a epopéia de João Cândido; se bem que o porto deve ter trazido tais acontecimentos à Itajaí, como fizera com a Revolta da Vacina em 1904. Aliás, o nome do semanário "O Novidades" expressa bem a sua função: anunciar as

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

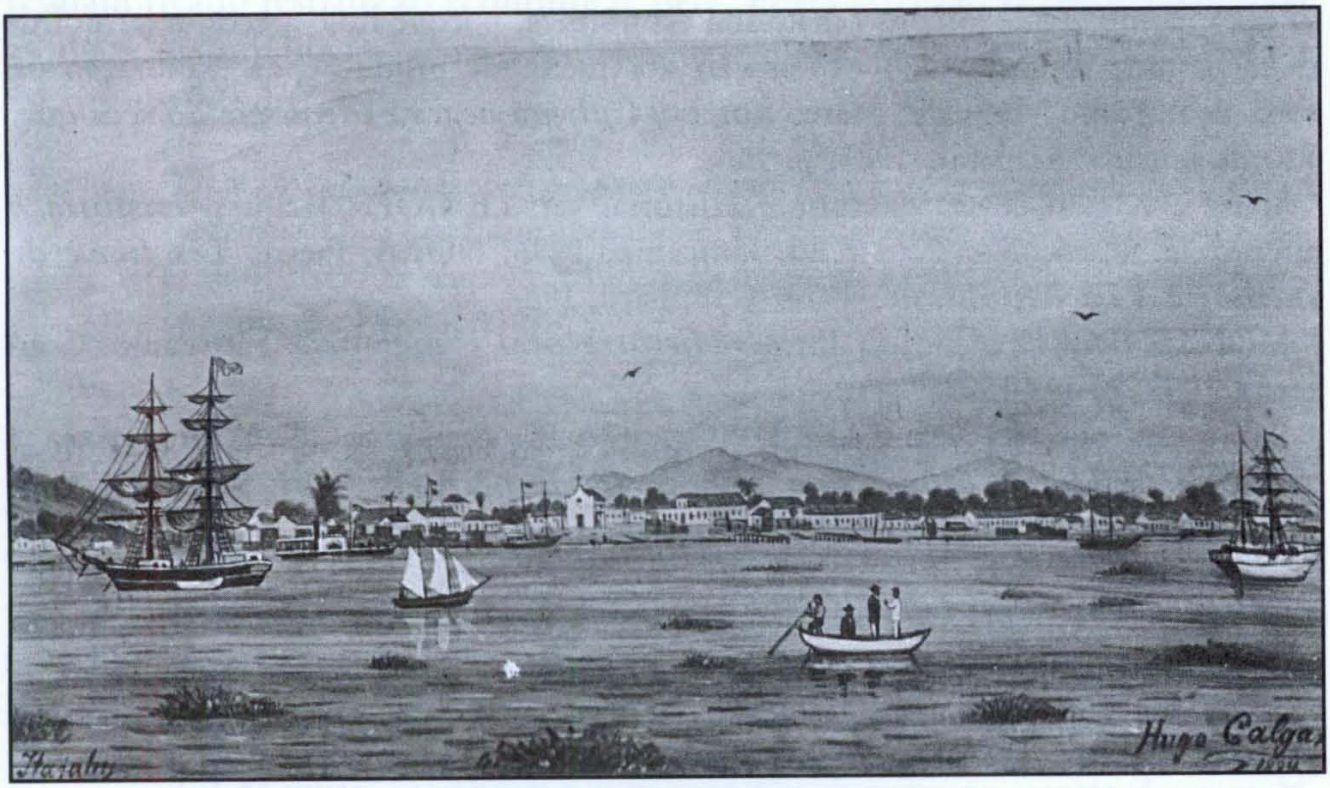
Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

novidades e a gama de acontecimentos que o novo século trazia, tanto da capital da República, como do exterior [30]

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 A Possibilidade de Uma Outra História

É neste porto, considerado a "Porta de Ouro" do Vale, que se constituiu desde o final do século XIX uma cultura operária ainda pouco investigada, e que não será objeto deste trabalho, mas que as fontes orais, sobretudo, têm apontado os embates entre capital e trabalho em torno do porto. Uma história que em boa parte se encontra na invisibilidade ou nos subterrâneos da história desta região do Estado de Santa Catarina. Trata-se, portanto, de "uma outra história", uma vez que a historiografia local tem privilegiado mais os grandes eventos, os grandes personagens, onde os demais personagens não passam de coadjuvantes. [31]



Vista do porto de Itajahy, pintura de Hugo Calgan - 1884.
Acervo Iconográfico do Arquivo Público de Itajaí - SC.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

NOTAS DE FIM

[3] PEDRO, Joana Maria. As transformações do comércio através do Porto de Itajaí: 1915 - 1950. In: HÉLADE Órgão Oficial da FEPEVI, Dezembro, n 5, Ano II, 1981.
[4] "A casa Asseburg foi local de várias coisas até Trud se instalar ali. Foi fundada em 1866 por Guilherme Asseburg, como empresa de comércio, importação e exportação. Depois, em 1881, passou a sede do vice-consulado Uruguaio, sucessivamente em 1882 do Consulado Argentino. De 1889 a 1904 de Consulado da Alemanha. Depois disso, já em 1921, dois incêndios fizeram com que seus proprietários abrissem falência. Dessa época para cá, a Casa Asseburg passou para outras mãos chegando até ao momento em que Trud pode comprar o ponto comercial" in: MACHADO, Ana Bela S. de Azevedo. ***Um dedo de prosa, um capítulo de história***. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí - Centro de Pós-Graduação, 1993 (Monografia), p. 29.
[5] Neste sentido, concordo com Marco Aurélio Luz, que ao estudar um segmento social considerado minoria, aconselha: "(...) e se o outro é colocado como objeto, como se poderá conhecê-lo como sujeito? Já existe aí uma grande deformação, pois não se trata de estudar o negro como objeto de ciência, mas a sua cultura e seu complexo civilizatório como fonte de sabedoria, da nossa sabedoria. Também não se pode compreendê-lo como máquina econômica, porque hoje a economia política já permite discriminar a exploração dos meios de produção da exploração da força de trabalho." In: LUZ, Marco Aurélio. ***Cultura negra e ideologia do recalque***. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983, p. 16.
[6] Sobre a relação entre Memória e História, ver: LE GOFF, Jacques. ***História e memória.*** 4º ed.. São Paulo: Ed. Unicamp, 1996; NORA, Pierre. ***Les lieux de memóire***. I ***La République***. Paris: Gallimard, 1984.
[7] MONTENEGRO, Antonio Torres. ***História oral e memória***. São Paulo: Contexto, 1992, p. 149-150.
[8] Sobre esta questão, ver. CABRAL, Oswaldo R.. ***Brusque: Subsídios para a História de Uma Colônia nos Tempos do Império***. Brusque: Sociedade Amigos de Brusque - 1 Centenário de Fundação da Colônia, 1960.
* Grifo meu.
[9] SEYFERTH, Giralda. ***A colonização alemã do Vale do Itajaí-Mirim***. Porto Alegre: Movimento, 1974, p. 99. Sobre a importância do Porto na implantação da colônia de imigrantes italiana no Vale do Itajaí, Ver: FINARDI, José E. ***Colonização italiana de Ascurra: 1876 - 1976***. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1978.
[10] HERING, Maria Luiza Renaux. ***Colonização e indústria no Vale do Itajaí.*** Blumenau: Furb, 1987, pg. 60 e 63.
[11] ITAJAÍ DO PASSADO. In . ***Blumenau em cadernos***. TOMO IV, junho de 1961, n 6, p.116.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

[12] FALCÃO, Luiz Felipe. Itajaí vai à guerra. In: ***Revista Alcance***, Itajaí, Universidade do Vale do Itajaí, Vol 1, n 3, julho de 1995 Ver também: BARRETO, Cristiane Manique. Entre Laços E Nós: Formação e Atuação Das Elites No Vale Do Itajaí (1889/1930), Porto Alegre: UFRGS (Dissertação De Mestrado), 1997. SEVERINO, José Roberto. Itajaí E A Identidade Açoriana: A Maquiagem Possível, Florianópolis: UFSC (Dissertação De Mestrado), 1998.

[13] O jornal O Pharol, de 14 jul.1905 noticiava que o ministro da Indústria e Viação Dr. Lauro Severiano Müller, expedia instruções para a organização do projeto do Porto. Natural de Itajaí, Lauro Müller foi governador do Estado e deputado federal por três mandatos e outros cinco de senado, antes de ser ministro da Viação e Obras Públicas.

[14] ESTATUTO da Sociedade Beneficente 15 de Novembro. Cap. I , Artigo 2, Parágrafo 1. In: O PHAROL. Itajaí, 18 set. 1908, p. 4.

[15] PEDRO, Joana Maria. Op. Cit. p.61.

[16] JORNAL ITAJAHY. Itajaí, 14 ago. 1927.

[17] JORNAL ITAJAHY. Itajaí, 27 mai.1928.

[18] JORNAL DO POVO. Itajaí. 30 out.1943.

[19] PEDRO, Joana Maria. Op. cit. p.62.

[20] MEMÓRIA itajaiense - Entrevista com Dagoberto Blaese. In. JORNAL DO POVO. Itajaí. 23 mai.1987.

[21] DIÁRIO CATARINENSE. Itajaí. 15 jun. 1993 - SUPLEMENTO ESPECIAL.

[22] Entrevista com Vilna Corrêa Pretti, 82 anos, realizada a 07 mar. 1997.

[23] Entrevista com Juvenal Pedro Mafra, 92 anos, realizada a 25 fev. 1995.

[24] Entrevista com Amaro Pereira, 60 anos, realizada a 24 nov. 1996.

[25] Entrevista com Júlio César dos Santos, 55 anos, realizada a 25 mar. 1997.

* Grifo meu.

[26] GITAHY, Maria Lucia Caira. ***Ventos do mar: Trabalhadores do Porto, movimento operário e cultura Urbana em santos, 1889 - 1914.*** São Paulo: UNESP/ Pref. Municipal de Santos, 1992, p.06.

[27] Depoimento do Diretor do Arquivo Histórico de Itajaí, Historiador Edison D'Ávilla. In: GARCIA, Daniele H. et alii. ***Comunas: a história vermelha de Itajaí.*** Itajaí: Faculdade de Comunicação e Artes - Univali, 1996 (Trabalho de Conclusão de Curso- Documentário em Vídeo).

[28] Entrevista com Tarquino Vieira, 'Tagino', 88 anos, em 21 de junho de 1996.

[29] Idem.

[30] O semanário Novidades foi fundado em 1904 e circulou até 1922, com um breve intervalo de 1919 a 1920.

[31] Sobre a historiografia Catarinense. Ver. WOLFF, Cristina Scheibe. Historiografia Catarinense: Uma Introdução Ao Debate. In. Revista Catarinense de História. Florianópolis, n. 2, 1994,p.5 -15.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

A sabedoria de Paulino em chistosa entrevista a Mano Jango.

*TEXTO: AURÉLIO SADA**

O incrível Paulino, "vulgo" Roberto Paulo de Limas (com "s" mesmo), fez histórias no futebol da cidade (e fora dele).

Pouco chegado ao trabalho, jogador de sinuca por "vocação", Paulino andou, por algum tempo de sua vida, exercendo a profissão de "lavandeiro", dando motivos de sobra a que se falasse abertamente sobre o feio hábito que diziam ter, de usar em festivos fins-de-semana para ele, ternos de qualidade - e na medida certa - pertencentes a quem confiava na competência de um experiente lavador de roupas.

Críticas e gozações à parte, o folclórico Paulino era boa-gente, mas, para os falsos moralistas, um malandro desocupado, desmoralizado, sem qualificação alguma.

Poucos o respeitavam como ser humano, divertindo-se em humilhá-lo sempre que possível, simplesmente porque era negro.

Por esse "pecado", Paulino pagou preço alto, sendo ofendido, achincalhado e espancado em vários estádios, até mesmo por dirigentes e jogadores aparentemente incapazes de recorrer a procedimentos tão degradantes.

Paulino cometeu burradas de todo tipo, usou o apito para entregar-se à prática de gestos teatrais e espalhafatosos, erros absurdos, mas nada disso, comum em arbitragem de futebol, podia justificar reações descabidas de cartolas, jogadores e torcedores.

Sempre exposto ao desrespeito, deboche, zombaria e rancor de pretensos defensores de preceitos morais, com todos os seus defeitos Paulino chegou a exercer o comando do problemático departamento de árbitros da L.B.F, lá pelos idos de março/

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

62. Justamente quando a entidade tinha a presidi-la o saudoso desportista Benjamim Margarida, de cuja paixão pelo G.E.O Paulino fora vítima ao apitar, anos antes, um clássico da cidade, levando cabeçada e sendo arrastado alguns metros, pelo ímpeto incontrolável do dirigente grená.

Investido na árdua função de "manda-chuva" do órgão-problema da Liga Blumenauense de Futebol, Paulino ministrava aulas e submetia juízes e bandeiras a exames teóricos e práticos (sabe lá o que é isso?!).

Às vezes - e isso acontecia e acontece a cada um de nós -, Roberto Paulo de Limas se convencia de que o bom da bebida não é o gosto, mas o efeito. Não foi por outra razão que, subindo a escadaria do prédio-sede da L.B.F devidamente "lubrificado", numa noite de novembro de 63, após desacatar o presidente Ayres Gonçalves, acabou tomando, além da "purinha", suspensão por tempo indeterminado.

Muito se falava na época que, escalado para arbitrar mais um clássico da rivalidade, quando procurado, onde quer que fosse, por dirigentes "especializados" em comprar a honra alheia, Paulino já estava "comprometido" com quem o procurara mais cedo.

Os canalhas andavam à solta nos bastidores (ou fora deles) do futebol, pagando o que fosse preciso pela fraqueza dos necessitados.

Seja como for, Roberto Paulo de Limas foi personagem marcante e popularíssimo de um saudoso período do futebol blumenauense, que teve dias agitados devido ao eterno e intrincado problema das arbitragens.

Entrevista Jocosa

Atento a tantos "rolos" nos quais se envolvia o apitador, Mano Jango sempre o tinha como um dos personagens preferidos de suas colunas esportivas, nunca tomado pela intenção de desmoralizá-lo. Mano Jango não era assim. Muito pelo contrário.

Certo dia, livre de obrigações funcionais, fui à casa de Mano Jango, a convite dele, para tomar conhecimento de um trabalho magnífico, nascido da fértil imaginação do jornalista.

Entre notas perdidas na confusa papelada de sua mesa de redator doméstico, Mano passou a mão num jornal que guardava (a seu modo) para mostrá-lo a amigos. Para ele, um verdadeiro tesouro.

Dito jornal (Cidade de Blumenau), edição de 19 de junho de 1943,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

estampava em uma de suas páginas matéria assinada pelo autor de "Bolas Quadradas", envolvendo a figura de Paulino-jogador, não o Paulino que anos mais tarde se tornaria árbitro. Ele também andou às voltas com a bola, atuando no Brasil com o apelido de Fritz.

Vamos à transcrição completa dessa matéria, uma alegre entrevista publicada há mais de 59 anos:

"sensacional entrevista de Paulino (Fritz)".

Sua vida Esportiva - Suas Predileções - Como Paulino Perdeu os Dentes - Paulino Boxeador - A Origem do Apelido "Fritz" - Outras Notas

Reportagem de MANO JANGO.

O encontro se deu no Pingüim, quinta-feira última.

- Paulino, pode ser uma entrevista para a "CIDADE"?
- Se é verdade mesmo, pode; mas, se é brincadeira, não amola...
- Não! Não é brincadeira não.
- Então vá lá... De que se trata?
- É de futebol, eu quero saber desde o dia que começaste a jogar, até hoje, tudo o que se passou na tua vida esportiva, para depois contar aos teus "fãs".
- Bem, Mano. Eu comecei a jogar no juvenil do Blumenauense, em 1934. Ia tudo muito bem até que, um dia, dei o "teco" (Paulino quando fala é o tipo do carioca) e fui para o juvenil do Brasil. Isto aconteceu em 1936, mais ou menos. No Brasil, depois de algum tempo, fiz uma "briguinha" e fui suspenso, por um ano. Era presidente o Te. Paulo Lopes. Terminada a suspensão, voltei ao Brasil, mas, desta vez, para jogar no 2° quadro. Neste joguei até 1939, data em que fui servir o exército, no Rio de Janeiro. Ah! Meu filho! O Rio... Bem, estamos falando é de futebol... De volta do Rio eu já era um elemento aproveitável para o 1° quadro. Eu não fui aproveitado mesmo, porque, devido a uma "surmenage", o médico proibiu-me de jogar por três meses. Passados estes três meses, inscrevi-me no 2° quadro para disputar o campeonato de 1942. Não fomos campeões devido a falta de arqueiro. Este ano entrei como "arqueiro" do "nosso" segundo e nos sagramos campeões do torneio início. Agora, com a falta de ponta-esquerda, sou, nesta posição, titular do "querido" bi-campeão da L.D.B.. Tens aí, um resumo, da minha vida esportiva desde o início até a data de hoje.
- Muito bem. Agora quero que me respondas umas perguntas, em geral.
- Qual foi a tua maior emoção no futebol?

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

- Espera. Deixa me lembrar ... Ah! Estás vendo estes quatro dentes que faltam aqui?

- Os dentes não, a falta sim.

- Pois é. A minha maior emoção foi quando, jogando no juvenil do Brasil, o Margarida, deu uma cabeçada, me fez engolir os quatro. Ele é careca por causa disso ...

- Quais são seus autores prediletos?

- Freud, Emilio Zola, Pereira Jor, Machado de Assis e Luiz Reis ...

- E as leituras preferidas?

- Filosofia, História do Mandrake, Psicanálise, Almanaques, Biografias, e a Cidade de Blumenau. ...

- Qual o teu divertimento predileto?

- Passar roupa a ferro (Não !!!).

- Em matérias de esportes; só praticas o futebol?

- Não. Sou, também, lutador de boxe. Ainda há pouco tempo, quando o Maneca e Demaria foram empresários, lutei contra o "Gigante Adamastoire". Desisti da luta por conhecer a fraqueza do adversário...

- Ah! Uma coisa de que ia me esquecendo. Por que te chamam de Fritz?

- Também não sei. Talvez questão de "cor"... Ariomania.

- Tens alguma superstição?

- Tenho.

- Qual é?

- Não começo a passar roupa sem o ferro estar quente ..

Eu ia fazer outras perguntas, mas, no momento, entrava no Pingüim um rapaz com uma "nota" na mão e o Paulino sumiu pela porta dos fundos ...

Diagonal

Já como árbitro, Paulino tornou a ser "prato cheio" para o nosso incomparável Mano Jango, no "Bolas Quadradas" de 7 de julho de 1953, senão vejamos:

Domingo, na arquibancada do Palmeiras, surgia a questão da arbitragem pela diagonal. Chamado para dar a palavra final, o conhecido juiz Paulino, após mil explicações, deixou a turma no mesmo:

Disse- me em tom natural
O Paulino no outro dia
Não conhece diagonal
Quem não sabe "geografia".

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Autores Catarinenses

Garimpeiro das letras

ENÉAS ATHANÁZIO[1]

Iaponan Soares é um antigo e incansável pesquisador de nossa literatura. Nem havia eu estreado em livro, no início dos anos 70, e já andava ele a publicar ensaios e organizar antologias, atividades que continua a exercitar com permanente dedicação. É um garimpeiro das letras, sempre com a bateia entre as mãos, removendo o leito sedimentado por onde se espraiam as letras catarinenses, procurando afastar o cascalho e extrair algumas pepitas que, depois de lapidadas, recolhe ao **arcaz** em cujos gavetões guarda as preciosidades. Cada um de seus livros é um deles, repleto de achados que vai exibindo ao leitor com a satisfação de quem põe à mostra seus guardados.

Em seu mais recente gavetão, isto é, livro publicado são incontáveis os achados que exibe aos curiosos das coisas da literatura e da vida literária no chão catarinense. "Virgílio Várzea & Outros", tendo como subtítulo "Literatura e Vida Literária em Santa Catarina no Século XIX e início do Século XX" (Letras Contemporâneas - Florianópolis - 2002) é um conjunto de ensaios breves, mas nem por isso fáceis ou simplistas, que desvendam um mundo de acontecimentos insuspeitados pelos catarinenses em geral, revelando a efervescência do meio cultual naquele período, às vezes turbulento, mas sempre curioso e rico, reavivando

1 Escritor e Advogado.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

passagens importantes que poderiam se apagar da memória histórica não fosse o faro desse faiscador sem cansaço. Graças a ele, detalhes incontáveis estão a salvo da inclemência do tempo e do esquecimento.

Abrindo o desfile, surge Virgílio Várzea, aquele que mereceu a mais volumosa abordagem. Nessas páginas a ele dedicadas o ensaísta se debruça sobre a história e a ficção na obra do escritor, o recurso da memória, o desaparecimento da musa, a influência de Eça de Queirós, com quem teria tentado uma aproximação, o mistério reinante sobre o livro "Miudezas" e o sabor da aventura que cerca "O Brigue Flibusteiro", apontado como um dos melhores livros do ano em que foi publicado. O tema desse romance chegou ao conhecimento do autor no período em que ele viajou por três anos pelos oceanos Atlântico e Índico, integrando a tripulação de um navio espanhol. Merece destaque a página que recorda a polêmica entre **novos** e **velhos**, através dos jornais, em conseqüência da qual Eduardo Nunes Pires tentou "a todo custo, socar pela boca do jovem Virgílio Várzea o recorte do jornal que estampava os versos provocativos" (Pág. 36). O episódio teve ampla repercussão, pontilhando a "guerrilha literária" que eclodiu como uma espécie de Questão Coimbrã desterrense. Naqueles dias os embates de idéias incendiavam os corações e, às vezes, levavam até ao desafio para duelos. Hoje só haveria o encolher de ombros da indiferença.

O gaúcho Raul Bopp, celebrado poeta de "Cobra Norato", conquista espaço no livro por conta de um poema que escreveu sobre a Ilha - "Florianóspi", - um "registro lírico da capital catarinense em 1928" (Pág. 71), cujo texto é transcrito na íntegra. O poema, no entanto, foi eliminado da obra pelo próprio autor. É que, dizia ele, "teria sido mal interpretado por algumas pessoas que naqueles versos só encontraram um deliberado propósito de ridicularizar a terra e a gente catarinense. E para não ferir mais suscetibilidades, "Florianóspi" foi retirado de circulação..." (Pág. 73). O poema nada tem de ofensivo, é antes uma peça

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

impressionista do que o autor sentiu, mas a censura da opinião pública surtiu efeito.

Curiosas também foram as relações de Araújo Figueredo (sem **i**) com o espiritismo. Segundo o ensaísta, mais que seus livros foram suas curas que o tornaram conhecido e amado pelos contemporâneos. As notícias dessas curas corriam de boca em boca e a casa do poeta se transformou num consultório onde ele dava conselhos e remédios, por isso cada vez mais concorrida, em especial pela gente pobre. Os poderes mediúnicos do poeta caíram na boca do povo, geraram estórias e lendas, provocaram denúncias à Saúde Pública e deram o tom pitoresco, alheio ao campo literário, à biografia do autor de "Madrigais" e "Ascetério." Além de tudo, por pouco não foi fuzilado durante a Revolução de 93, tendo que buscar asilo em...Tijucas! Para lá fugiu, vestido de mulher, mas as perseguições não cessaram e foi forçado a retornar ao Desterro, onde sobreviveu com o disfarce de... mendigo! Desconheço páginas memorialistas escritas pelo poeta, mas a vida dele, sem dúvida, daria um romance.

Outros autores surgem no livro, abordados sob os mais variados e curiosos ângulos. Assim acontece com Oscar Rosas, Horácio de Carvalho, Duarte Schutel, os irmãos Nunes Pires, João Silveira de Sousa, Silva Mafra, Delminda Silveira, Carlos de Faria, Luís Delfino e outros tantos, inclusive os "três desterrados" - Carl Seidler, Josep Hoermeyer e José Mascarenhas. O segundo deles previu, em visão profética, um brilhante futuro para Itajaí, Joinville e a Ilha. Inúmeros outros aspectos e temas são tratados, tornando impossível focalizá-los a todos neste comentário.

Deixei para o final, muito a propósito, duas figuras estudadas no livro porque me são muito caras - Altino Flores e Othon D'Eça. Não conheci o primeiro em pessoa, mas comentei num jornal, na época do lançamento, seu livro "Sondagens Literárias." Desde então nos

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tornamos amigos e por ocasião de uma malfadada candidatura ele, muito doente, enviou através da filha o recado de que me dava o apoio, o que muito me surpreendeu. Quanto ao segundo, exerceu atividades profissionais em minha terra, onde se tornou amigo de meu pai. Quando fui estudar em Florianópolis, eu o encontrava com freqüência e nessas ocasiões ele não se cansava de repetir que eu "parecia o Athanázio quando jovem", referindo-se, é claro, a meu pai. Abraçava-me com emoção, revelando sempre sentida saudade do amigo de juventude. Fui depois seu aluno na Faculdade de Direito e, muitos anos mais tarde, prefaciei o livro "Aos Espanhóis Confinantes!", de sua autoria, para a coleção das Obras Completas, editadas pela FCC (*). Em 2000, mais uma vez o acaso nos uniria: recebi o "Prêmio Othon D'Eça", por ter sido eleito o escritor do ano pela Academia Catarinense de Letras.

Em "Uma conversa à margem do tempo", Altino Flores aparece numa entrevista fictícia em que Iaponan Soares formula as perguntas e vai buscar as respostas na própria obra do autor, versando, acima de tudo, a crítica literária, da qual o entrevistado foi um militante constante e rigoroso. Mas ele se reporta também ao próprio pai, ao seu projeto de vida, ao jornalismo cultural, que exerceu por longo tempo, aos remanescentes do grupo de Cruz e Sousa, ao sucesso no campo das letras, à polêmica com o bispo D. Joaquim Domingues de Oliveira a respeito de Renan, de cujas idéias discordava, mas assumiu sua defesa ao vê-lo injustiçado, e, por fim, seu "evangelho" de crítico literário. "A minha reação ante as consagrações fáceis pode indicar tudo quanto quiserem os que por ela se sentem incomodados: mas as pessoas cultas e sensatas hão de reconhecer que ela representou sempre contraposta à apologia dos tolos e à vitória da petulância sobre o talento" - resumiu-se ele.(...)"A estimativa do mérito e do demérito (na literatura) começa no momento em que a carcaça do indivíduo é entregue à podridão tumular" (Pág. 53).

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Afastando-se da vida pública, "distanciou-se também da vida literária catarinense, pela qual nunca mostrara a menor afeição. Enfarado do convívio mundano, recolheu-se entre os seus livros à espera da última viagem, num exílio voluntário só pouquíssimas vezes rompido" (Pág. 40). Erudito, culto, sensível, duro e justo nos seus julgamentos. Altino Flores foi um crítico como poucos. Sua projeção não foi mais ampla porque exercitava na Província o áspero ofício.

Em "Othon D'Eça, múltiplo", Iaponan destaca vários aspectos desse intelectual que foi jurista, contista, memorialista, poeta, articulista, agitador cultural, professor e homem público. Mostra como ele "procurou a seu modo neutralizar junto aos confrades da Academia Catarinense de Letras o horror que as idéias modernistas lhes causavam. Gradativamente foi divulgando nesse espaço (suplemento "Letras e Artes", do jornal **O Estado**, que dirigia) poemas dos modernistas menos radicais como Menotti Del Picchia, Ribeiro Couto, Caio de Melo Franco e outros" (Pág. 59). Também fazia observações sobre a arte moderna, em sua coluna, sem adesão incondicional, mas entendendo a mudança dos tempos. Sem sua atuação, é certo que o modernismo tardaria ainda mais a chegar nestas bandas.

Durante a Revolução Federalista sua família sofreu sérias perseguições, tendo o escritor perdido o avô e um tio, ambos fuzilados em Anhatomirim. A família fugiu para a Bahia, onde ele foi batizado. Essas passagens biográficas foram reveladas através de Cesário Braz, pseudônimo que usava em muitos escritos da época. Participou da obra coletiva " No Mistério da Noite", que obteve sucesso na imprensa do Desterro, sendo ele o co-autor que Iaponan identifica na letra "O", sendo "T" de Tito Carvalho e "N" de Gustavo Neves, os outros autores (Pág. 65).

Episódios dos mais curiosos aconteciam, gerando atritos e polêmicas. Altino Flores, crítico literário, desentendeu-se muitas vezes com os medalhões da terra e até mesmo com seus companheiros de

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

geração. Numa de suas crônicas fez comentários que Othon D'Eça julgou dirigidos a ele e se ofendeu, respondendo de forma agressiva no número seguinte, ameaçando o adversário de maneira violenta. Dias depois Altino Flores foi procurado por um emissário que lhe comunicou ter Othon D'Ela convidado a ele e a outro para padrinhos no duelo que travaria com Altino, escolhendo como arma a espada. O desafio provocou muito comentário e divertiu a valer todos que acompanhavam os incidentes, mas não passou disso. "Para tranqüilidade de todos, o próprio desafiante, coração boníssimo, logo voltou para o Rio de Janeiro, onde concluía o curso de Direito e logo esqueceu tudo" (Pág. 68).

Concluindo, diria que o livro de Iaponan Soares é um inesgotável manancial de informações sobre nossa vida cultural, além de constituir um agradável exercício de boa leitura. Valeu.

(*) O prefácio foi publicado também em meu Livro "Adeus, Rangel!", ensaios, Balneário Camboriú/SC, Editora Minarete, 1994.

LITERATURA NO ENTRE-RIOS

Convidado por professores e alunos, passei um dia inteiro na "Escola Básica José Cesário Brasil", no município de Celso Ramos, entre os rios Pelotas e Canoas, na região dos Gerais Catarinenses. O evento se chamou "O dia na escola com o Autor" e foi organizado com muito cuidado, revelando como estudaram com interesse minha obra e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

até minha vida. Alunos de várias idades interpretaram contos meus, narraram alguns deles, inclusive dos mais longos, e com incrível precisão, e teatralizaram outros, tudo realizado com dedicação e sentimento. Também interpretaram um episódio infantil de Monteiro Lobato, apresentaram danças folclóricas e tradicionais, além de terem feito inúmeras perguntas, muitas delas curiosas e surpreendentes. No final da tarde visitei a "Escola Municipal de Santo Antônio", onde o contato com os alunos foi muito bom e as perguntas variadas e desinibidas. Fui entrevistado pela rádio de Celso Ramos, visitei recantos do município, inclusive a prefeitura, o campo de esportes e a usina que está sendo construída na divisa de Campos Novos. Merece lembrança ainda o lauto almoço caseiro que foi oferecido, a mim e minha esposa, ao qual compareceram inúmeras pessoas numa confraternização alegre e descontraída. Meus livros, existentes na biblioteca da Escola, revelam as marcas do intenso manuseio. O "Grêmio Estudantil" da Escola Cesário Brasil leva o meu nome. Os professores Nilcéia, Marcos e Ângelo foram incansáveis e a hospitalidade perfeita. Fomos inclusive transportados de Campos Novos até Celso Ramos e no retorno, transpondo a incrível ponte pênsil construída sobre o rio Canoas. Foi, enfim, um evento que deixou lembrança e que deveria servir de exemplo para tantos municípios com mais recursos e que, no entanto, pouco ou nada fazem pela cultura literária. Valeu!

A RBS TV está anunciando entre suas "Curtas Histórias Catarinenses" a estréia do filme "Izaura", inspirado em meu conto "Poço da Bica." É um de meus mais lidos, comentados e publicados contos, integrante do livro "Meu Chão", uma história de amor impossível vivida pelo controvertido personagem Janary Messias, presente em

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

tantos outros casos meus. Espero que o filme agrade, embora seja outra linguagem e a adaptação provoque inevitáveis alterações.

PERENIDADE DA PALAVRA

O "Grupo Literário **A Ilha**" nasceu em São Francisco do Sul, onde atuou por vários anos, depois se transferiu para Joinville e hoje tem sua sede em Florianópolis. Com o correr dos anos se transferiu de uma para outra ilha.

Seu criador e líder é Luiz Carlos Amorim, cronista, poeta e articulista, incansável agitador cultural. Tem vários livros publicados, alguns com mais de uma edição, e edita o "Suplemento Literário **A Ilha**", com muitos números publicados.

A preocupação de Amorim com o livro é tocante. A produção do livro, sua confecção, distribuição, venda, acesso ao grande público, bienais e feiras que o levem aos leitores, tudo isso é permanente em suas cogitações. O livro como instrumento de difusão da cultura e como meio de perenizar a palavra, no Brasil e em nosso Estado. Em função disso, não hesita em colocar sua criatividade, participando de eventos, organizando lançamentos, propagando. Sua fé no livro e seu futuro é contagiante.

Quanto às bienais e feiras, no entanto, confesso meu ceticismo. Freqüentador assíduo desses eventos, venho observando o que ocorre, anotando seus resultados e conclusões. É verdade que as bienais, em especial a de São Paulo, vendem grande quantidade de livros, mas, em proporção à população do país, é um nada. Existe uma minoria ínfima que lê muito e uma maioria imensa que não lê nada. Por outro lado, a grande maioria dos títulos vendidos é de livros técnicos, didáticos e para-didáticos, científicos e de auto-ajuda, além de subliteratura, de forma que o espaço para obras de qualidade é mínimo. As editoras, em

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sua maioria, aproveitam o ar festivo para desovar o rebotalho e os encalhes.

Aqui no Estado as coisas não são diferentes, talvez até piores. Na última feira de Florianópolis, nas duas vezes em que a visitei, em dias e horários diferentes, tudo estava às moscas. Os vendedores com os quais conversei não escondiam o desalento. As chamadas "editoras oficiais", estas então não venderam nada, o que me leva a pensar porque tais entidades existem e continuam a publicar com recursos públicos coisas que ninguém compra, livros que permanecem desconhecidos, meio secretos. Nos lançamentos a que tenho ido a vendagem é mínima, às vezes ridícula. Nosso Estado é um vazio de leitores e nas bienais a freqüência de catarinenses é sempre diminuta.

Como se isso não bastasse, salvo três ou quatro exceções, não temos livreiros. As livrarias são fracas e atendidas por vendedores que não são livreiros, sem ligação com o processo cultural e desinteressados dele, como se vendessem legumes no mercado ou barras de sabão na mercearia.

REVISTAS, LIVROS E ATOS

"Verdes Anos" é a nova revista que Yó e Cláudio Limeira estão lançando e cujo número pioneiro corresponde aos meses de maio/julho de 2003. Segundo os editores, ela é a retomada de um trabalho de dez anos realizado junto às escolas públicas e privadas, "com o mesmo propósito de despertar nas crianças e adolescentes o gosto pela leitura e pelas artes em geral, abrindo para elas mais uma porta para o mundo da criatividade." Trata-se, portanto, de uma publicação endereçada de preferência à juventude e a todos os envolvidos no processo educacional. E com esse nobre objetivo, a revista busca agradar aos olhos e aos sentimentos dos jovens leitores, estampando textos em prosa e verso, desenhos e ilustrações os mais variados, com uma exuberância que só

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

poderá cativar a todos que com ela tiverem contato. "Embora tenha um discreto caráter didático-pedagógico, - dizem eles, - não perde a revista o deslumbramento, o lúdico, a alegria e o encantamento das coisas descobertas." Estou certo de que a publicação atingirá seu alvo e conquistará inúmeros leitores, obtendo o sucesso merecido. Yó e Cláudio compõem um casal de incansáveis agitadores culturais cujo círculo de amizades se alarga pelo país. Ambos escritores, foram por muitos anos os responsáveis pelo suplemento "Correio das Artes", editado pelo jornal "A União", um dos mais antigos e melhores que existem. (Contatos: Rua Maria Pinheiro de Almeida, 1 0 2 - Castelo Branco I - 58050-040 - João Pessoa/PB).

Através da amiga Adriana Venturoso, estudiosa de Monteiro Lobato e sua obra, acabo de receber dois números da revista matogrossense de literatura "Vôte!" Com dez anos de existência, a revista é publicada na cidade de Cuiabá e tem como editores Wander Antunes, Heliara Costa e Amauri Lobo (editor de poesia). Com esmerada apresentação gráfica, ela estampa textos em prosa e verso, quadrinhos, fotos e ilustrações diversas, sempre com muito critério e reconhecido bom gosto. É mais uma publicação de qualidade que poderia ser mais conhecida, não fosse a míngua de espaços concedidos à cultura em nosso país. Seus realizadores estão de parabéns. (Contatos através do Grupo de Estudos de Cultura e Literatura de Mato Grosso - Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT).

Depois de longos anos ausente das livrarias, Rosário Fusco (1910-1977) está de volta. Poeta e ficcionista, líder do grupo da revista "Verde", de Cataguases, e um dos expoentes do Modernismo, teve pre-

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

sença destacada nos meios literários nacionais. Agora, a Ateliê Editorial, de Cotia/SP, está publicando seu livro "A. S. A. - Associação dos Solitários Anônimos", até aqui inédito. Segundo Luiz Rufatto, pouco antes de falecer o escritor havia declarado sua veneração pelo romance e que tinha vários livros prontos e sem editor, entre eles este que é publicado agora. O livro é um romance em que predomina o caráter subjetivo, com personagens (muito poucos) que se definem mais pelo modo de agir que pela descrição e no qual a ironia é uma constante. Nele o "enfant terrible", cujo desdém afrontava os "consagrados" da época, esgrime a técnica de chocar e alfinetar, sem qualquer preocupação de agradar ou não. Tanto os títulos do romance como os de alguns capítulos já revelam a irreverência do escritor, despertando no leitor aquela curiosidade que o leva a penetrar no texto com olhos ávidos de coisas novas e diferentes. E isso será encontrado, com certeza, nas páginas vibrantes deste romance que nos devolve uma das figuras mais talentosas de nossas letras. Ele foi poeta, romancista, ensaísta, tradutor, dramaturgo. (Contatos com a editora: rua Manoel Pereira Leite, 1 5 - Granja Viana - 06709-280 - Cotia/SP).

Meu amigo Carlos Guérios, auto-denominado pesquisador fenício, andou pelo Rio de Janeiro em demoradas pesquisas no acervo da Biblioteca Nacional. Lá encontrou, muito feliz, o livro "Impressões Militares", de autoria do general e escritor Dantas Barreto, figura conhecida nos meios políticos nacionais da época e que foi governador de Pernambuco. Nele se insere o capítulo "A Invasão do Paraná", onde o autor registra a marcha do 37º. Batalhão de Infantaria, sob seu comando, pelo interior do Paraná e de Santa Catarina com a intenção de barrar o avanço das tropas revolucionárias da Revolução Federalista. Quando, porém, chegam a Nonoai, é tarde; a vila fora invadida e

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

saqueada. A narrativa começa em 1894, com a chegada da tropa a Porto União da Vitória, assim denominada na época a cidade que se dividiria, mais tarde, em Porto União (SC) e União da Vitória (PR). Trata-se de relato muito curioso, revelando os precários meios de guerra daqueles tempos e as dificuldades inacreditáveis para o avanço dos soldados. A travessia do rio Uruguai pelas tropas, numa balsa à moda antiga, ante o perigo de um ataque de surpresa, é um dos bons momentos do relato, não escapando aos olhos do leitor o transporte de pesado canhão através das picadas, cerros e lamaçais da região. É um texto que fez a delícia do pesquisador incansável e que foi por ele integrado ao seu acervo. Dantas Barreto, quando governador, teve sérios atritos com Delmiro Gouveia, um dos pioneiros da industrialização nacional, como relatam os biógrafos do célebre criador da usina e fábrica "Estrela", na cidade de Pedra. Infere-se que tais atritos dificultaram em muito a ação do arrojado empreendedor.

"Revista de Divulgação Cultural", publicação da Universidade Regional de Blumenau (FURB), dedicou a quase totalidade de seu número 79 ao escritor português José Saramago, único Nobel de Literatura de língua portuguesa. A revista, com 150 páginas, reúne ensaios de diversos autores analisando a obra do escritor sob os mais variados ângulos, constituindo um grande manancial de informações a respeito do autor dos "Cadernos de Lanzarote." Saramago recebe assim uma justa e merecida homenagem em nosso Estado. A revista publica ainda trabalhos sobre outros autores e um caderno dedicado à literatura local. Estão de parabéns o Departamento de Cultura da FURB e sua diretora, Profa. Tuca Ribeiro.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

O 6°. Encontro Estadual de Escritores, realizado em Minas Gerais, no mês de julho, prestou homenagem ao escritor ZANOTO, pseudônimo de José de Souza Pinto, editor da página literária do jornal "Correio do Sul",publicada sem interrupção há mais de trinta anos e divulgando incontáveis autores brasileiros, dentre os quais muitos catarinenses. A página editada por ele é uma das mais antigas do país e tem cunho nacional, o que fez de seu editor um nome conhecido e respeitado em todo o território nacional. Foi uma homenagem das mais justas, pela qual tanto Zanoto como os realizadores do evento merecem nossas congratulações.

O vereador Ricardo Maranhão, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, apresentou projeto, já convertido em lei, que dispõe sobre a promoção, proteção, defesa e uso da língua portuguesa. Com base nos arts. 13 e 216, da Constituição Federal, o diploma legal estabeleceu o que constitui a língua portuguesa no município do Rio de Janeiro, medidas para promover, proteger e defender o idioma, locais onde seu uso é obrigatório, e condena a prática abusiva, enganosa ou danosa ao patrimônio cultural que é a língua. O art. 5°. determina que "toda palavra ou expressão, em língua estrangeira, ressalvados os casos excepcionados nesta lei, deverá ser substituída por palavra ou expressão equivalente em língua portuguesa cento e oitenta dias após a sua regulamentação." O descumprimento da lei sujeita o infrator a penalidades pecuniárias e sanções administrativas. Tanto o autor do projeto como a Edilidade carioca, que o aprovou por unanimidade, merecem aplausos pela iniciativa em defesa da língua, nosso maior patrimônio cultural, cuja defesa compete à União, Estados e Municípios. O tempo tem demonstrado que essa competência conjunta acaba sendo prejudicial,

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

uma vez que cada ente público fica aguardando as providências do outro e nada se faz. Neste momento histórico em que o idioma padece das maiores violências, os vereadores cariocas e em especial Ricardo Maranhão iniciaram um movimento que deverá ecoar em todo o país, criando uma sólida rede legal de proteção ao nosso bom português.

Por falar no Rio de Janeiro, registro aqui que nosso conterrâneo Godofredo de Oliveira Neto, professor e escritor, autor do romance "O Bruxo do Contestado", entre outros livros, proferiu palestra no Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, ocasião em que recebeu comovida homenagem dos integrantes daquela entidade de classe, à qual nos associamos.

Completou doze anos de circulação, no dia 26 de junho, o jornal cultural "O Boêmio."Editado pelo incansável Eduardo Waack, jornalista e poeta da cidade de Matão (SP), tornou-se uma das mais conhecidas publicações do gênero graças à qualidade de seu conteúdo e à independência de suas atitudes. Distribuído no início em bares e restaurantes, era um notívago contumaz, daí se originando seu nome. Tem publicado trabalhos em verso e prosa de inúmeros autores brasileiros e muitos estrangeiros. Publicou a antologia "O Melhor d'"O Boêmio", da qual tive o prazer de participar e comparecer ao festivo lançamento na simpática cidade paulista. Vão daqui os parabéns ao Eduardo Waack e a todos os que colaboram com esse suplemento aguerrido, livre nas posturas e corajoso nas opiniões.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Realizou-se em Florianópolis, com o apoio de importantes entidades, lideradas pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o VII Colóquio Internacional de História das Ilhas do Atlântico.Contou com a participação de renomados estudiosos do assunto, pesquisadores e docentes, abordando a história, desde a Companhia das Índias até o Século XX, o papel das ilhas nos organismos regionais, a inserção das ilhas no mundo globalizado, turismo, recursos naturais, legislação ambiental e urbanística, marketing turístico e outros assuntos relacionados às ilhas e regiões costeiras.Tanto o colóquio como o seminário foram muito prestigiados, despertando geral interesse e atingindo com plenitude seus objetivos. Pela primeira vez o evento foi realizado no Brasil, sendo escolhida para tanto a Ilha de Santa Catarina em virtude de suas peculiaridades urbanísticas, culturais e climáticas.

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R$ 80,00
- Exemplares avulsos: R$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
  R$ 15,00 (anos 60)
  R$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

( ) Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de **2004** (Tomo 45). Anexo a este cupom, a quantia de R$ .....,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

( ) Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos

( ) Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.

( ) Cheque - Banco: ..... Número do Cheque: .....

Dados do Assinante:

Nome:_____

Endereço:_____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-_____ Fone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

Promoção especial:

Antigos assinantes que queiram presentear alguma pessoa com uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos*, poderão fazê-lo através do pagamento de R$ 55,00 (valor reduzido).

( ) Sim, desejo dar de presente uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos* (ano 2004) para a seguinte pessoa:

Nome:_____

Endereço:_____

Bairro: _____ Cx. Postal: _____

CEP: _____-_____ Telefone para contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

_____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015–010 - – Fone: (47) 326-6990 – Fax (47) 222-2259

Blumenau (SC) – E-mail: funculbl@terra.com.br

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

TOMO XLV
Janeiro/Fevereiro de 2004 - Nº 1/2

Apoio Cultural:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert *(in memoriam)*

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU
TOMO XLV
Janeiro/Fevereiro 2004
NÚMERO 1/2

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense